



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - DOUTORADO

**O LÉXICO DO POMERANO NA SERRA DOS TAPES, RS**

**Daiane Mackedanz**

PORTO ALEGRE

2024

**Daiane Mackedanz**

**O léxico do pomerano na Serra dos Tapes, RS**

Tese de Doutorado em Sociolinguística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Karen Pupp Spinassé

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Carlos André Bulhões Mendes (Reitor)

Patricia Pranke (Vice-Reitora)

INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)

Márcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Elaine Barros Indrusiak (Coordenadora)

Elisa Battisti (Coordenadora Substituta)

---

CIP - Catalogação na Publicação

Mackedanz, Daiane  
O LÉXICO DO POMERANO NA SERRA DOS TAPES, RS /  
Daiane Mackedanz. -- 2024.  
132 f.  
Orientadora: Karen Pupp Spinassé.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. pomerano. 2. léxico. 3. variação linguística. 4.  
contato linguístico. I. Pupp Spinassé, Karen, orient.  
II. Título.

Daiane Mackedanz

O LÉXICO DO POMERANO NA SERRA DOS TAPES, RS

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Porto Alegre, 20 de outubro de 2023.

Resultado: Aprovado com conceito A.

BANCA EXAMINADORA:

---

Elisa Battisti

Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS)

---

Isabella Ferreira Mozzillo

Centro de Letras e Comunicação  
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

---

Luís Isaías Centeno do Amaral

Centro de Letras e Comunicação  
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

---

Karen Pupp Spinassé (Orientadora)

Instituto de Letras  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Dedico este trabalho ao meu pai, falante de pomerano, que infelizmente não pôde mais estar entre nós para partilharmos como sua língua é caracterizada. Dedico também à comunidade de Arroio do Padre, onde nasci, cresci e hoje ressignifico por meio de minha caminhada acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

À Coordenação e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras/Doutorado do Instituto de Letras, por fornecer o suporte acadêmico para realização deste trabalho e com isso auxiliar em meu crescimento profissional.

À minha professora orientadora, Dr.<sup>a</sup> Karen Pupp Spinassé, pela dedicação, apoio e carinho; por ter compartilhado comigo seus conhecimentos, sem os quais este trabalho não ganharia o mesmo significado; por me acalantar com palavras de sabedoria quando, por momentos, as preocupações, angústias e medos acabavam ganhando força. Muito obrigada!

Ao Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e ao Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) pelas bolsas de estudos em 2020 e em 2022, através das quais eu pude aperfeiçoar meus conhecimentos em língua alemã nível C1.1 e realizar estadia de pesquisa acadêmica em uma universidade alemã. Ambas as oportunidades sedimentaram a pesquisa.

À Universidade de Greifswald, Alemanha, pela recepção e acolhida de minha pesquisa em novembro de 2022.

Ao *Institut für Deutsche Philologie* (Instituto de Filologia Alemã) e ao *Kompetenzzentrum für Niederdeutschdidaktik* (Centro de Competência para Didática do Baixo-alemão) na Universidade de Greifswald, Alemanha, pela oportunidade de participar dos seminários e das aulas sobre literatura, língua e didática para o baixo-alemão (*Niederdeutsch*). Foi uma experiência enriquecedora teórica, empírica e pessoalmente.

Ao professor Dr. Matthias Vollmer pela acolhida na Universidade de Greifswald, Alemanha, e pela orientação assertiva e dinâmica junto ao acervo do Dicionário Pomerano.

À Coordenadora do *Kompetenzzentrum für Niederdeutschdidaktik*, Dr. Birte Arendt, e às respectivas professoras Ulrike Stern e Antje Köpnick, da Universidade de Greifswald, Alemanha, pela receptividade em suas aulas, acolhida carinhosa e discussões muito produtivas acerca do pomerano.

À minha família por me apoiar em todos os momentos e acreditar na minha capacidade.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, especialmente Elisa Battisti, por não somente ministrarem as disciplinas, como também indicar os diferentes e incríveis caminhos que a língua pode traçar.

Aos informantes da pesquisa por abrirem carinhosamente a porta de seus lares e dividirem comigo suas experiências.

À minha mãe, Leonora Goldbeck Mackedanz, pelo apoio incondicional e por me auxiliar com as transcrições dos dados em pomerano.

À Gisleia Simone Devantier Blank pelo apoio e suporte durante a pesquisa na Alemanha.

E a todos e todas que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

## RESUMO

A presente pesquisa de doutorado aborda a variabilidade quanto aos nomes (nível lexical) em pomerano, uma língua de imigração germânica falada nos estados do RS, ES, MG, SC e RO. O objeto de estudo se constitui por meio do contato linguístico entre o pomerano e o português brasileiro. Nesse sentido, o objetivo central da pesquisa consiste em analisar como e em que medida o uso do léxico quanto aos nomes em pomerano se relaciona a fatores e valores socioculturais e linguísticos no município interiorano Arroio do Padre (RS). Ao lado da Sociolinguística, são adotados pressupostos teóricos da Psicologia Social (DECHAMPS e MOLINER, 2014), da Análise de Redes Sociais (MILROY e GORDON, 2003) e do Bilinguismo (MACKEY, 1972). Além disso, debruça-se sobre os grupos lexicais segundo Pupp Spinassé (2016, 2017), os fenômenos de *code-mixing* (HAMERS e BLANC, 2004 [1989]) e *code-switching* (GROSJEAN, 1982; MOZZILLO, 2001), bem como caracteriza-se o pomerano quanto ao seu léxico (POSTMA, 2019). Trata-se de um estudo qualitativo de base quantitativa em tempo aparente. Como desenho metodológico, articulam-se o aporte variacionista (LABOV, 2008[1972]; SCHILLING-ESTES, 2007), pressupostos etnográficos (BORTONI-RICARDO, 2014; FINO, 2008) e a análise de redes (MILROY e GORDON, 2003; BOTT, 1976; BORTONI-RICARDO, 2011). Os colaboradores informantes estão distribuídos em duas localizações geográficas (A1 e A2) e em três fases etárias, divididas por gênero, masculino e feminino: 15 a 25 anos (F1); 26 a 49 anos (F2); e 50 a 70 anos (F3). A análise dos dados orienta-se a partir de quatro hipóteses a seguir: (a) os itens lexicais em pomerano terão semelhanças fonológicas com o alemão *standard* falado atualmente na Alemanha, uma vez que, segundo Postma (2019), a base lexical do pomerano possui superstrato alemão; (b) a fase etária mais jovem tenderia a apresentar mais empréstimos lexicais e estrangeirismos resultantes do contato linguístico com o português, conforme macro-análise pluridimensional da variável <Fósforo/*Streichholz*> realizada por Radünz (2016); (c) a fala feminina também apresentaria maior quantidade de empréstimos lexicais e estrangeirismos advindos do contato linguístico entre português e pomerano, pelo fato de as meninas apresentarem em Mackedanz (2016) maior desejo de sair da localidade rural; (d) os laços interpessoais entre os informantes colaboradores constituiriam redes sociais densas e múltiplas, em consonância com Damé (2020), a qual observou durações

significativamente superiores de VOT (*Voice Onset Time*) das oclusivas surdas e sonoras [p, t, k, b, d, g] em início de palavra na fala em português de participantes bilíngues português e pomerano pertencentes às redes densas e *multiplex*, características da zona rural de São Lourenço do Sul (RS). Os resultados apontam indícios de relações interpessoais em forma de uma rede social de tessitura miúda e os laços familiares e comunitários preponderam. A análise quantitativa indica que há entre os mais velhos (entre 50 e 70 anos) maior quantidade de realizações de itens lexicais que coincidem em forma e significado com o alemão *standard* e com o baixo-alemão (*Niederdeutsch*) presente no território de origem dos imigrantes. Ao mesmo tempo, o pomerano falado em Arroio do Padre apresenta influências do contato com o português por meio principalmente da ocorrência do fenômeno de *code-mixing*. Através da análise linguística com base em Pupp Spinassé (2016, 2017), a amostra de fala sugere que o pomerano dispõe de regras internas e características específicas como a justaposição na formação de palavras as quais conduziram a língua ao seu atual estágio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pomerano. Léxico. Sociolinguística.

## ABSTRACT

The present doctoral research addresses the linguistic variation regarding names (lexical level) in pomeranian, a language of germanic immigration spoken in the states of RS, ES, MG, SC, and RO. The object of study is constituted by linguistic contact between pomeranian and brazilian portuguese. In this sense, the main goal of the research is to analyze how and to what extent the lexical use of pomeranian names is related to sociocultural and linguistic factors and values in the inland municipality of Arroio do Padre (RS). Alongside Sociolinguistics, theoretical assumptions from Social Psychology (DECHAMPS and MOLINER, 2014), Social Network (MILROY and GORDON, 2003) and Bilingualism (MACKEY, 1972) are adopted. It also looks at lexical groups according to Pupp Spinassé (2016, 2017), the phenomena of code-mixing (HAMERS and BLANC, 2004 [1989]) and code-switching (GROSJEAN, 1982; MOZZILLO, 2001), as well as characterizing pomeranian in terms of its lexicon (POSTMA, 2019). The doctoral thesis is characterized as a qualitative study with a quantitative basis in apparent time. The methodological design is based on the variationist contribution (LABOV, 2008[1972]; SCHILLING-ESTES, 2007), ethnographic assumptions (BORTONI-RICARDO, 2014; FINO, 2008) and network analysis (MILROY and GORDON, 2003; BOTT, 1976; BORTONI-RICARDO, 2011). The informant collaborators are distributed in two geographical locations (A1 and A2) and in three age phases, divided by gender, male and female: 15 to 25 years (F1); 26 to 49 years (F2); and 50 to 70 years (F3). The data analysis is guided by the following four hypotheses: (a) lexical items in pomeranian will have phonological similarities to standard german currently spoken in Germany, since, according to Postma (2019), the lexical base of pomeranian has german superstrate; (b) the younger age phase would tend to present more lexical borrowings and foreignisms resulting from language contact with portuguese, according to a pluridimensional macro-analysis of the variable <fósforo/Streichholz> performed by Radünz (2016); (c) female speech would also present a higher number of lexical borrowings and foreignisms arising from the linguistic contact between portuguese and pomeranian, due to the fact that, according to Mackedanz (2016), girls have a greater desire to leave their rural location; (d) interpersonal ties between collaborating informants would constitute dense and multiplex social networks, in line with Damé (2020), who observed significantly higher VOT (Voice Onset Time)

durations of the voiced and voiceless occlusives [p, t, k, b, d, g] at word onset in the Portuguese speech of bilingual Portuguese and Pomeranian participants belonging to dense and multiplex ties, characteristic of the rural area of São Lourenço do Sul (RS). The results show evidence of interpersonal relationships in the form of a small social network, with family and community ties predominating. The quantitative analysis indicates that there is a greater number of lexical items among the older population (between 50 and 70 years old) that coincide in form and meaning with Standard German and Low German (Niederdeutsch) present in the immigrants' territory of origin. At the same time, the Pomeranian spoken in Arroio do Padre shows influences of contact with Portuguese, mainly through the occurrence of the code-mixing phenomenon. Through linguistic analysis based on Pupp Spinassé (2016, 2017), the speech sample suggests that Pomeranian has internal rules and specific characteristics such as juxtaposition in word formation which led the language to its current stage.

**KEYWORDS:** Pomeranian. Lexicon. Sociolinguistic.

## ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Doktorarbeit befasst sich mit der Variationslinguistik in Bezug auf Nomen (lexikalische Ebene) in Pommeranisch, eine Sprache mit germanischer Einwanderung, die in den brasilianischen Bundesstaaten RS, ES, MG, SC und RO gesprochen wird. Der Untersuchungsschwerpunkt ist der Sprachkontakt zwischen dem Pommeranisch und dem brasilianischen Portugiesisch. In diesem Sinn ist das Hauptziel der Forschung zu analysieren, wie und in welchem Ausmaß die lexikalische Anwendung von pommerschen Nomen mit soziokulturellen und sprachlichen Faktoren und Werten in der Binnengemeinde Arroio do Padre (RS) zusammenhängt. Gemeinsam mit der Soziolinguistik werden theoretische Grundlagen aus der Sozialpsychologie (DECHAMPS und MOLINER, 2014), der sozialen Netzwerkanalyse (MILROY und GORDON, 2003) und der Zweisprachigkeit (MACKEY, 1972) übernommen. Darüber hinaus werden lexikalische Gruppen nach Pupp Spinassé (2016, 2017) untersucht sowie die Phänomene *code-mixing* (HAMERS e BLANC, 2004 [1989]) und *code-switching* (GROSJEAN, 1982; MOZZILLO, 2001). Die brasilianische pommersche Sprache im Hinblick auf ihren Wortschatz wird auch charakterisiert (POSTMA, 2019). Die Doktorarbeit wird als eine qualitative Studie (qualitatives Verfahren) quantitativer Basis (quantitatives Verfahren) in scheinbarer Zeit bezeichnet. Als methodologisches Design werden die Soziolinguistik (LABOV, 2008[1972]; SCHILLING-ESTES, 2007), die Ethnographie der Kommunikation (BORTONI-RICARDO, 2014; FINO, 2008) und die soziale Netzwerkanalyse (MILROY und GORDON, 2003; BOTT, 1976; BORTONI-RICARDO, 2011) artikuliert. Die Befragten sind nach Geschlecht (männlich und weiblich) unterteilt, sowie auf zwei geografische Standorte („A1“ und „A2“) und auf drei Altersstufen verteilt: 15 bis 25 Jahre (F1); 26 bis 49 Jahre (F2); und 50 bis 70 Jahre (F3). Die Datenanalyse orientiert sich an den folgenden vier Hypothesen: (a) Der Wortschatz auf Pommeranisch wird phonologische Ähnlichkeiten mit dem derzeit in Deutschland gesprochenen Standarddeutsch aufweisen, da die lexikalische Basis der Pommeranisch laut Postma (2019) ein deutsches Superstrat hat; (b) die jüngere Altersphase würde tendenziell auf mehrere lexikalischen Entlehnungen und Lehnwörter hinweisen, die aus dem Sprachkontakt mit dem Portugiesischen resultieren, wie eine von Radünz (2016) durchgeführte mehrdimensionale Makroanalyse der Variable <fósforo/Streichholz> zeigt; (c) die Frauen würden

ebenfalls einen höheren Anteil an lexikalischen Entlehnungen und Fremdwörtern haben, die aus dem Sprachkontakt zwischen Portugiesisch und Pomeranisch stammen, da laut Mackedanz (2016) Mädchen einen größeren Wunsch haben, den ländlichen Wohnort zu verlassen; (d) das menschliche Verhältnis zwischen den Befragten würden dichte und multiple soziale Netzwerke darstellen, sowie Damé (2020), die signifikant höhere VOT-Dauern (Voice Onset Time) der stimmlosen und stimmhaften Okklusiva [p, t, k, b, d, g] bei Wortbeginn in der portugiesischen Sprache von zweisprachigen portugiesischen und pommerschen Befragterinnen beobachtete, die dichten und multiplexen Netzwerken angehören, die für das ländliche Gebiet von São Lourenço do Sul (RS) charakteristisch sind. Die Ergebnisse deuten auf soziale Verhältnisse in Form eines multiplexen sozialen Netzes hin, wobei familiäre und gemeinschaftliche Bindungen überwiegen. Die quantitative Analyse zeigt, dass unter den älteren Menschen (zwischen 50 und 70 Jahren) eine größere Anzahl von Realisierungen lexikalischer Elemente zu finden ist, die in Form und Bedeutung mit dem Standarddeutsch und dem Niederdeutsch im Herkunftsgebiet der Einwanderer übereinstimmen. Gleichzeitig zeigt das in Arroio do Padre gesprochene Pommersche Einflüsse aus dem Kontakt mit dem Portugiesischen, vor allem durch das Auftreten des Phänomens der *code-mixing*. Durch die linguistische Analyse auf der Grundlage von Pupp Spinassé (2016, 2017) legt die Sprachprobe nahe, dass das Pommersche über interne Regeln und spezifische Merkmale wie die Aneinanderreihung von Wörtern verfügt, die die Sprache zu ihrem aktuellen Stand geführt haben.

**SCHLÜSSELWÖRTER:** Pommeranisch. Wortschatz. Soziolinguistik.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Localização e constituição da Serra dos Tapes (RS) .....	17
Figura 02	Mapa de Arroio do Padre (RS) .....	26
Figura 03	Comunidades religiosas em Arroio do Padre (RS) .....	79
Figura 04	Exemplo de <i>code-mixing</i> .....	93

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01	<i>Corpus</i> da pesquisa .....	70
Tabela 02	Laços de Bárbara (F1, A2) .....	86
Tabela 03	Laços de Gabriel (F1, A2) .....	86
Tabela 04	Laços de Andréia (F2, A2) .....	87
Tabela 05	Laços de Mauro (F2, A1) .....	88
Tabela 06	Laços de Antônio (F3, A1) .....	89
Tabela 07	Laços de Carla (F3, A1) .....	89
Tabela 08	Laços de Estela (F3, A2) .....	90
Tabela 09	Quadro geral da distribuição dos itens lexicais (sem repetições)..	92
Tabela 10	Distribuição das repetições no <i>corpus</i> .....	93
Tabela 11	Itens lexicais mais repetidos no <i>corpus</i> .....	94
Tabela 12	Variação regional .....	95
Tabela 13	Distribuição da variação regional nas entrevistas .....	96
Tabela 14	Comparação da variação regional, grupo 1 .....	98
Tabela 15	Comparação da variação regional, grupo 3 .....	100
Tabela 16	Comparação da variação regional, grupo 5 .....	102
Tabela 17	Distribuição da realização dos itens lexicais em cada entrevista ..	104
Tabela 18	Média de realizações por fase etária .....	107
Tabela 19	Média de realizações por gênero .....	108
Tabela 20	Média de realizações por localização geográfica .....	110

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01	Excerto 01 .....	79
Quadro 02	Excerto 02 .....	80
Quadro 03	Excerto 03 .....	80
Quadro 04	Excerto 04 .....	81
Quadro 05	Excerto 05 .....	81
Quadro 06	Excerto 06 .....	82
Quadro 07	Excerto 07 .....	83
Quadro 08	Excerto 08 .....	84
Quadro 09	Excerto 09 .....	85
Quadro 10	Excerto 10 .....	88

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Percentual de realizações para cada grupo .....	103
Gráfico 02	Influência da fase etária .....	105
Gráfico 03	Influência do gênero .....	107
Gráfico 04	Influência da localização geográfica .....	109

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	31
	2.1 Língua e sociedade .....	31
	2.2 O fenômeno do bilinguismo .....	39
	2.3 Caracterização da língua de imigração brasileira, o pomerano .....	45
	2.4 O individual e o social .....	51
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS</b> .....	57
	3.1 O aporte variacionista .....	58
	3.2 O constructo etnográfico e a constituição de redes sociais .....	63
	3.3 O trabalho de campo e a entrevista sociolinguística .....	65
<b>4</b>	<b>COLETA DE DADOS</b> .....	69
<b>5</b>	<b>RESULTADOS</b> .....	77
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	111
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	115
	<b>APÊNDICES</b> .....	124
	Apêndice A – Questionário Sociolinguístico .....	124
	Apêndice B – Questionário Complementar .....	127
	Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	128

## 1 Introdução

Falar em português com meus pais e ouvi-los conversando entre eles em pomerano fez parte de minha infância e adolescência. A comunicação em casa e durante o trabalho agrícola era caracterizada pelo uso de dois idiomas: português e a língua de imigração alemã. Por mais que eu não a falasse (sou bilíngue passiva em pomerano), eu empregava na fala em português rotineiramente palavras em pomerano, como *busch* (arbusto), *waschlapen* (pano para pia) e *wurstkruud* (manjerona). Até os 15 anos, eu não conhecia os respectivos itens lexicais correspondentes em português. Hoje, como professora de língua alemã e pesquisadora na área de Sociolinguística junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, proponho-me a analisar e compreender por meio de um olhar empírico o uso do léxico em pomerano no município interiorano de Arroio do Padre (RS), onde nasci e cresci. O intuito é dar cada vez mais voz e espaço ao pomerano, enquanto integrante do quadro linguístico brasileiro, destacando a língua em si, bem como as investigações já realizadas na Serra dos Tapes (RS).<sup>1</sup>

Tomo como ponto de partida para a contextualização deste trabalho a composição linguística do Brasil, a qual é caracterizada pela presença de línguas autóctones, línguas afrodescendentes, línguas de imigração, línguas de sinais, além de variações do próprio português (MORELLO, 2015). Esse cenário acorda com a proposição feita por Grosjean (1982) de que dificilmente há um país genuinamente monolíngue. Ampla porção da população mundial é bilíngue/plurilíngue<sup>2</sup>, seja em um nível incipiente ou em uma das habilidades (ler, falar, escrever e compreender), seja ainda com capacidade de expressão bastante próxima ao que se reconhece como a de um falante nativo. No entanto, segundo Carboni *et al.* (2017), o plurilinguismo no contexto brasileiro foi desconsiderado desde a colonização, ainda que existam claros indícios de que havia, na costa brasileira, cerca de dois milhões de nativos, bem como estimativas de que mais de mil línguas seriam faladas no momento da chegada dos portugueses (IBGE, 2000).

---

<sup>1</sup> Seriam elas, de acordo com o levantamento feito: Borges (2004), Vandresen (2006), Thum (2009), Cerqueira (2010), Bandeira (2010), Maltzahn (2010), Maltzahn (2011), Blank (2013), Mujica (2013), Weiduschadt (2015), Bilharva da Silva (2015), Mackedanz (2016), Vahl (2017), Bilharva da Silva (2019), Damé (2020), Bonow (2021).

<sup>2</sup> Usarei os termos bilíngüismo e plurilíngüismo neste trabalho indiscriminadamente como sinônimos.

Processo semelhante teria passado o contingente africano que aportou no Brasil através da escravização. Para além de seu caráter abominável, de uma perspectiva sociolinguística e em conformidade com Altenhofen, Raso e Mello (2011) e Carboni *et al.* (2017), acredita-se que as práticas linguísticas dos trabalhadores escravizados eram plurilíngues, uma vez que africanos advindos de diferentes regiões chegaram em território brasileiro, trazendo consigo suas línguas. Tal realidade pode ter sido subjacente à ocorrência de fenômenos linguísticos – coineização entre línguas africanas afins, criouliização entre estas e o português – ainda que eles possam ter sido instáveis devido à possível não sobrevivência das línguas trazidas pelos africanos. Carboni *et al.* (2017) destacam também que foi necessário aguardar até o século XX para se afirmar que as práticas languageiras dos trabalhadores escravizados influenciaram as variedades populares e as normas de uso do português brasileiro.

Com o fim da escravização, a mão-de-obra escrava passou a ser substituída pela dos imigrantes europeus, que aqui chegaram a partir do século XIX. Por meio da colonização, o governo objetivava (não somente, mas também) formar núcleos de povoação com elementos capazes de ocupar terras novas (terras devolutas), instaurando especialmente nos centro-sul e sul do Brasil mudanças econômicas e sociais.<sup>3</sup> Os imigrantes europeus trouxeram consigo suas línguas, alargando o quadro plurilíngue no Brasil. A nossa história linguística é, desse modo, caracterizada pelas migrações dos povos, causa para que duas ou mais línguas convivam em um mesmo território e então se tenha o bilinguismo (COUTO, 2009). Com isso, o plurilinguismo configura-se como um fenômeno político, histórico e social.

Pupp Spinassé (2016), ao analisar aspectos sociolinguísticos do Hunsrückisch – língua de imigração germânica ainda falada no Brasil –, explica que as colônias originárias do processo migratório se constituíam como regiões de contato linguístico. Isso se deve ao fato de que, segundo Ziegler (1996), os imigrantes foram recrutados – por intermédio de agentes migratórios – de diferentes

---

<sup>3</sup> Ao se mencionar os motivos que justificaram a colonização por imigrantes europeus, é importante evidenciar também o papel da imigração enquanto política de branqueamento da população brasileira e seus impactos até os dias de hoje. Os trabalhos de Pereira (2019) e Maia e Zamora (2018) discutem como hoje a política e a ideologia de branqueamento estão ainda presentes no cenário étnico-racial brasileiro, ponderando seus efeitos na realidade subjetiva da população negra e não negra da contemporaneidade.

regiões do território alemão<sup>4</sup> e trouxeram consigo para o Brasil variedades orais da base germânica por eles faladas na época da imigração. Diferentes dialetos conviviam nas colônias e seus falantes precisavam achar denominadores linguísticos em comum e uma harmonização, para que a compreensão entre eles fosse suficiente. Nesse sentido, a língua – e conseqüentemente a sua manutenção dentro da comunidade – desempenhou importante papel não só para a comunicação cotidiana como também para o desenvolvimento das colônias.

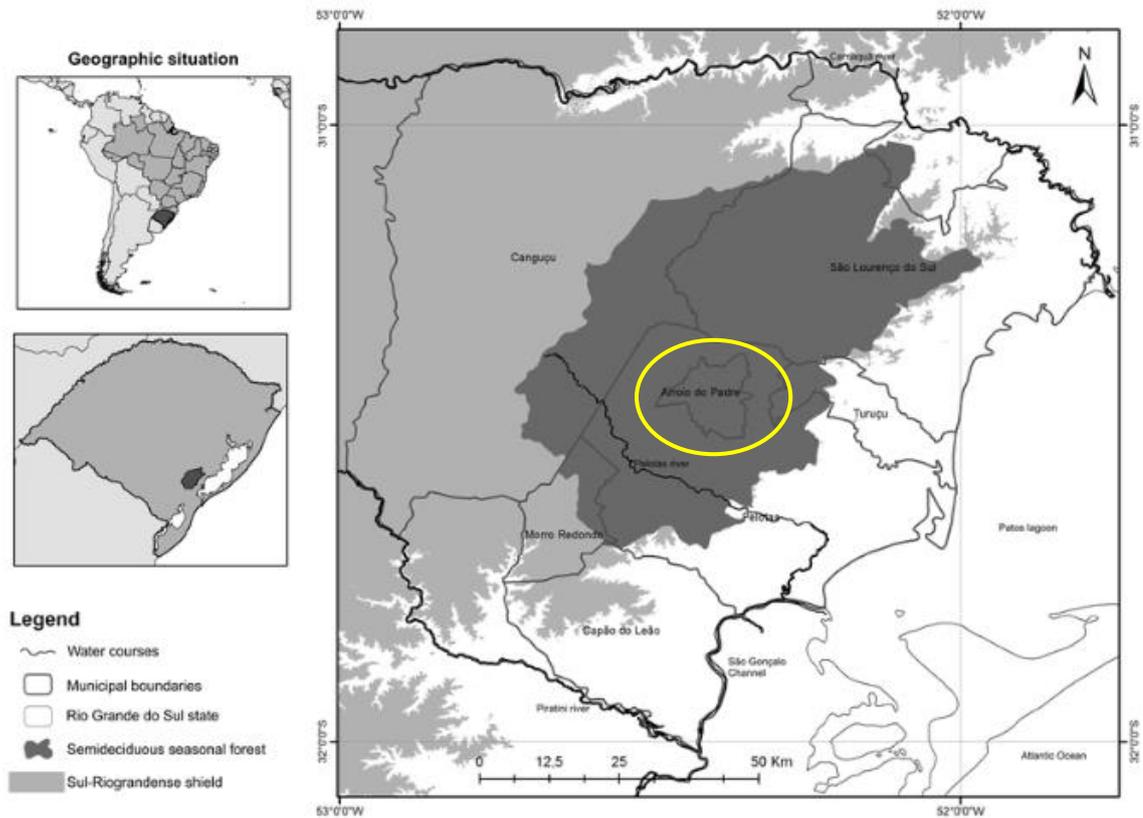
A partir de janeiro de 1858, a Serra dos Tapes, região localizada ao sul do Rio Grande do Sul e que compreende os municípios de São Lourenço do Sul, Turuçu, Pelotas, Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão e Morro Redondo, foi um dos cenários do processo de colonização de língua alemã no Brasil, através da criação de colônias imigratórias. Por se desenvolver a partir de uma colonização de iniciativa privada, a então chamada Colônia *Rheingantz* recebia menos assistência do governo. Seus núcleos eram mais isolados e os imigrantes tinham, em geral, a mesma origem étnica e a mesma confissão religiosa (ROCHE, 1969; SALAMONI; ACEVEDO; ESTRELA, 1995; THUM, 2009; CERQUEIRA, 2010; WILLE, 2011).

A figura 01 ilustra por meio da parte mais escura a localização da Serra dos Tapes (RS) e quais municípios compõem a macrorregião, com destaque em amarelo para Arroio do Padre (RS). A legenda encontra-se em inglês, em respeito à publicação original.

---

<sup>4</sup> A Alemanha não se constituía como Estado, i.e., como unidade política até 1871. Em 1815, após o Congresso de Viena, formou-se a Federação Alemã, dividida em estados independentes regionais (RÜRUP, 1984 *apud* PUPP SPINASSÉ, 2007). No entanto, tratava-se de uma união pouco coesa entre estados alemães soberanos e cidades livres. Impulsionada pelo exemplo francês, estourou na Alemanha, em 1848, a Revolução de Março. Tratava-se de um levante democrático, burguês e nacional, semelhante às revoluções ocorridas na mesma época em grande parte da Europa. O objetivo era transformar a Alemanha num Estado nacional e, ao mesmo tempo, constitucional. No verão de 1849, a revolução fracassou. As disputas entre Áustria e Prússia acirraram-se a partir da metade do século XIX e, em 1866, a Federação Alemã foi dissolvida, sendo fundada a Liga Setentrional Alemã – 17 Estados pequenos sob o comando da Prússia. A unificação da Alemanha sob o domínio da Prússia era o objetivo do chanceler prussiano Otto von Bismarck. Em 1871, após vitória sobre a França, ocorreu a fundação do segundo Império Alemão, que seria o primeiro Estado alemão unificado (HINTEREDER, 2010).

Figura 01 – Localização e constituição da Serra dos Tapes (RS)



Fonte: Gomes (2019 *et al.*, p. 3)

Os primeiros 88 imigrantes a chegarem na Serra dos Tapes eram, em sua grande maioria, pomeranos de confissão luterana, advindos da hoje extinta Pomerânia. Esta se situava nas costas do mar Báltico, entre os atuais países da Alemanha e da Polônia. Seu território foi caracterizado por inúmeros conflitos e permaneceu sob o domínio de diferentes potências, desde o Sacro Império Romano Germânico, Prússia, Império Alemão, passando pela República Democrática Alemã até a atual República Federal da Alemanha (MALTZAHN, 2011). Após a Segunda Guerra Mundial, na Conferência de Potsdam, ocorreu uma redistribuição territorial e a Pomerânia deixou de existir enquanto Estado. As regiões ao leste do rio Oder passaram a pertencer à administração polonesa e, em 1945, o estado federativo alemão de *Mecklenburg-Vorpommern* foi formado a partir do Estado Livre de *Mecklenburg* e da parte ocidental da Pomerânia a oeste do rio Oder (RÖLKE, 1996). Entendo a Pomerânia como *extinta*, pois ela não se constitui mais como unidade política (RÖLKE, 1996; MALTZAHN, 2011; HACKENHAAR, 2018). O que temos atualmente é uma Unidade Federativa Alemã chamada *Mecklenburg-Vorpommern*,

pertencente ao território alemão e constituída pela antiga parte ocidental da Pomerânia, a oeste do rio Oder.

Segundo Ziegler (1996), o Rio Grande do Sul constituiu-se no Brasil do século XIX como a região com maior contingente de imigrantes que falavam variedades orais do alemão. Desse contingente, os pomeranos são o segundo maior grupo. Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes pomeranos perceberam a necessidade de abrirem picadas em matas fechadas, construir moradias e estradas. Por esse motivo, eles permaneceram em suas porções de terra, trabalhando na agricultura para o próprio consumo e comunicando-se por meio da língua por eles trazida. No Brasil, estima-se que 400 mil pessoas falam atualmente o pomerano entre os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo, Minas Gerais e Rondônia.<sup>5</sup> Segundo dados do IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística) de 2021, o pomerano é língua cooficial em oito municípios brasileiros.<sup>6</sup> Hackenhaar (2018) explica, entretanto, que em torno de 10% dos imigrantes da Pomerânia (26.000 indivíduos) vieram para o Brasil no século XIX. A maioria emigrou para a América do Norte (EUA e Canadá).

Assim como outras línguas de imigração no Brasil, o pomerano desenvolveu-se de modo independente do território originário, uma vez que a distância geográfica entre Pomerânia/Alemanha e Brasil é bastante grande e permitia pouco contato com o lugar de origem. Paralelamente, segundo Pupp Spinassé (2016; 2017), o contato com o português se tornou cada vez maior, levando à diversificação dos modos de falar dos imigrantes (e, conseqüentemente, de seus descendentes) em relação ao que eles trouxeram consigo, especialmente no nível lexical.

Estudos na Serra dos Tapes apontam a família como elemento relevante para a manutenção do pomerano atualmente, devido ao valor sociocultural que a língua tem para seus membros. Maltzahn (2010) explica que a realidade com a qual os imigrantes pomeranos se depararam fez com que eles constituíssem famílias numerosas, com cerca de 10 ou 12 filhos por casal, no intuito de obterem maior mão-de-obra para o trabalho na lavoura. Uma família numerosa tornou-se símbolo de prosperidade, uma vez que, em famílias cuja subsistência advém da agricultura,

---

<sup>5</sup> Cf. Jacob (2022). Reportagem disponível em: <https://vilanoticias.com/pesquisador-cobra-inclusao-dos-pomeranos-no-censo-do-ibge-2022/>. Acesso em: 19 de setembro 2022.

<sup>6</sup> Para lista completa de línguas cooficiais em municípios brasileiros, visite o site do *Instituto de Investigação e Desenvolvimento de Políticas Linguísticas (IPOL)*. Disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros>. Acesso em: 29 abr. 2022.

os jovens aprendem desde cedo a lida na lavoura, para que possam auxiliar e perpetuar o trabalho na propriedade.

A configuração familiar em novo território pode ter incidido sobre o papel da língua de imigração no interior das famílias e dentro da comunidade. O estudo de Vahl (2017) traz indícios nesse sentido. Em seu trabalho sobre o contato linguístico entre pomerano e português brasileiro no município de Arroio do Padre (RS), a autora apontou o pomerano como a língua mais utilizada no lar e no trabalho familiar na lavoura. Logo, é possível associar significado sociocultural e histórico ao modo como moradores da Serra dos Tapes empregam a língua de imigração, inclusive atualmente.

A partir do contexto até aqui descrito, o estudo da língua de imigração, o pomerano, a partir da perspectiva variacionista envolve resgatar a premissa de Camacho (2013) acerca do objeto de estudo sociolinguístico. Se as línguas naturais humanas se constituem como sistemas organizados de forma e conteúdo, a diversidade/variação é propriedade funcional e inerente aos sistemas linguísticos. Cabe à Sociolinguística focar a variação, levando em consideração seus determinantes linguísticos e não linguísticos. Kroch (1976, p. 18) aponta ainda que dentro de uma mesma comunidade há diferentes estratos sociais e os seus padrões de fala influenciam um ao outro profundamente. As diferenças quanto aos usos linguísticos de uma comunidade para outra se devem ao fato de que “a extensão dessas influências mútuas é variável de caso a caso” (IDEM). Logo, a língua é representativa das interrelações sociais e, ao mesmo tempo, intrínseca ao sujeito, na medida em que exerce função determinante no processo de integração social. Língua é aqui entendida como a forma mais característica de comportamento social (CAMACHO, 2013).

A partir dessa noção de língua, apresento estudos sobre o pomerano realizados na Serra dos Tapes, que constituem a base empírica desta tese de Doutorado. Em seu estudo biográfico-linguístico com quatro famílias pomeranas, duas residentes na zona rural e duas na zona urbana do município de Pelotas (RS), Borges (2004) apontou que o fenômeno do bilinguismo parece estar estritamente ligado ao contexto sócio-histórico-cultural. A condição de bilíngue no caso das quatro famílias pode estar relacionada diretamente à geração. No estudo, observou-se que o bilinguismo em português e em pomerano vem enfraquecendo a partir da geração IV (casal núcleo da família), ao ponto de seus filhos, geração V, não falarem

o pomerano. Tal resultado se opõe ao fato de que a geração III (pais do casal núcleo) apontou durante entrevista ter o pomerano como língua materna, assim como as gerações II e I (avós e bisavós do casal núcleo). Segundo Borges (2004), parece haver um processo de 'abandono', uma vez que membros da geração IV afirmaram usar cada vez menos a língua de imigração, especialmente com as gerações mais velhas. E a geração V, mais jovem, demonstra desinteresse pelo patrimônio linguístico étnico, mesmo na zona rural.

Mujica (2013) analisou a atitude, a orientação e a identidade linguística de pomeranos residentes na comunidade rural Santa Augusta, município de São Lourenço do Sul (RS). O *corpus* da pesquisa de Mujica (2013) foi composto a partir de entrevistas sociolinguísticas com duas famílias (somando 11 informantes) e da análise de questionários preenchidos por 35 famílias de alunos, que frequentavam uma escola municipal. Contrariamente aos resultados de Borges (2004), o estudo em Santa Augusta aponta que a geração de 40 anos é de bilíngues balanceados<sup>7</sup> e que as crianças são bilíngues simultâneas, pois estão expostas simultaneamente ao português e ao pomerano. Segundo Mujica (2013), é possível que o pomerano seja percebido como local. Os dados também apontaram ser o pomerano a língua mais empregada nas interações familiares, com vizinhos, nos usos informais dentro da comunidade e até mesmo em domínios onde se esperava o uso predominante do português, como na escola e em ambientes religiosos e comerciais. Concomitantemente, o uso da língua de imigração por pessoas de fora de Santa Augusta parece ser entendido como possível enfraquecimento da coesão da etnia pomerana.

Na mesma direção dos resultados encontrados por Mujica (2013) e em oposição aos de Borges (2004), Mackedanz (2016) analisou o papel da identidade para a manutenção do pomerano também na comunidade rural de Santa Augusta, São Lourenço do Sul (RS). Os resultados em Mackedanz (2016), obtidos a partir de observação participante em uma turma pré-escolar com 21 alunos e entrevistas sociolinguísticas com 29 adolescentes da turma de 9º ano em uma escola municipal, apontaram que o pomerano representa os valores familiares, principalmente de cultivo da terra. Os domínios linguísticos nos quais o uso do pomerano se mostrou pujante na comunidade são o familiar/lar e a lavoura; 100% dos discentes do 9º ano

---

<sup>7</sup> Segundo Hamers e Blanc (2000), bilíngue balanceado refere-se ao indivíduo com competência linguística equivalente nas duas línguas.

afirmaram que o pomerano é usado em casa, enquanto 51% deles informaram que o português brasileiro era empregado no domínio familiar. Através de questionário sociolinguístico, dos 29 jovens da turma de 9º ano do Ensino Fundamental, 27 afirmaram falar a língua de imigração. Com relação aos alunos de nível pré-escolar, 85% da turma era formada por crianças bilíngues em pomerano e em português ao ingressarem na escola, de modo que em 67% das respectivas famílias das crianças do pré-escolar a língua mais falada no lar era o pomerano.

O mesmo estudo, ao analisar os dados de fala em língua portuguesa dos alunos de 9º ano, apontou que os papéis sociais distintos atribuídos ao homem e à mulher dentro da organização familiar pomerana podem configurar fatores que influenciam a variação do português. As variantes padrão [R] e [w], como em ‘carro’ e ‘mal’, coocorreram com as respectivas formas não prestigiadas, o tepe [r] e a alveolar [l]. Porém, através da análise quanto à influência do fator gênero nas realizações, destacaram-se os seguintes resultados: para as 108 ocorrências do tepe [r], os meninos apresentaram 100% de contribuição, i.e., as 108 realizações de [r] ocorreram na fala em português dos meninos. Para a forma padrão [w], as meninas, por sua vez, apresentaram 64% de contribuição; das 147 ocorrências da variante vocalizada [w], 94 foram realizadas pelas alunas do gênero feminino.<sup>8</sup> Mackedanz (2016) sustenta que o tepe [r] e a alveolar [l] são elementos característicos do português de contato com o pomerano.

Nesse sentido, as formas [R] e [w] foram empregadas com maior frequência pelas oito informantes do gênero feminino, pois elas demonstraram orientação para fora da comunidade. Os dados indicaram que as meninas desejam sair de Santa Augusta para cursar uma faculdade e/ou conseguir um emprego na zona urbana de São Lourenço do Sul ou em outra cidade. Já os informantes do gênero masculino preferiram as formas [r] e [l]. Mackedanz (2016) destaca ainda que, dos 21 meninos, 9 expressaram, durante as entrevistas, desejo não só de permanecer em Santa Augusta, mas principalmente de prosseguir com a atividade agrícola na propriedade da família. Através de análise individual do percentual de contribuição que cada informante incidiu sobre o total de realizações de cada variante, os 9 informantes do gênero masculino anteriormente mencionados apresentaram maior porcentagem

---

<sup>8</sup> Na turma de 9º ano, havia 8 meninas e 21 meninos.

individual de contribuição, com valores individuais entre 13,9% e 16,7%, para o tepe [r] em relação ao total de 108 ocorrências.

As variantes estudadas por Mackedanz (2016) na fala em português dos adolescentes lourencianos possuem significado social, na medida em que apontam a importância do trabalho em família para a agricultura em Santa Augusta, bem como evidenciam o papel social que homem e mulher possuem dentro da família e, possivelmente, da comunidade pomerana. Em consonância com Maltzahn (2010) e Salamoni, Acevedo e Estrela (1995), às mulheres competem tarefas de cuidado do lar e dos filhos, como preparar a comida, lavar roupas, cuidar da casa e auxiliar nas atividades agrícolas. O homem realiza atividades mais ligadas ao trabalho com a terra e com o gerenciamento da propriedade e da plantação. Desse modo, para além dos fenômenos variacionistas do português brasileiro acima mencionados, é interessante destacar a interrelação dos fatores socioculturais com os usos linguísticos. Os valores socioculturais, especialmente aqueles apontados no estudo de Mackedanz (2016), podem ser entendidos como que construídos no local da imigração, sendo resultado inacabado do processo histórico (WEBER, 2006).

Os resultados acima indicam eventos que ocorrem paralelamente: desenvolvimento independente das línguas de imigração germânica no Brasil em relação ao contexto originário e influência do contato com o português sobre a forma como a língua de imigração foi sendo usada em território brasileiro. No caso do *Hunsrückisch*, estudado por Pupp Spinassé (2016), o processo pode ser facilmente percebido por meio de empréstimos lexicais do português e da formação híbrida de palavras compostas, bem como através da ocorrência de fenômenos de *code-switching* e *code-mixing*. Porém, o desenvolvimento do *Hunsrückisch* foi reduzido a um “alemão errado, falso”, uma vez que a língua é constantemente comparada com o idioma falado na Alemanha – *Standarddeutsch*. Dessa comparação, surgiu o consenso de que os empréstimos do português são interferências, o que não evidencia o complexo processo de desenvolvimento pelo qual uma língua de imigração passa.

O pomerano, por sua vez, também se constitui como uma língua de tradição oral que está em contato com o português. Porém, é interessante observar que esse contato não pode ser considerado o único fator responsável pelo processo de desenvolvimento da língua; inclusive, as análises feitas por Borges (2004), Mujica (2013), Mackedanz (2016) e Vahl (2017) sugerem relação com aspectos

socioculturais. Pupp Spinassé (2016) aponta também aspectos linguísticos. Como resultado do desenvolvimento linguístico, Pupp Spinassé (2016) identificou sete grupos de palavras no vocabulário hunsriqueano<sup>9</sup>, os quais culminaram na forma hoje falada pelos descendentes e que possuem motivação fonológica, morfológica, sintática ou semântica.<sup>10</sup> São motivações intrínsecas à língua e, por isso, o uso do léxico não resulta exclusivamente do contato com a língua portuguesa e não ocorre fora de um contexto, i.e., fora de uma comunidade linguística. Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (UNESCO; PEN, 1996, p. 4),

comunidade linguística é toda a sociedade humana que, radicada historicamente num determinado espaço territorial, reconhecido ou não, se identifica como povo e desenvolveu uma língua comum como meio de comunicação natural e de coesão cultural entre os seus membros. A denominação língua própria de um território refere-se ao idioma da comunidade historicamente estabelecida neste espaço.<sup>11</sup>

A partir da contextualização e reflexão até aqui realizadas, passo a caracterizar o *locus* da pesquisa, sua justificativa, seus objetivos e suas hipóteses. O jovem município de Arroio do Padre situa-se cerca de 230 km ao sul da capital gaúcha Porto Alegre e a 50 km da cidade de Pelotas. Segundo dados do IBGE, a população atual é estimada em 2.900 habitantes.<sup>12</sup> Inicialmente, Arroio do Padre pertencia ao município de São Lourenço do Sul; em 1890, foi incorporado a Pelotas. Em 1996, através de um plebiscito, Arroio do Padre emancipou-se politicamente e em outubro de 2000 os arroio-padrenses foram às urnas eleger seus primeiros representantes políticos (COARACY, 1957; SALAMONI; ACEVEDO; ESTRELA, 1995; WILLE, 2011).

A economia de Arroio do Padre baseia-se na produção agrícola familiar, com propriedades rurais que possuem em média 24 hectares. Nelas são cultivados

<sup>9</sup> Em consonância com Altenhofen e Morello (2018, p. 24), o termo “hunsriqueano” equivale à tradução para o português de “*Hunsrückisch*”, língua de imigração germânica falada no Rio Grande do Sul, especialmente na Bacia do Prata. Segundo os autores, o *Hunsrückisch*/hunsriqueano aparece como a variedade mais difundida dentre o grupo de línguas de imigração alemã trazidas ao Brasil. Inclusive, Limberger (2021), ao analisar a construção do léxico ortográfico em hunsriqueano, emprega os dois termos como sinônimos.

<sup>10</sup> As características de cada grupo são elucidadas no capítulo “Pressupostos Teóricos”. O que se objetiva aqui na introdução é situar o leitor acerca do caminho de resgate empírico feito para a delimitação do tema.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.penclubportugues.org/comites/declaracao-universal-dos-direitos-linguisticos/>. Acesso em: 19 set. 2022.

<sup>12</sup> Para mais informações acerca do município de Arroio do Padre, vide <http://cod.ibge.gov.br/341JA>. Acesso em: 29 jan. 2022.

hortifrutigranjeiros para subsistência, com ênfase no caqui e na maçã, sendo estes comercializados na região. Destacam-se também as plantações de tabaco e soja, vendidos a empresas do ramo (WILLE, 2011). Desde a emancipação política, foram estabelecidos alguns núcleos urbanos, com trechos pavimentados, iluminação pública e distribuição de água encanada, porém, em seu entorno, predominam as propriedades rurais. Em 2007, foi inaugurada a única escola de ensino médio da localidade. Além disso, em 2016, foi concluída a pavimentação asfáltica de 25 km da ERS 737, que liga Arroio do Padre à zona urbana do município de Pelotas.<sup>13</sup> O tempo de viagem até o centro urbano vizinho foi, então, reduzido de duas horas para 50 minutos, em média.

Arroio do Padre constitui-se através do contraste rural e urbano, de modo a existirem áreas mais urbanizadas e outras com características essencialmente ou predominantemente rurais. É o caso das áreas aqui denominadas 1 e 2, os dois pontos de coleta de dados. A Área 1 (A1), chamada Arroio do Padre II, localiza-se na parte central de Arroio do Padre. Nela situam-se as instituições político-administrativas, como a única agência bancária, a prefeitura, a única escola de ensino médio e a maior escola municipal de ensino fundamental completo, o posto de saúde, o centro de eventos municipal, o campo de futebol municipal, o correio, a farmácia e alguns pequenos estabelecimentos comerciais. Também circulam mais linhas de ônibus para Pelotas, todas com maior disponibilidade de horários. Nessa área também está localizada a rádio comunitária, a igreja sede da paróquia evangélica e a casa pastoral. A A1 constitui-se como um pequeno núcleo urbano, pois possui uma rua principal pavimentada, iluminação pública e distribuição encanada de água, enquanto, em seu entorno, as famílias cultivam a terra para o próprio consumo e/ou trabalham nos estabelecimentos e instituições ali existentes.

A Área 2 (A2), denominada Cerrito, localiza-se a cerca de seis quilômetros de distância da A1 e o acesso se dá por meio de estrada de chão, configurando-se como um núcleo basicamente rural. Além disso, a A2 possui uma pequena escola que atende alunos até o quinto ano do Ensino Fundamental e há uma igreja evangélica, sede da comunidade religiosa.

---

<sup>13</sup> Para reportagens com mais detalhes, vide <https://estado.rs.gov.br/yeda-inaugura-escola-estadual-em-arroio-do-padre> e <https://estado.rs.gov.br/yeda-inaugura-escola-estadual-em-arroio-do-padre>. Acesso em: 29 jan. 2022.

O contexto linguístico brasileiro e suas implicações políticas, sociais e culturais; o histórico de imigrações, em especial, europeias; a chegada dos pomeranos no RS e com isso a constituição de famílias numerosas; a manutenção da propriedade rural entre os filhos; o contato linguístico com o português; a influência de fatores como idade e gênero e o contexto social, cultural, político e econômico de Arroio do Padre: eis as bases norteadoras do conteúdo desta tese.

Ao comparar o estudo de Borges (2004) ao de Mujica (2013) e de Mackedanz (2016), todos realizados na Serra dos Tapes, porém com resultados que se distinguem em certo sentido, surgem questionamentos sobre a situação linguística na região – e, conseqüentemente, em Arroio do Padre: Quais fatores influenciam o uso do pomerano e do português? Características socioculturais da comunidade relacionam-se de modo particular aos usos bilíngües? E como se dá esse processo? Levando-se em consideração a contribuição de Pupp Spinassé (2016) sobre o *Hunsrückisch*, em que medida o uso do léxico em pomerano pode relacionar-se aos aspectos socioculturais da comunidade? Como os fatores extralinguísticos gênero, idade e localização geográfica estariam ligados ao contexto linguístico, haja vista que Borges (2004) apontou por um lado usos bilíngües distintos entre gerações em Pelotas e Mackedanz (2016), por outro, indicou fenômenos diferentes na fala de meninos e meninas em São Lourenço do Sul?

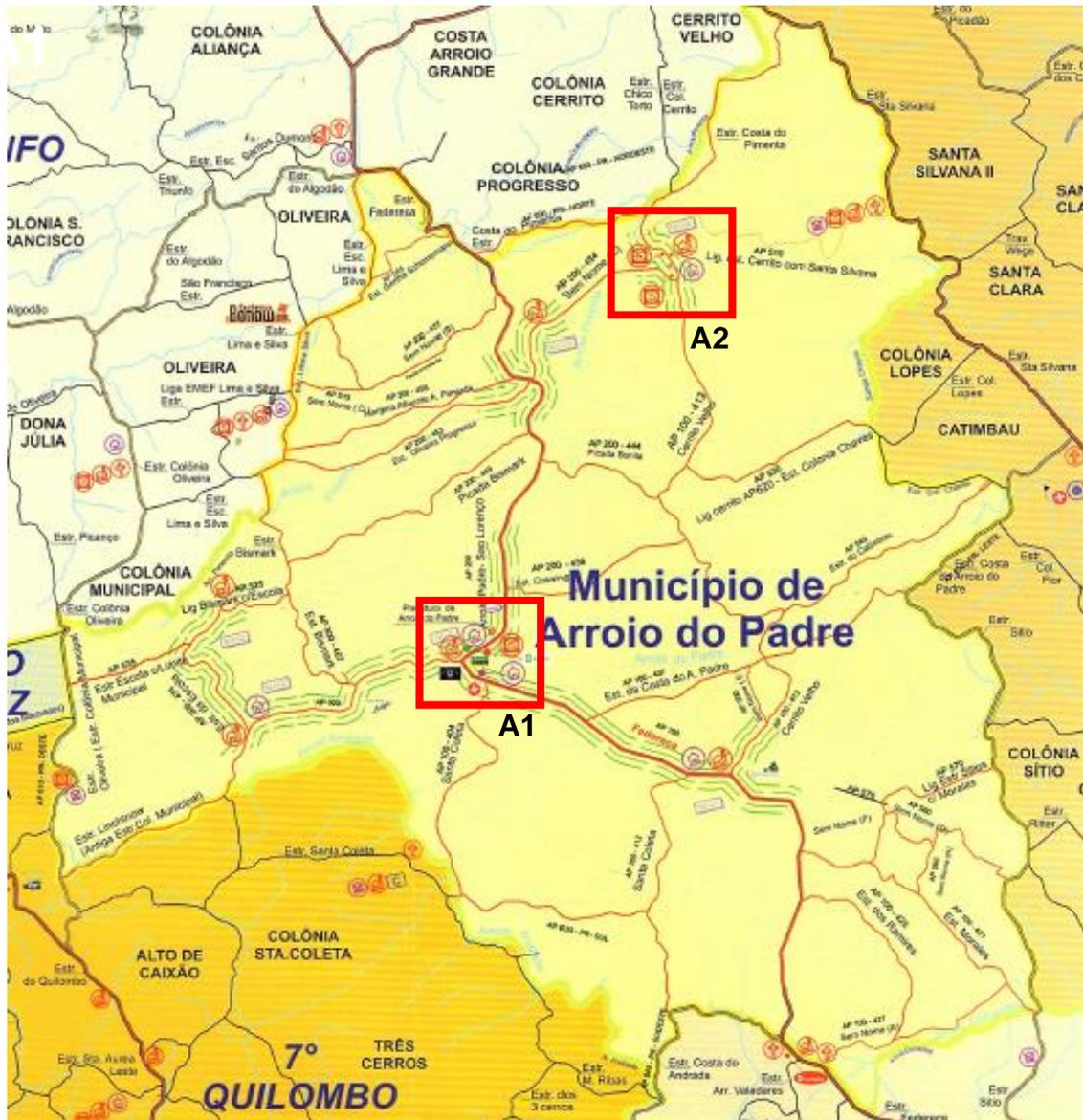
Os questionamentos acima apontam para a comunidade acadêmica a relevância de pesquisas sobre o pomerano, língua de imigração, e sobre como características socioculturais de uma comunidade pomerana podem estar relacionadas, neste caso no nível lexical, ao uso do pomerano e sua atual situação. Na tentativa de contribuir para o desenvolvimento de estudos sobre o pomerano na Serra dos Tapes e, ao mesmo tempo, trazer respostas empíricas aos questionamentos aqui apresentados, analiso três fatores extralinguísticos: i) localização geográfica; ii) idade; e iii) gênero. O que pretendo é investigar o uso do pomerano quanto ao léxico em tempo aparente, na tentativa de traçar possíveis paralelos entre o léxico em pomerano e os fatores socioculturais característicos de Arroio do Padre.

O desenvolvimento de núcleos urbanos em Arroio do Padre ocorre em paralelo com a manutenção de áreas basicamente rurais. E a atual configuração geográfica e política de cada área justifica sua escolha como pontos de coleta, uma

vez que a A1 é a mais urbanizada em relação às demais, especialmente em relação à A2.

A figura 02 mostra os limites do município de Arroio do Padre (RS) e os pontos de coleta de dados.

Figura 02: Mapa de Arroio do Padre (RS)



Fonte: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Arroio do Padre (2019)

O fator gênero (masculino e feminino), por sua vez, está atrelado aos resultados de Mackedanz (2016), os quais apontaram papéis sociais distintos para homens e mulheres em uma comunidade pomerana da Serra dos Tapes. Os homens desempenham a tarefa de gestão da propriedade e realizam o trabalho

braçal mais pesado. Às mulheres competem atividades de cuidado do lar e dos filhos, bem como o auxílio durante o trabalho na lavoura.

A escolha da variável extralinguística idade justifica-se por meio do estudo de Borges (2004). A análise a partir dos dados coletados junto de quatro famílias em Pelotas apontou diferenças geracionais quanto aos usos do pomerano e às concepções linguísticas que parecem levar ao abandono do pomerano.

Além disso, optou-se por nomear cada segmento etário como *fase etária*, pois parto do pressuposto sociocultural e característico de Arroio do Padre que por meio das três fases (F1: 15-25; F2: 26-49; F3: 50-70), será possível analisar se há e como se deu a influência (ou não) da emancipação política na comunidade, haja vista que Arroio do Padre tornou-se politicamente independente há 27 anos e apresenta modificações estruturais, como as mencionadas acerca da A1. Nesse sentido, a F1 corresponde aos jovens que desde seu nascimento ou primeira infância vivem no Arroio do Padre emancipado. A F2 (adultos) possui sujeitos que eram jovens ainda quando a localidade deixou de ser distrito de Pelotas e por isso suas perspectivas de vida podem ter se alterado diante do desenvolvimento de Arroio do Padre e, conseqüentemente, influenciado os usos linguísticos. Já a F3, vivenciou todo o processo político e possíveis modificações dele decorrentes até os dias atuais. É possível que cada fase etária, baseada em suas vivências, apresente seu ponto de vista acerca da emancipação e das mudanças resultantes.

Diante do exposto, este trabalho possui como objeto de investigação a relação entre o uso do léxico, mais precisamente, o emprego dos nomes em pomerano e fatores linguísticos, extralinguísticos (gênero, idade e localização geográfica) e valores socioculturais característicos da comunidade de descendentes pomeranos do município de Arroio do Padre (RS). O objeto de estudo se constitui por meio do contato linguístico entre o pomerano e o português brasileiro, fenômeno que se estabelece no contexto de imigração e através dele. Para isso, este trabalho se insere no campo da Sociolinguística, utilizando também concepções teóricas do campo da Psicologia Social e desenho metodológico da Sociolinguística Variacionista, da Etnografia e da análise de Redes Sociais. Trata-se de um estudo qualitativo, com base quantitativa, caracterizado pela observação participante, quantificação e análise dos dados em tempo aparente. Para isso, os colaboradores informantes estão distribuídos de acordo com duas localizações geográficas (A1 e

A2) e em três fases etárias, divididas por gênero, masculino e feminino: 15 a 25 anos; 26 a 49 anos; e 50 a 70 anos.

O *objetivo central* da pesquisa consiste em analisar como e em que medida o uso do léxico quanto aos nomes em pomerano se relaciona a fatores e valores socioculturais e linguísticos no município de Arroio do Padre (RS). Para se realizar tal análise, têm-se os seguintes *objetivos específicos*:

a) identificar em quais domínios linguísticos o pomerano e o português circulam em Arroio do Padre e descrever como se dá na localidade a situação diglósica;

b) observar de que maneira as redes sociais se constituem no *lócus* da pesquisa, mais especificamente, se se trata de uma rede de tessitura miúda ou larga<sup>14</sup> e como ela pode se relacionar ao uso do léxico no que tange aos nomes em pomerano; e

c) analisar que tipo de léxico quanto aos nomes pode emergir na fala em pomerano dos indivíduos pesquisados e como ele está relacionado (ou não) aos fatores extralinguísticos gênero, idade (15-25; 26-49; 50-70) e localização geográfica (A1 e A2).

As hipóteses a seguir orientam a análise dos dados. Elas são complementares, uma vez que estão voltadas tanto para o aspecto linguístico quanto para os aspectos extralinguísticos de tratamento e análise da variabilidade e do *corpus lexical* em pomerano.

Hipótese 1: os itens lexicais em pomerano teriam semelhanças fonológicas com o alemão *standard* falado atualmente na Alemanha. Segundo Postma (2019), a base lexical do pomerano possui superstrato alemão, uma vez que a língua de imigração faz parte do *continuum* da língua alemã não somente no que diz respeito ao aspecto cultural (refletido em seu léxico), mas também em aspectos gramaticais;

Hipótese 2: os mais jovens tenderiam a apresentar mais empréstimos lexicais e estrangeirismos resultantes do contato linguístico com o português. Ao analisar a variação lexical da língua de imigração germânica *Hunsrückisch* em contato com o português e o espanhol, centrando-se na macro análise pluridimensional da variável <Fósforo/*Streichholz*>, Radünz (2016) aponta que as variantes de base alemã são empregadas especialmente pela geração mais velha, enquanto os mais jovens

---

<sup>14</sup> A seguir, nos pressupostos teóricos haverá uma discussão acerca da rede de tessitura miúda e larga.

tendem a priorizar o uso de variantes resultantes de processo de ampliação lexical (hibridismos e empréstimos).

Hipótese 3: a fala feminina também apresentaria maior quantidade de empréstimos lexicais e estrangeirismos advindos do contato linguístico entre português e pomerano. Retomo aqui os resultados de Mackedanz (2016) quanto à fala em português de oito meninas adolescentes, as quais empregaram majoritariamente variantes mais próximas ao PB padrão falado na zona urbana, ao passo que os meninos preferiram o tepe [r] e a alveolar [l], isto é, variantes entendidas como transferências linguísticas do pomerano.

Hipótese 4: os laços interpessoais entre os informantes colaboradores constituiriam redes sociais densas e múltiplas, dada a pequena quantidade de moradores em Arroio do Padre, bem como o caráter comunitário que permeia as relações interpessoais. Segundo Milroy e Gordon (2003), normas linguísticas locais são apoiadas por laços interpessoais fortes, não necessariamente familiares. Além disso, Damé (2020) debruçou-se sobre a relação entre redes sociais e a produção de VOT (*Voice Onset Time*) das oclusivas surdas e sonoras [p, t, k, b, d, g] em início de palavra na fala em PB de bilíngues residentes em São Lourenço do Sul (RS). Como resultado, as participantes pertencentes às redes densas e *multiplex*<sup>15</sup>, características da zona rural lourenciana, registraram durações de VOT significativamente superiores. Segundo Damé (2020), trata-se de uma possível transferência de características de VOT do pomerano.

Esta pesquisa situa-se no *cluster* da diversidade cultural e linguística. Por isso eu me proponho a fazer um diagnóstico da variabilidade do vocabulário pomerano usado no Rio Grande do Sul no intuito de caracterizá-lo enquanto língua de imigração alemã. Além disso, o presente estudo também se justifica enquanto ferramenta para a promoção da consciência linguística, do multilinguismo e, o mais importante, da didática do multilinguismo. Compreender como o léxico do pomerano é empregado pelos seus falantes é uma importante premissa para o desenvolvimento de ações que envolvam sua manutenção e promoção nas comunidades onde a língua é presente. Com isso, eu almejo contribuir para uma compreensão cada vez maior do cenário linguístico brasileiro.

---

<sup>15</sup> Tais conceitos são discutidos no capítulo 2 sobre os pressupostos teóricos.

No capítulo a seguir, apresento a reflexão teórica que subjaz meu trabalho de pesquisa. Junto à discussão teórica situada no campo da Sociolinguística, adoto pressupostos da Psicologia Social (DECHAMPS e MOLINER, 2014), da Análise de Redes Sociais (MILROY e GORDON, 2003) e do Bilinguismo (MACKEY, 1972). Além disso, debruço-me sobre os fenômenos de empréstimos lexicais (PUPP SPINASSÉ, 2016, 2017), *code-switching* (GROSJEAN, 1982; MOZZILLO, 2001) e *code-mixing* (HAMERS e BLANC, 2004), bem como caracterizo o pomerano quanto ao seu léxico, segundo Postma (2019). O capítulo três traz como pressupostos metodológicos a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), a Etnografia (BORTONI-RICARDO, 2014; FINO, 2008) e a análise de redes (MILROY e GORDON, 2003; BOTT, 1976; BORTONI-RICARDO, 2011).

Precedente aos resultados, descrevo no capítulo quatro como se deu a coleta de dados e caracterizo os informantes. No quinto capítulo, realizo a discussão dos dados a partir da perspectiva sincrônica e me proponho a elucidar os resultados quanto à relação entre a variabilidade lexical em pomerano e os fatores extralinguísticos idade, gênero e localização geográfica. Também comparo de forma experimental os dados de Arroio do Padre (RS) com o pomerano presente no Espírito Santo por meio do Dicionário Pomerano de Tressmann (2006), e com o *Niederdeutsch* (baixo-alemão) falado no norte da Alemanha (estado de *Meklenburg-Vorpommern*) através do dicionário *Das pommersche Wörterbuch*, de Hermann-Winter e Vollmer (2008). Na conclusão, retomo as hipóteses de estudo e como elas se articulam com os resultados encontrados.

## **2 Pressupostos Teóricos**

### **2.1 Língua e sociedade**

No início da segunda metade do século XX, ligada à evolução do conceito de 'relativismo cultural', emerge uma nova disciplina, a Sociolinguística. Não se tratava do surgimento de um novo campo de estudos linguísticos, e sim de uma definição de uma área explicitamente voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da Linguística (ALKMIM, 2007). A Sociolinguística é herdeira, por um lado, da Antropologia Linguística e, por outro, da Dialetoлогия, o que evidencia uma origem interdisciplinar; inclusive, seu estabelecimento é precedido por outros pesquisadores, que objetivavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural, como Franz Boas, no começo do século XX, seus discípulos Edward Sapir e Benjamin L. Whorf, Dell Hymes e John Gumperz, entre outros.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), a Sociolinguística do início da segunda metade do século XX apoiava-se em três premissas básicas: o relativismo cultural, a heterogeneidade linguística inerente, e a relação dialética entre a forma e função linguísticas. A primeira premissa, herdada da linguística estruturalista americana, postulava que havia entre as línguas a igualdade essencial e a equivalência funcional.<sup>16</sup> A segunda premissa rompe com a tradição saussuriana de um sistema linguístico homogêneo. Com isso, a variação passou a ser considerada como inerente à língua de qualquer comunidade, bem como o resultado natural de fatores linguísticos e sociais básicos, os quais, por sua vez, condicionam a variação de forma sistemática. A terceira premissa, também rompendo com as postulações linguísticas tradicionais, promovia a mudança de foco; passou-se a focar a função da língua e seu uso no contexto humano e não mais somente a estrutura, conforme fazia o Estruturalismo.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) afirmam que a língua é um sistema heterogêneo, em que subsistemas alternam com um conjunto de regras coocorrentes, das quais se tem as sociais. Além disso, dentro de cada um desses

---

<sup>16</sup> No século XX, o antropólogo Franz Boas postulou o conceito de relativismo cultural, segundo o qual qualquer língua empregada em uma comunidade de fala atende às necessidades comunicativas de seus integrantes. Se elas se diversificam, seja por meio do contato com outros grupos devido a razões sócio-históricas, a língua da comunidade terá condições de ajustar-se às novas circunstâncias. Com isso, seu léxico amplia e sua morfossintaxe se diversifica. Na década de 1960, os sociolinguistas aplicaram esse conceito às variedades no interior das línguas.

subsistemas podem ser encontradas variáveis individuais que covariam, mas que não coocorrem. À análise de um fenômeno linguístico subjaz o fato de que ele se situa tanto numa matriz social quanto linguística. Inclusive, as relações dentro do contexto social não são menos complexas do que as relações linguísticas. A interpretação dos dados está em forte relação com a estrutura sociolinguística da comunidade linguística da qual os dados são originários, ao mesmo tempo em que envolve estímulos e restrições da estrutura da língua.

Por meio do estudo na ilha de Martha's Vineyard, estado de Massachusetts, EUA, Labov (2008[1972]) investigou uma mudança sonora no contexto da vida nessa comunidade de fala: a centralização dos primeiros elementos dos ditongos ingleses /ay/ e /aw/. Segundo ele, o estudo da frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/ nas diferentes regiões da ilha, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos permitiu reconstruir a trajetória da mudança sonora. Como característica significativa do trabalho laboviano na ilha, tem-se a comparação da distribuição das variantes centralizadas e não centralizadas entre diferentes faixas etárias. Os resultados de Labov sugeriram que as diferenças entre os falantes de acordo com a idade era uma evidência sincrônica para o processo de mudança linguística. A partir desse modelo investigativo, pôde-se correlacionar o complexo padrão linguístico da ilha às diferenças na estrutura social da localidade, o que permitiu isolar os fatores sociais que incidiam sobre o processo de variação e mudança linguística.

Em 2002, quarenta anos depois, Pope, Meyerhoff e Lado (2007) propuseram-se a reproduzir o estudo de Labov em Martha's Vineyard, o mais fiel possível em termos metodológicos. O objetivo consistia em usar a evidência em tempo real como forma de avaliar as inferências labovianas sobre a variação e mudança linguística desenhadas com base em dados em tempo aparente. Os resultados indicaram que a taxa geral de centralização na comunidade de fala aumentou em 40 anos. Porém, ambas as variáveis /ay/ e /aw/ não foram afetadas igualmente. Em todas as faixas etárias, o grau de centralização para /aw/ foi muito maior do que para /ay/, apontando que cada variável apresentou trajetórias diferentes entre os falantes estudados. Nesse aspecto, os trabalhos de Labov (2008[1972]) e Pope, Meyerhoff e Lado (2007) se diferenciam, porém, vale salientar que a centralização de /aw/ pode ter se tornado marca identitária de Martha's Vineyard nos últimos quarenta anos. Segundo Pope, Meyerhoff e Lado (2007), seu estudo em 2002 confirma o *insight*

básico feito por Labov de que variação e mudança fonética podem ter motivações sociais suscetíveis de um estudo sistemático. Além disso, conforme supôs Labov (2008[1972]), o constructo de tempo aparente pode ser usado como inferência sincrônica sobre mudança em progresso.

Por meio dos resultados acima, é possível afirmar que o estudo da língua, além de examinar a estrutura e seu funcionamento formal/inerente, também permite desvelar cada vez mais o fato de que a linguagem configura um modo fundamental de constituir a própria sociedade. Segundo Camacho (2013), as pessoas instituem-se como agentes sociais na sua relação com os outros; sua sobrevivência não pode ser dissociada de seu relacionamento com os demais; e os relacionamentos, por sua vez, dependem da mútua coordenação das ações realizadas pelos atores sociais.

A Sociolinguística, por seu turno, investiga a língua de uma determinada comunidade, tendo como seu objeto de estudo a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social. Parte-se de uma comunidade, composta por um grupo de indivíduos que interagem verbalmente e que, nessa interação, compartilham um conjunto de normas linguísticas (ALKMIM, 2007). Desse modo, em conformidade com Amaral e Borges (2006), a língua é concebida como um bem social, que desempenha função importante na formação de grupos e classes sociais, ao mesmo tempo em que revela e constitui suas características culturais, sua visão de mundo.

A contribuição de Labov (2008[1972]) também reside no fato de que seu estudo em Martha's Vineyard apontou para a importância de se descrever a língua e os determinantes sociais que a permeiam, levando em consideração, ao mesmo tempo, a sua variação, com o objetivo de conseguir entender e analisar o sistema linguístico em uso naquela comunidade de fala:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. [...] As pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008[1972], p. 21).

A variação da língua é considerada como elemento integrante da gramática internalizada do falante, como parte de seu sistema linguístico; ela é efeito (como também causa) das diferenças sociais, da hierarquia social, dos padrões culturais

adotados pelas sociedades. Segundo Weinreich (1968 *apud* LABOV, 2008[1972], p. 16),

o domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com multidialetalismo nem com 'mero' desempenho, mas é parte da competência linguística. [...] Numa língua que serve a uma comunidade complexa, a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional.

A variação linguística se dá no contexto das relações sociais determinadas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Isso indica que há uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso e que tal organização reflete também a hierarquia dos grupos sociais. Segundo Alkmim (2007, p. 39), “em todas as comunidades existem variedades linguísticas (e línguas) que são consideradas superiores e outras inferiores” e essa relação influencia as concepções e os usos linguísticos que os indivíduos fazem dessas variedades (e das línguas). A variedade padrão, nesse sentido, corresponde ao modo de falar elencado pela comunidade de fala como sendo o “correto” dentre outros modos desprestigiados, coincidindo historicamente com a variedade falada pelas classes sociais altas.

Ao analisar a alternância de código em *Hemmensberget*, Noruega, Gumperz e Blom (1972) afirmam que fatores sociais condicionam o uso da língua da comunidade (*ranamal*) e o emprego da língua padrão (*bokmal*). A primeira possui grande prestígio entre os membros do vilarejo, uma vez que é considerada parte integral da história familiar dos moradores, um sinal de identidade local. Concomitantemente, a língua-padrão *bokmal* é usada na educação formal, na religião, na mídia. Ambas constituem o repertório linguístico de Hemmensberget. Nesse sentido, conforme o estudo na localidade norueguesa, *ranamal* é a língua símbolo dos relacionamentos localmente enraizados; e *bokmal*, por ser aprendida na escola e na igreja, passa a “ser associada com os sistemas de atividades pan-norueguesas” (GUMPERZ; BLOM, 1972, p. 57).

Bortoni-Ricardo (2011) traz contribuição que vai ao encontro do que foi exposto por Gumperz e Blom (1972). Ao discutir sobre a função da língua, a pesquisadora destaca que as pessoas são motivadas a ajustarem sua fala a fim de expressarem valores, atitudes e intenções em relação a outras. Os falantes criam suas regras de tal forma a se assemelharem o mais próximo possível dos membros do grupo com os quais desejam se identificar e, ao mesmo tempo, enfatizar a distinção intergrupo.

Milroy (2004), ao discorrer sobre ideologias linguísticas, critica a concepção de linguagem padrão comumente presente em trabalhos sociolinguísticos, afirmando que ela é frequentemente o ponto de referência chave, isto é, a norma empregada pelos falantes em situações/eventos de fala mais cuidadas (*careful*). Geralmente, a linguagem padrão está associada a uma perspectiva *standard* e por isso ela pode ser entendida pela comunidade linguística como a referência, através da qual outras formas, distintas da considerada ‘padrão’, são avaliadas em um *continuum*, que vai do mais ou menos próximo da norma.

Como exemplo, Milroy (2004) menciona Bonfiglio (2002), o qual sugere que há no imaginário de americanos a noção de que a linguagem padrão não está localizada em grandes centros urbanos como Nova York, mas sim, no chamado *midwester* ou *agricultural Heartland*. Situada no centro-oeste dos EUA, trata-se de uma região agrícola geralmente associada a valores tradicionais. Segundo Milroy (2004), os centros industriais eram vistos no início do século XX a partir de uma ideologia xenofóbica e purista, isto é, cidades como Nova York eram consideradas locais de “disseminação” racial, religiosa e dialetal/linguística. Era nas áreas rurais de *Midwester* que se situavam as virtudes (consideradas verdadeiramente) americanas e puristas. Com relação à língua, o contato com outras línguas (consideradas) inferiores levava à “decadência do inglês americano”. Nesse sentido, com base em resultados de Bonfiglio (2002), Milroy (2004) argumenta que o foco na pronúncia de [r] nas áreas rurais de *Midwester* indexa valores como virtude e vigor nacional.

Quando as variedades ou variantes linguísticas possuem significado social, elas são entendidas por meio de um processo de indexicalidade como características de determinado grupo ou categoria social. Nesse sentido, Milroy (2004) entende a linguagem padrão como constituída por formas linguísticas que remetem a um grupo de referência, o qual emerge da história de uma nação e sua estrutura social. Para que isso seja possível, ocorre nivelamento (*leveling*), i. e. um processo linguístico cujo efeito consiste em reduzir a variabilidade dentro e entre as línguas.

Milroy (2004) postula que cabe aos sociolinguistas levar em consideração que linguagem padrão não é linguagem neutra, pois o contrário pode levar a uma análise com significado ideológico não intencional. Questionar-se enquanto pesquisador acerca do motivo pelo qual determinado modo de fala, variedade linguística ou

língua são considerados “corretas/os” leva à compreensão de como a comunidade linguística investigada se constitui e de que maneira os usos linguísticos estão relacionados a esse processo. Nesse sentido, ao estudo de variáveis linguísticas perpassa uma complexa estrutura, de modo que o valor de uma variável é determinado por fatores sociais e linguísticos.

Bayley e Lucas (2007) explicam que a análise quantitativa se interessa pelas escolhas recorrentes que um indivíduo faz no decorrer da performance linguística. Com isso, a análise do comportamento da variável dependente se dá em relação à sua distribuição ao longo de fatores independentes, isto é, externos (sociais) e/ou internos (linguísticos). Logo, a variável linguística em um estudo sociolinguístico representa duas ou mais formas de dizer a mesma coisa, as quais pertencem ao mesmo espectro gramatical. Interessa aos sociolinguistas quais são as escolhas feitas pelos indivíduos, uma vez que elas são alternativas com o mesmo valor referencial na fala corrente e podem variar em significado e distribuição. A escolha de uma variante ou outra é sistemática.

Eckert (1998), ao discorrer sobre a idade como variável sociolinguística, diferencia entre idade (*age*) e envelhecimento (*aging*). A primeira é o lugar de uma pessoa em determinado tempo no contexto social: é um estágio, uma condição, um lugar na história. A segunda é o movimento ao longo do tempo, é a concretização de capacidades e competências físicas e sociais. O estudo da idade em relação à língua situa-se na intersecção entre a fase da vida e a história. Eventos como mudanças no status familiar, relações com gênero, status profissional, redes sociais, lugar onde reside, participação na comunidade, participação institucional e envolvimento no mercado de trabalho fazem parte e influenciam como as pessoas se comportam em cada grupo etário. Assim como o gênero, Eckert (1998) salienta que a idade se relaciona com a variação em virtude do seu status social e não biológico. Nesse sentido, a idade atua com forma de marcar não somente o progresso individual ao longo da trajetória de vida, como também o progresso individual em relação à normas sociais.

Eckert (1998) também salienta que diferenças em sistemas etários ao longo de culturas podem trazer implicações importantes para o estudo sociolinguístico. A relação entre idade e outros fatores sociais pode ser diferente de acordo com cada cultura. Segundo Eckert (1998), na sociedade industrial especialmente quando olhamos para a relação entre gênero e idade, precisamos levar em consideração

que eventos da vida são diferentes para homens e mulheres. Geralmente as mulheres lideram a mudança sonora, assim como classes média alta e baixa. Com isso, grupos etários não são necessariamente uniformes entre as comunidades. Diferentes condições culturais e materiais criam diferentes trajetórias de vida e a idade atua como um dos indicadores de um grupo de fatores heterogêneos que pode se relacionar aos usos linguísticos dentro de uma comunidade linguística.

O fenômeno do bilinguismo também está inserido em um contexto social e cultural. As relações sociais na comunidade em que o bilíngue vive influenciam seu comportamento de fala. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), a extensão, a direção e a natureza da influência de uma língua sobre outra também podem ser explicadas em termos do comportamento individual de fala dos sujeitos. Gumperz e Blom (1972) esclarecem que os usos linguísticos não se constituem somente como reflexos de normas sociais capazes de serem medidas independentemente das outras. Paralelamente, regularidades de comportamento também podem ser interpretadas como oriundas de uma série de escolhas individuais.

Para Milroy e Gordon (2003), categorias como gênero, etnia e classe constituem construtos de análise em um nível macro e para se compreender a relação entre língua e essas categorias sociais globais são necessários procedimentos que permitam examinar as especificidades da prática local e das condições locais, dentre elas as escolhas individuais. Tais procedimentos também precisam ser condizentes com as categorias sociais locais e com os laços localmente construídos na vida cotidiana dos indivíduos. A análise de redes constitui-se, nesse sentido, como um instrumento dentro da Sociolinguística, que permite analisar como as práticas locais em determinada(o) cidade/comunidade/grupo social e/ou econômico dão origem a padrões linguísticos globais.

Não se trata de subjugar o trabalho de Labov, uma vez que, segundo Milroy e Milroy (1992), uma das mais importantes contribuições do paradigma quantitativo laboviano reside no fato de que ele permitiu a análise sistemática e responsável da relação entre variação da língua e fatores sociais como gênero, etnia e classe social. Tanto em grandes cidades quanto em pequenas comunidades, Labov mostrou como a variação socialmente padronizada pode revelar mecanismos regulares de mudança linguística. Trata-se, na verdade, de se realizar análise sociolinguística também em um nível micro – e as redes compõem esse escopo.

Bortoni-Ricardo (2011) esclarece que rede social diz respeito ao conjunto de vínculos reais de todos os tipos no interior de um grupo de pessoas. Milroy e Gordon (2003) diferenciam dois tipos de redes: aquelas que conectam amigos ou parentes (*first-order network ties*), em oposição àquelas que conectam conhecidos (*second-order ties*). Segundo os mesmos autores, indivíduos com redes fechadas – isto é, com um número relativamente grande de contatos sociais locais – usam os recursos de variabilidade linguística disponíveis para a comunidade de forma diferente daqueles cuja orientação social é menos local.

Bott (1976), ao analisar diferenças de grau de segregação dos papéis conjugais entre homem e mulher em famílias urbanas, aponta que os relacionamentos sociais externos das famílias podem assumir muito mais a forma de uma rede do que a de um grupo organizado. Isso significa que, na formação da rede, somente alguns indivíduos componentes, e não todos, têm relações sociais uns com os outros. Uma família, por exemplo, pode manter relações com amigos, parentes, vizinhos, aqui identificados com as letras A, B, C, D, E, F etc., porém, nem todos podem conhecer uns aos outros; B pode conhecer A e C, mas pode não conhecer os demais.

Bott (1976) explica ainda que, em uma rede, os seus integrantes não estão cercados por uma fronteira comum. O fator que permite a constituição de uma rede foi denominado pela autora de *conexidade*<sup>17</sup> e deve ser entendido como “a extensão em que as pessoas conhecidas por uma família se conhecem e se encontram umas com as outras, independentemente da família” (BOTT, 1976, p. 76). Nessa perspectiva, certos tipos de rede tendem a funcionar como um mecanismo de reforço normativo.

Quando muitas das pessoas que alguém conhece interagem entre si, ou seja, quando a rede desta pessoa é de tessitura miúda (*multiplex*), os membros desta rede tendem a alcançar um consenso sobre normas e exercem uma pressão informal consistente uns sobre os outros para que se conformem às normas (...). Quando a maioria das pessoas que alguém conhece não interage umas com as outras, quer dizer, quando sua rede é de tessitura larga (*uniplex*), maior variação de normas possivelmente ocorrerá na rede (BOTT, 1976, p. 77).

Milroy e Gordon (2003) também explicam que comunidades pessoais, não necessariamente familiares, são criadas pelos indivíduos com o objetivo de fornecer uma estrutura significativa para resolver os problemas da vida diária. Os laços

---

<sup>17</sup> Bortoni-Ricardo (2011) traduziu em português como *conectividade*.

interpessoais podem ser de diferentes tipos e forças, assim como as relações estruturais entre os elos podem também variar. Relacionando aos usos linguísticos, redes formadas por laços fortes, isto é, densos e múltiplos (rede de tessitura miúda) parecem apoiar, segundo Milroy e Gordon (2003), normas linguísticas locais, ao mesmo tempo em que há resistência a pressões vindas de normas externas.

Em situações plurilíngues ou multidialetais, Bortoni-Ricardo (2011) evidencia que as redes de tessitura miúda podem associar-se à preservação de linguagem minoritária e não padrão, ao passo que as redes de tessitura larga (esparsas e uniplex) apresentam preferência por uma linguagem cultural e socialmente dominante. Nesse sentido, fatores socioculturais e políticos podem se relacionar à diglossia, fenômeno presente em muitas comunidades plurilíngues, levando à sua manutenção ou ruptura.

## **2.2 O fenômeno do bilinguismo**

Ao se falar em bilinguismo, é preciso definir qual concepção subjaz a tal conceito. Em sentido lato, entende-se por bilinguismo o “uso alternado de duas ou mais línguas por parte de um mesmo indivíduo” (MACKEY, 1972, p. 555). Não se trata de um fenômeno da língua e sim relacionado ao uso. O bilinguismo surge em função das migrações dos povos, os quais levam consigo suas respectivas línguas, sendo que esses indivíduos não possuem a mesma importância numérica, política e econômica. Quando eles passam a compor um mesmo território e, com isso, a interagir por alguma razão, há o contato linguístico (COUTO, 2009; GROSJEAN, 1982). Logo, o bilinguismo é um fenômeno natural e inevitável das imigrações e do isolamento pelo qual passa o povo migrado com relação ao seu grupo original do qual se desgarrou.

Ao me debruçar sobre o estudo sociolinguístico do pomerano, tomo como ponto de partida o local onde ele é falado. Na introdução, a contextualização ocorreu, em um primeiro momento, a partir da noção de lugar em seu sentido físico. O termo “língua de imigração”, como o próprio nome sugere, refere-se a algo que acompanha os indivíduos que emigraram, isto é, acompanha-os de um lugar a outro. Para este estudo, defino língua de imigração em consonância com Pupp Spinassé e Savedra (2021), que explicam que as línguas de imigração se desenvolveram

distantes de suas matrizes e de modo independente no país anfitrião. Elas passaram a vivenciar situações de contato, variação e mudança. Por se tornarem línguas relativamente autônomas, ganharam no Brasil o *status* de língua local, bem como de língua brasileira. Nesse sentido, em consonância com Johnstone (2004), os sujeitos não só constroem a noção de lugar à medida que experimentam e experienciam o espaço físico e local, mas também diferentes falantes podem se alinhar/se orientar linguisticamente ao local de diferentes formas, com objetivos distintos, ressignificando as dimensões socioculturais de lugar e influenciando o uso da língua.

O Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguísticas (IPOL) caracteriza, inclusive, o pomerano como língua de imigração e língua cooficial em 8 municípios brasileiros: seis no ES, um no RS e um em SC<sup>18</sup>. Em 2022, foi publicado o Inventário da Língua Pomerana e o pomerano ganha oficialmente o status de língua brasileira de imigração (MORELLO; SILVEIRA, 2022). Na Serra dos Tapes, há o Núcleo de Pesquisa-Extensão-Formação Educação e Memória: Educamemória da Universidade Federal do Rio Grande, o qual aglutina professores e acadêmicos em processos de ensino, extensão, investigação, análise e produção acadêmica sobre os processos da Educação e da Memória<sup>19</sup>. Trata-se de ações a partir do pressuposto da participação pesquisante visando o diálogo entre a memória, a história e a educação das comunidades pomeranas do sul do RS com base em inventários do patrimônio material e imaterial presentes nestes espaços, mediados pela ação escolar.

Dito isso, o espaço físico e suas características (climáticas e geográficas) podem influenciar o comportamento humano e os usos linguísticos necessários para dar conta da realidade à qual o falante pertence ou passa a viver, porém, eles não são deterministas. Além da região de origem ou habitação do falante, fatores culturais e psicológicos também afetam o padrão de uso da língua. Johnstone (2004) explica que diferentes indivíduos constroem diferentes lugares e se relacionam com eles de modos distintos. Dessa forma, *lugar*, *região* e *local* são aqui entendidos não somente a partir de seu aspecto físico, mas também como constructo sociocultural, definidor e definido por fenômenos linguísticos e processos de mudança linguística.

---

<sup>18</sup> A lista com todas as línguas cooficializadas e de imigração está disponível em: <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/> Acesso: 31. julho 2023.

<sup>19</sup> Para mais informações sobre os projetos desenvolvidos, há o site <https://educamemoria.furg.br/> . Acesso: 31 julho 2023.

Paralelamente, dentro de uma perspectiva individual, sujeito bilíngue não pode ser entendido como a soma de dois indivíduos monolíngues, mas sim como alguém que possui a capacidade de utilizar funcionalmente e de acordo com o contexto mais de uma língua, seja em que grau for, conforme Grosjean (1995, p. 259):

Indivíduos bilíngues são aquelas pessoas que usam duas ou mais línguas no cotidiano; não são a soma de dois completos ou incompletos monolíngues, mas possuem uma configuração linguística única e específica. Eles desenvolveram competências em suas línguas na medida exigida pelas suas necessidades e as do ambiente. Eles normalmente usam suas línguas - separadamente ou em conjunto - para fins diferentes, em diferentes domínios, com pessoas diferentes.

Nesse sentido, são considerados bilíngues variados tipos de sujeitos, desde aqueles que se desempenham em uma das quatro habilidades (falar, compreender, ler e escrever), até os sujeitos com mais de uma língua materna (GROSJEAN, 1982; MOZZILLO, 2001).

Também em uma perspectiva individual, tem-se o conceito de língua materna, o qual se relaciona com o bilinguismo. Tradicionalmente, língua materna (LM) é a primeira língua que cada indivíduo aprende e com a qual, por isso, esse sujeito se identifica. Apesar de seu uso abrangente, tem-se feito críticas ao conceito tradicional. Altenhofen (2002) afirma que o conceito de língua materna é polissêmico, dinâmico e varia segundo um conjunto de traços históricos, pedagógicos, políticos, educacionais, ultrapassando o aspecto linguístico, especialmente em contextos bilíngues. Segundo o autor, um mesmo indivíduo, em alguns casos, pode ter duas línguas maternas. Isso ocorre em contextos bilíngues, em que o mesmo sujeito adquire simultaneamente duas línguas, as quais compartilham usos e funções específicas.

A LM possui valor afetivo e identitário para o indivíduo. Segundo Pupp Spinassé (2006, p. 4), a aquisição da primeira língua está ligada à formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também valores pessoais e sociais. Com isso, a LM marca a origem e, na maioria das vezes, é usada no cotidiano. No entanto, Pupp Spinassé (2006) esclarece que LM não é, necessariamente, a língua da mãe, e nem a primeira língua que se aprende, ainda que, normalmente, seja a língua aprendida em casa com os pais e falada na comunidade. Outros aspectos, linguísticos e não linguísticos, estão ligados à definição. Desse modo,

a língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). Uma criança pode, portanto, adquirir uma língua que não é falada em casa, e ambas valem como L1 (PUPP SPINASSE, 2006, p. 5).

A partir do exposto, a língua materna é caracterizada pela combinação de vários fatores, sendo todos eles decisivos e, por isso, precisam ser levados em consideração para definir a LM:

A língua da mãe, a língua do pai, a língua dos outros familiares, a língua da comunidade, a língua adquirida por primeiro, a língua com a qual se estabelece uma relação afetiva, a língua do dia a dia, a língua predominante na sociedade, a de melhor status para o indivíduo, a que ele melhor domina, língua com a qual ele se sente mais à vontade (IDEM).

Heredia (1989) destaca outros fatores que também incidirão nos usos linguísticos de um falante, seja dentro ou fora de sua comunidade. Discorrendo sobre os diferentes fatores para a manutenção ou abandono da língua de origem, a escolha da língua a ser utilizada dentro da comunidade dependerá dos estatutos, dos papéis, dos lugares e dos sujeitos de conversação.

À escolha da língua estão subjacentes a frequência de uso da língua em tal ou tal situação, o grau de bilinguismo de interlocutores habituais, bem como, e principalmente, o índice das relações sociais dentro daquela comunidade. Logo, as regras de uso de uma ou outra língua se dão (também) em função das situações sociais, o que se acrescenta a uma competência linguística relativa às regras de funcionamento da língua (HEREDIA, 1989).

A partir dessa relação entre situações sociais e usos bilíngues, Ferguson (1959) pontua que, em muitas comunidades de fala, duas ou mais variedades da mesma língua são usadas pelos mesmos falantes sob diferentes condições. Trata-se da *diglossia*. Cada uma das variedades que coexistem na comunidade possui um papel específico e foram assim denominadas: variedade alta ou H (*high variety*) e variedade baixa (*low variety*), representada por L.

As situações de diglossia são caracterizadas por um conjunto de traços: a variedade alta é utilizada para produzir literatura reconhecida e admirada; ela é fortemente padronizada, pois possui gramáticas, dicionários, uma norma estabelecida de pronúncia, e goza de um prestígio social superior ao da variedade baixa. Enquanto a variedade baixa é a primeira língua dos falantes, a variedade alta

é adquirida por meio de instrução formal (na escola). Ambas possuem também uma divisão funcional de usos: a variedade alta é utilizada na igreja – devido à sua “superioridade” –, nos discursos políticos e na universidade; já a variedade baixa é usada nas conversações familiares, com amigos e colegas, na literatura popular etc.

Ferguson (1959, p. 237) salienta ainda que, “mesmo quando o sentimento de realidade e superioridade de H (*high*) não é forte, há uma crença de que H (*high*) é mais bonita, mais lógica, mais hábil a expressar importantes pensamentos, e similares”. O estudioso também define que a situação de diglossia é estável, podendo durar vários séculos, e que essas duas variedades de uma mesma língua possuem uma gramática, um léxico e uma fonologia relativamente divergentes.

Originariamente, o conceito de diglossia foi criado para se referir a duas variedades de uma mesma língua com diferentes funções dentro de uma comunidade de fala. Atualmente, esse conceito foi alargado para situações de uso de duas línguas distintas, mas que, assim como as variedades alta e baixa definidas por Ferguson (1959), dividem os domínios linguísticos da comunidade e não detêm o mesmo prestígio social.

Fishmann (1967) realiza justamente esse movimento de ampliação da noção de diglossia. Primeiramente, ele distingue bilinguismo de diglossia, sendo o primeiro um fato individual e o segundo um fenômeno social, e acrescenta que pode haver diglossia entre mais de dois códigos. Esses códigos não precisam ter necessariamente uma origem comum e/ou relação genética. Nesse sentido, a diglossia está em constante evolução, diferentemente do que postulou Ferguson. As relações entre bilinguismo e diglossia podem apresentar as seguintes facetas:

a) *bilinguismo e diglossia*: todos os membros da comunidade conhecem a forma alta e a forma baixa;

b) *bilinguismo sem diglossia*: há vários sujeitos bilíngues na comunidade, porém eles não se utilizam dos registros para usos específicos;

c) *diglossia sem bilinguismo*: numa sociedade há a divisão funcional de usos entre os códigos, porém um grupo de fala utiliza a forma alta enquanto outro grupo social emprega a forma baixa;

d) *nem diglossia nem bilinguismo*: há somente uma língua, o que é uma situação bastante rara.

Desse modo, o bilinguismo, segundo Pinho (2008), caracteriza um comportamento linguístico no nível dos indivíduos e a diglossia diz respeito a uma

organização linguística hierárquica no nível sociocultural. Logo, são conceitos diferentes, mas fenômenos que podem ocorrer numa mesma comunidade linguística.

No entanto, são as relações diglósticas que determinam as regras de uso bilíngue dentro da comunidade de fala ou de prática. Alargando os pressupostos de Heredia (1989) acerca das regras de funcionamento da(s) língua(s), chega-se ao conceito de domínios linguísticos. Segundo Fishmann (1972), o repertório linguístico de uma comunidade de fala multilíngue é caracterizado pelo fato de que uma única população faz uso de duas ou mais línguas ou variedades da mesma língua para propósitos comunicativos internos e distintos. Há dentro das comunidades de fala variáveis analíticas e descritivas importantes para a compreensão de quem fala qual língua para quem e quando. Cabe ao linguista investigar como ocorrem as múltiplas diferenças entre os usos bilíngues, levando principalmente em consideração que elas são reflexo de complexas relações sociais e de poder dentro da comunidade de fala.

Nesse sentido, Fishman (1972), mencionando Schmidt-Rohr (1932), afirma que é preciso estabelecer as *configurações de domínio*, a fim de revelar o *status* geral de todas as escolhas de língua em vários domínios de comportamento linguístico. Schmidt-Rohr (1932, apud FISHMAN, 1972) recomendou nove domínios: a família, o playground e a rua, a escola, a igreja, a literatura, a imprensa, o exército, os tribunais e a administração governamental. Mais tarde, outros domínios foram acrescentados e/ou retirados por outros pesquisadores, de acordo com a realidade sociolinguística. Dessa forma, em consonância com Fishman (1972, p. 20), domínio é uma construção sociocultural gerada e captada a partir de tópicos/assuntos de comunicação, tipo de relacionamento entre comunicadores (se profissional ou não, amoroso, familiar, entre outros) e locais de comunicação.

Tais fatores também dependem diretamente das instituições de uma sociedade e das esferas de atividade de uma comunidade de fala. Comportamento individual e padrões sociais podem ser distinguidos um do outro e ainda relacionados um ao outro. Todas essas relações são captadas e sumarizadas em domínios pelo pesquisador, a partir de um estudo detalhado das interações cara a cara em que a escolha linguística é incorporada. Dessa forma,

domínios designam as maiores aglomerações de situações de interação que ocorrem em contextos multilíngues específicos, não importando o número. Domínios nos levam à compreensão de que a escolha da língua apropriada está relacionada a normas e expectativas socioculturais difundidas dentro da comunidade de fala. Por essa razão, eles podem diferenciar de contexto para contexto, em termos de número e em termos de nível (FISHMAN, 1972, p. 19).<sup>20</sup>

Com isso, observa-se que os usos linguísticos dos falantes estão relacionados às distintas funções e valores sociais existentes na comunidade de fala e que eles refletem e são ao mesmo tempo reflexo das relações de poder. Segundo Couto (2009, p 113), “se não houvesse as conquistas e a dominação de um povo pelo outro, o bilinguismo não apresentaria nenhum problema”. Dessa perspectiva, o contato linguístico é marcado por relações de poder, em que o povo que detém maior poder acaba dominando a outra comunidade de menor prestígio e, conseqüentemente, a respectiva língua. E a análise dos usos bilíngues em relação aos domínios linguísticos auxilia na compreensão das complexas relações existentes em uma comunidade, especialmente em casos de diglossia.

Fishman (1972), em estudo sobre o bilinguismo porto-riquenho na cidade de Nova York, apontou que o domínio em que as crianças mais utilizavam o espanhol era a família, enquanto o inglês era mais empregado por elas no domínio da escola. Uma língua é mais associada a certos domínios do que outra, refletindo justamente as relações de poder existentes dentro da comunidade de fala.

### **2.3 Caracterização da língua de imigração brasileira, o pomerano**

Nas zonas de colonização germânica, quase não havia população luso-brasileira e, por isso, “a maioria das zonas de colonização estrangeira permanecia, por longas décadas, voltada sobre si” (WILLEMS, 1980, p. 105). Tal fato pode ser entendido como possível indício de que redes pessoais de tessitura miúda constituíam-se desde a formação das colônias. Em certa medida, é possível observar atualmente essa característica, uma vez que a língua de imigração na

---

<sup>20</sup> Fishmann (1972, p. 19) cita como exemplo de domínios definidos em termos de nível o estudo de Barber (1952), o qual investigou trilingües indígenas e formulou domínios no nível da análise sociopsicológica: íntimo, formal, informal e intergrupo.

Serra dos Tapes é transmitida dentro da família e mantida na comunidade, conforme apontam estudos de Mujica (2013), Mackedanz (2016) e Vahl (2017).

Paralelamente, conforme mencionado na introdução, as variedades alemãs no Brasil, e em especial no Rio Grande do Sul, desenvolveram-se de modo independente em relação ao contexto germânico originário. Pupp Spinassé (2016; 2017) explica que isso ocorreu de forma paralela ao contato com o português, o qual possui grande influência sobre a forma como a língua de imigração foi sendo usada ao longo dos anos, desde a chegada dos imigrantes. No caso da língua de imigração *Hunsrückisch*, estudada por Pupp Spinassé (2016; 2017), empréstimos lexicais do português, formação híbrida de palavras compostas e os fenômenos de *code-mixing* e *code-switching* evidenciam o processo de desenvolvimento do hunsriqueano. Porém, a constante comparação da língua de imigração com a língua alemã falada na Alemanha – *Standarddeutsch* – reduziu neste caso o hunsriqueano a um “alemão errado, falso”. Dessa comparação, surgiu o consenso de que os empréstimos do português são interferências, o que não evidencia o complexo processo de desenvolvimento pelo qual uma língua de imigração passa.

De acordo com Postma (2019), o pomerano é parte do *continuum* da língua alemã, não apenas no aspecto cultural (refletido em seu léxico), mas também em aspectos gramaticais. Com relação aos nomes em pomerano, por exemplo, Tressmann (2015) explica que existe variação de gênero, podendo este ser feminino, masculino ou neutro; a língua alemã falada na Alemanha possui a mesma característica. Segundo Postma (2019), a antiga Pomerânia está enraizada no universo cultural e linguístico alemão. A base lexical pomerana situa-se em relação ao léxico continental germânico como, por exemplo, o item em pomerano *sunâwend* (sábado), que em alemão é *Sonnabend*. Por outro lado, a fonologia e morfossintaxe estão mais orientadas para o holandês, frísio e inglês, como no caso do vocábulo em pomerano *boowa* (sobre), que em holandês *boven* e em alemão *über*.

Além disso, Adler *et al.* (2016) fizeram um levantamento acerca da presença do *Niederdeutsch* (baixo-alemão) na Alemanha, o qual desde 1999 é reconhecido como língua regional e como pertencente às línguas germânicas do Mar do Norte. Dos dezesseis estados alemães, em nove deles é possível encontrar e diferenciar inúmeras pequenas regiões dialetais do *Niederdeutsch*. São eles: Bremen, Hamburg, Mecklenburg-Vorpommern, Niedersachsen, Schleswig-Holstein, Brandenburg, Hessen, Nordrhein-Westfalen e Sachsen-Anhalt.

Sanders (1982), ao discorrer sobre a história do *Niederdeutsch*, esclarece que foi no século XVI que o alemão padrão (*Hochdeutsch*) tornou-se em todo o norte da Alemanha a língua oficial e escrita, papel esse que até então reservava-se ao *Mittelniederdeutsch* (ou também chamado de *Hansensprache*). Para Sanders (1982), no século XIX, época da imigração dos pomeranos ao Brasil, o *Niederdeutsch* ou *Plattdeutsch* passa a ser um termo guarda-chuva para um conjunto de dialetos orais. Adler *et al.* (2016) explicam também que é possível encontrar hoje ilhas linguísticas do *Niederdeutsch* nos Estados Unidos, México, Brasil, Paraguai, Rússia e Cazaquistão.

Nesse sentido, considero os fatos acima como fortes indícios de que os imigrantes pomeranos trouxeram ao Brasil variedades orais pertencentes ao *Niederdeutsch* e, segundo Altenhofen e Mello (2018), algum conhecimento do alemão *standard*. E hoje, especialmente em Mecklenburg-Vorpommern, região que pertencia à Pomerânia, há o Dicionário Pomerano (*Das Pommersche Wörterbuch*), de Hermann-Winter e Vollmer (2008). Trata-se de um dicionário dialetal com vocabulário do baixo-alemão (*Niederdeutsch*) presente na antiga província da Pomerânia em meados de 1936 (VOLLMER, 2021). Logo, as fontes históricas e linguísticas nos remetem ao fato de que o pomerano hoje presente no Rio Grande do Sul pode ter suas raízes ancoradas também na presença do *Niederdeutsch/Plattdeutsch* no cenário do norte da Alemanha.

No Brasil, segundo Postma (2019), o pomerano é rico em empréstimos advindos do superstrato alemão (*Standarddeutsch*) e do português. Em muitos casos, a palavra consiste em simples cópia, a qual mantém a fonologia alemã ou portuguesa, respectivamente, o que é considerado por Postma (2019) como uma espécie de *code-mixing*. Outros empréstimos passaram ou ainda passam por acomodação, a qual se dá através de um processo lexical de subtração, como em *orkíjd*, cujo termo correspondente em português é *orquídea*.

Tanto Pupp Spinassé (2006; 2016; 2017) quanto Postma (2019) discutem acerca do fenômeno linguístico *code-mixing* como integrante e constitutivo da fala na língua de imigração, isto é, como algo característico de interações diárias com outras pessoas, uma vez que estamos constantemente alternando a variedade linguística e/ou a língua que usamos. Em consonância com Grosjean (1982), o indivíduo bilíngue pode modificar variedades em uma língua, alternar os idiomas ou ambas as ações, a depender do contexto (quando e onde), da situação, dos

participantes da interação, do tópico discursivo (trabalho, esporte etc.) e da função da interação. Por esses motivos, o *code-mixing* não é um evento linguístico aleatório, uma vez que “o bilíngue pode pegar emprestado palavras de outro idioma e integrá-las fonológica e morfologicamente ao idioma de base” (GROSJEAN, 1982, p. 129).<sup>21</sup>

Também dentro dessa ideia de alternância de códigos de duas línguas presentes no repertório linguístico do falante, Mozzillo (2001) define *code-switching* como um fenômeno natural da conversação bilíngue e, ao mesmo tempo, como uma estratégia de adaptação comunicativa, bem como um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua de acordo com as situações interativas. Subjacente à escolha do idioma, Grosjean (1982, p. 145) esclarece que há um processo de tomada de decisão em dois estágios:

No primeiro estágio, o bilíngue decide qual idioma base usar, e no segundo estágio ele ou ela determina se deve ou não trocar de código. Esta segunda etapa ocorre somente quando o bilíngue está se dirigindo a outro bilíngue. (...) Vou definir *code-switching* como o uso alternado de dois ou mais idiomas na mesma fala ou conversa. (...) O *code-switching* não só preenche uma necessidade linguística momentânea, como também é um recurso de comunicação muito útil.<sup>22</sup>

A definição acima evidencia que se trata de uma estratégia comunicativa, a qual, em consonância com Mozzillo (2001), é sinal da habilidade linguística utilizada pelos bilíngues com o intuito de transmitir informação linguística e social. Os indivíduos detêm uma habilidade para negociar mudanças com relação a distanciamentos e aproximações sociais entre locutor e interlocutor bilíngues. Mozzillo (2001) também esclarece que cada bilíngue atribui funções a cada código e pratica com seu parceiro contínua negociação, com o objetivo de suprir a necessidade de frequente acomodação ao encontro intercultural.

Em seu estudo com oito adolescentes meninos bilíngues pomerano-português na comunidade de Arroio do Padre, Vahl (2017) analisou as motivações dos alunos para realização de *code-switching* em ambiente escolar – no caso, uma escola de ensino médio –, durante aulas de diferentes disciplinas. O uso do *code-switching* na

<sup>21</sup> Tradução livre minha do original: *The bilingual may also borrow words from the other language and integrate them phonologically and morphologically into the base language.*

<sup>22</sup> Tradução livre do original: *In the first stage the bilingual decides which base language to use, and in the second stage he or she determines whether to code-switch. This second stage occurs only when the bilingual is addressing another bilingual. (...) I will define code-switching as the alternate use of two or more languages in the same utterance or conversation. (...) Code-switching not only fills a momentary linguistic need, it is also a very useful communication resource.*

fala em pomerano dos adolescentes possui as seguintes motivações: desejo de falar sobre o interlocutor, suprimir uma mensagem, marcar a identidade do grupo, dar efeito cômico, manter uma informação em sigilo e preencher um item lexical, o qual se relacionava ao conteúdo da aula (ministrada em português).

Para Hamers e Blanc (2004[1989]), há um *continuum* entre *code-switching* e *code-mixing*. Assim como o *code-switching*, o *code-mixing* é uma estratégia comunicativa resultante do contato linguístico, mas o falante de uma língua transfere elementos ou regras de outra língua em todos os níveis linguísticos. Necessariamente, há no *code-mixing* um idioma base, no qual deve ser possível distinguir itens e trechos que utilizam regras de ambos os idiomas. Como exemplo, Hamers e Blanc (2004[1989]) trazem uma sentença em Chaic, um vernáculo misto francês-inglês falado na província canadense de Nova Brunswick: *je vais back venir* é uma frase em francês que compreende um verbo frasal francês '*je vais venir*<sup>23</sup>' e um morfema inglês '*back*<sup>24</sup>', que é preposicionado ao verbo de acordo com uma regra francesa inaceitável em inglês. Neste caso, a mistura de códigos pode ser incorporada na alternância de códigos, mas não o contrário.

Para Hamers e Blanc (2004[1989]), a mistura de códigos (*code-mixing*) pode desencadear a alternância de códigos (*code-switching*). No entanto, o *code-mixing* é um processo caracterizado pela transferência de elementos de uma língua Ly para a língua base Lx; na elocução mista que resulta podemos distinguir pedaços monolíngues de Ly alternando com pedaços de Lx que se referem às regras de dois códigos. Segundo Auer (1998), o *code-mixing* está muito mais intrinsecamente ligado à sintaxe do que o *code-switching*.

Nesse momento, é importante diferenciar alternância e mistura (*switching/mixing*) de empréstimo (*borrowing*) linguístico: os primeiros pressupõem que o elemento empregado de outra língua não está fonológica e morfologicamente integrado na língua base, ao passo que o segundo, sim. Ao contrário do empréstimo, o *code-mixing* e o *code-switching* transferem elementos de todos os níveis linguísticos e unidades que variam de um item lexical a uma frase (HAMERS e BLANC, 2004 [1989]). Isso ocorre, pois em comunidades bilíngues e multilíngues a troca linguística é a norma e não a exceção (GROSJEAN, 1982; ZIEGLER, 1996).

---

<sup>23</sup> Tradução livre: "Eu estou indo".

<sup>24</sup> Tradução livre: "de volta".

Já Dabène e Moore (1995) distinguem diferentes tipos de *code-switching*, dos quais destaco aqui o *code-switching* unitário. Segundo as pesquisadoras, ele ocorre quando o elemento da L2 é tratado sintaticamente como um L1 elemento; e o elemento da L2 é inserido sem ter uma função sintática pré-determinada. A alternância de código desse tipo, segundo Dabène e Moore (1995), pode conter itens lexicais, conectores, advérbios e modificadores. Neste trabalho, opto por não empregar tal classificação, pois o meu objeto de estudo não é a alternância de código. Hamers e Blanc (2004 [1989]) esclarecem, por sua vez, que a distinção entre o *code-switching* (aqui destacado o unitário) e *code-mixing* não é absoluta, podendo o segundo originar o primeiro.

Pupp Spinassé (2016; 2017) salienta que o contato linguístico com o português exerce grande influência sobre a língua alóctone, porém, não é o único fator. Assim como qualquer língua, o *Hunsrückisch*, e pode-se dizer também o pomerano, dispõe de regras internas e características específicas, as quais conduziram as línguas de imigração ao seu atual estágio. Ao analisar o vocabulário em *Hunsrückisch*, Pupp Spinassé (2016; 2017) pôde identificar sete grupos lexicais, os quais foram categorizados em sua relação com o alemão *standard*, com a língua portuguesa, bem como levando em conta motivações fonológicas, morfológicas, sintáticas ou semânticas para a formação de palavras. Os sete grupos são:

- Grupo 1: palavras de origem alemã, cuja forma e significado ainda coincidem com suas correspondentes no alemão *standard*.
- Grupo 2: palavras de origem alemã, mas cujo significado se distanciou de sua correspondente em alemão *standard*, ainda que mantendo a mesma forma.
- Grupo 3: novos itens lexicais criados pelos falantes, a partir de vocábulos de origem alemã, por meio de analogia, não havendo correspondência com a variedade *standard*.
- Grupo 4: palavras de origem alemã, cujo gênero no *Hunsrückisch* (masculino, feminino ou neutro) não corresponde ao do alemão *standard*.
- Grupo 5: empréstimos lexicais que surgiram do contato linguístico com o português e que foneticamente foram adaptados ao léxico da língua de imigração.

- Grupo 6: estrangeirismos<sup>25</sup> do tipo 1 – palavras também advindas do contato linguístico com o português e que possuem pronúncia e/ou forma igual ao PB, apesar de ter existido, na língua de origem, vocábulo que designasse o mesmo objeto.
- Grupo 7: estrangeirismos do tipo 2 – palavras originárias do contato linguístico com o português e que possuem pronúncia ou forma tal qual o português brasileiro, as quais foram adotadas por os falantes não conhecerem vocábulo correspondente na língua de alemã.

Em pomerano, Postma (2019) apresenta uma lista com empréstimos do português, os quais, segundo o autor, representam o processo lexical de subtração, como em *prijm* (prima), *fum* (fumo/tabaco), *vend* (venda/mercado) e *ranj* (laranja). Esses exemplos sinalizam a possibilidade de analisar o léxico pomerano também em sua relação com o alemão *standard*, com a língua portuguesa e a partir das motivações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas subjacentes à formação de palavras e composição do léxico. Dessa forma, então, com base em Pupp Spinassé (2016, 2017), o processo de desenvolvimento da língua, no que diz respeito ao léxico, neste caso, do pomerano, obedece a determinadas regras e princípios, havendo razões para o empréstimo de uma palavra. Trata-se de um processo de mudança lógico e natural, como em todas as línguas.

#### **2.4 O individual e o social**

Segundo a perspectiva da Psicologia Social, o indivíduo é definido por meio de dois polos disjuntos: o psicológico e o sociológico (DESCHAMPS; MOLINER, 2014). A língua, aqui entendida como uma prática social, é considerada elemento chave na e para a integração social, atuando como elo entre o indivíduo e os outros. A articulação, a organização e a síntese dos aspectos socioculturais e individuais são conceituadas a partir da ideia de que “todo indivíduo seria caracterizado, de um lado, por traços de ordem social que assinalam sua pertença a grupos ou categorias;

---

<sup>25</sup> Optei pelo termo “estrangeirismos”, pois parti da perspectiva da língua local. Esses vocábulos foram emprestados de uma língua diferente, “estranha” (“estranho” aqui deriva do alemão *fremd*). Emprego “estrangeirismos” para justamente diferenciar dos empréstimos que foram adaptados.

e, do outro, por traços de ordem pessoal, atributos mais específicos do indivíduo, mais idiossincráticos” (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 23).

Deschamps e Moliner (2014) apontam que há uma distinção entre identidade social e identidade pessoal. No entanto, na Psicologia Social, tal diferenciação atua principalmente como uma complementaridade. A distinção entre identidade social e identidade pessoal permite questionar sobre a importância das pertencas sociais na definição do indivíduo e ao mesmo tempo sobre a parte mais idiossincrática e não como polos distintos. Essa aparente dicotomia levanta, na verdade,

o problema mais geral da integração das pessoas num espaço coletivo (o reconhecimento de uma pertença) e, simultaneamente, o problema ligado ao fato de que essas pessoas buscam um lugar específico neste mesmo espaço coletivo (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 17).

Com isso, os autores postulam que a identidade social remete à “semelhança”, uma vez que a identidade social é partilhada por aqueles que ocupam posições semelhantes, que têm pertencas comuns. Porém, o sentimento de pertença só adquire sentido em relação a outros grupos ou categorias de *não* pertença.

A identidade social remete ao fato de que o indivíduo se percebe como semelhante aos outros de mesma pertença (o nós), mas ela remete também a uma diferença, a uma especificidade desse ‘nós’ em relação aos membros de outros grupos ou categorias (o eles) (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 23).

Já quanto aos atributos específicos de cada indivíduo, é à identidade pessoal que eles remetem, bem como à ideia de que a combinação singular de traços constitui o indivíduo como sendo diferente dos demais, único. Logo, a identidade pessoal é o que permite ao sujeito reconhecer-se como distinto dos demais.

Este sentimento [de reconhecimento] só pode ser vivido em relação aos outros, e a identidade pessoal diz respeito ao fato de que o indivíduo se percebe como idêntico a si mesmo, isto é, ele será o mesmo no tempo e no espaço, mas também é isto que o especifica, o singulariza em relação aos outros (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 24).

Mey (1998, p. 76-77), ao discorrer sobre a relação entre língua e personalidade, afirma que a língua se relaciona com a sociedade, pois é a expressão das necessidades humanas de se congregarem socialmente, de construir e

desenvolver o mundo. Mais do que expressão da “alma” ou do “íntimo”, a língua é, acima de tudo, a maneira pela qual nós, a sociedade, nos expressamos. No que diz respeito ao papel da língua na construção da pessoa, mais especificamente, Mey (1998, p. 77) aponta que “embora seja a sociedade que instaure e forje a conexão entre as pessoas e sua língua, [...] tendemos a idealizar nossa identidade pessoal, a nossa ‘individualidade’ e a sua marca de autenticidade, a nossa fala pessoal”. Porém, uma língua verdadeiramente pessoal, egocêntrica, não é possível, caso contrário, ela não seria entendida por ninguém. Nesse sentido, a língua é (também) uma propriedade da comunidade.

Segundo Mey (1998), de um lado o indivíduo faz parte necessariamente de um contexto, pois pertence a (um) grupo(s) social(is); por outro lado, tal sujeito procura irromper desse contexto através de um comportamento individualizado. Segundo Penna (1998), a língua atua, nesse sentido, como um dos atributos individuais dessa pessoa. Com isso, a língua(gem) é recurso para a construção de uma representação das dimensões socioculturais e de nós mesmos.

Cada indivíduo dispõe de representações acerca de si mesmo, dos outros e do mundo/sociedade ao seu redor, uma vez que tais conhecimentos mantêm certa ‘distância’ em relação aos objetos aos quais se referem (MEY, 1998). O indivíduo não se reduz ao que ele sabe sobre si e os outros, assim como a realidade de um grupo social não é redutível à percepção que esse grupo possui acerca dele mesmo e nem ao ponto de vista de outros grupos sobre ele. Portanto, em consonância com Deschamps e Moliner (2014), dispomos de representações, partilhadas pelos indivíduos, que se imbricam estreitamente.

Os julgamentos realizados acerca de um objeto sociocultural são determinados justamente pelas representações que as pessoas têm dele. Logo, a coerência observada em um mesmo indivíduo e/ou entre os sujeitos de um mesmo grupo, com relação aos posicionamentos que essas pessoas assumem no que diz respeito ao seu entorno sociocultural, advém das representações partilhadas por esses indivíduos.

Partilhar representações significa também que os sujeitos e os diferentes grupos que constituem a sociedade estão implicados em uma grande quantidade de relações socioculturais e que, devido a isso, ocupam posições distintas dentro do espaço social. Essas posições, por seu turno, são hierarquizadas e, por isso, conferem poder aos indivíduos que nelas estão. Ao mesmo tempo, esses sujeitos

constituem e mantêm a hierarquia. Segundo Bourdieu (1980), as representações desenvolvidas pelos indivíduos acerca de suas próprias posições e a de outros no espaço social são produto de um sistema de esquemas de percepção e de apreciação, dos quais eles mesmos são o produto incorporado. Conseqüentemente, devido a tais relações hierarquizadas, esses sujeitos não tratam da mesma maneira as informações das quais dispõem, assim como nem sempre chegam às mesmas conclusões segundo seu posicionamento social.

Em contextos de contato linguístico, coexistem e convivem línguas e respectivas comunidades que as utilizam em um mesmo território. O contato entre os diferentes membros gera, num primeiro plano, diferenças relacionadas às divisões sociais, políticas e geográficas entre as pessoas. Em um segundo plano, o qual também resulta do anterior, as mesmas diferenças refletem o poder político e econômico que se estabelece entre os grupos de um mesmo território, impondo às línguas diversas conotações (COUTO, 2009; MELLO, 2011).

Em todas as comunidades funciona algum critério coletivo que é construído socialmente, e ele funciona com base em valores de juízo tais como certo/errado, bom/mal, bonito/feio etc. Tais referências dicotômicas passam a integrar o sistema de crenças e representações da sociedade (MELLO, 2011, p. 9).

Com isso, o grupo que detém maior poder político, econômico e social usa desse artifício, de forma intencional ou não, para estabelecer as normas de convívio social e de usos das línguas. Conseqüentemente, aqueles com menor poder e suas respectivas línguas são colocados em uma situação de desvantagem. Em contextos de imigração, o bilinguismo é consequência natural das forças sociais, políticas e históricas, criadoras inclusive de grupos e fronteiras entre eles (MELLO, 2011). Nesse sentido, espera-se dos imigrantes que aprendam a falar “perfeitamente” a língua do outro, uma espécie de “pedágio” para a entrada e circulação no novo território.

Porém, falantes de línguas minoritárias podem não se acomodar diante das ideologias dominantes e passam a resistir às estruturas de poder. Uma forma, por exemplo, é a alternância de código, fenômeno linguístico característico da vida de contato. A alternância de código, nesse sentido, funciona como recurso discursivo entre os sujeitos bilíngues, atuando como elemento neutralizador de forças em meio às normas socioculturais e situacionais da comunidade (MELLO, 2011, p. 11).

A partir de seu estudo sobre o uso variável (r) em lojas de departamento em Nova York, Labov (2008[1972]) apontou coerente padrão de estratificação social de (r) nas três lojas investigadas – *Saks Fifth Avenue*, *Macy's* e *S. Klein*. Os vendedores das lojas com maior *status* social, *Saks* e *Macy's*, utilizavam a variante (r-1) como forma de aquisição do padrão de prestígio social, uma vez que o seu uso ocorria na fala das pessoas com *status* social elevado, frequentadoras das lojas. O padrão de prestígio estaria se impondo sobre o padrão nativo de Nova York, isto é, o uso de (r-0).

Tem-se, nesse estudo, grupo de referência e grupo de pertença. Segundo Deschamps e Moliner (2014), “grupo de pertença” é aquele grupo ao qual o indivíduo realmente pertence, ao passo que o “grupo de referência”, como a própria nomenclatura sugere, refere-se ao grupo escolhido por um sujeito como a base de comparação para sua autoavaliação, não sendo necessariamente o grupo no qual a pessoa está inserida. Desse modo, um grupo de referência permite ao indivíduo situar-se no entorno social, uma vez que fornece um ponto de referência para o sujeito se avaliar e avaliar os outros. Além disso, tal grupo pode ser igualmente um grupo no qual esse mesmo indivíduo procura fazer-se aceitar e, para isso, ele pauta suas atitudes (e conseqüentemente seus usos linguísticos) em consonância com o que acredita ser o consenso do grupo de referência.

Tal processo pode ser percebido no estudo de Labov. As pessoas que integram a classe socioeconômica mais abastada e que frequentam as lojas *Saks* e *Macy's* são tomadas pelos vendedores dos dois estabelecimentos como integrantes de um grupo de referência. Isso faz com que a fala dos vendedores, os quais fazem parte de um grupo socioeconômico menos abastado, aproxime-se da fala dos clientes, ou seja, da fala dos integrantes do grupo de referência, e se distancie de seu grupo de pertença.

Além disso, Altenhofen (2002 *apud* AMARAL, 2003), com base em dados do Atlas Linguístico do Rio Grande do Sul – ALERS, indicou também a existência de regiões (cujo núcleo normalmente é alguma cidade) que atuam como polos de irradiação linguística. Com isso, moradores de cidades que não são polo regional tendem a se *orientar* para outra cidade, provavelmente àquela com maior significância econômica e cultural da região.

Em âmbito local, o contato entre os vários grupos sociais pode levar a situações em que sujeitos se identifiquem mais com outro grupo do que com o grupo

de pertença. Nesse sentido, o padrão de fala dos indivíduos é determinado pela fidelidade ao grupo, nesse caso de referência ou pertença, e conseqüentemente entendido com um ato de identidade ao grupo (LE PAGE; TABOURET-KELLER, 1985 *apud* AMARAL, 2015, p. 56). Assim, retornando-se a um sentido mais amplo, pode-se dizer que as dimensões socioculturais de uma comunidade de fala relacionam-se aos usos linguísticos, bem como à constituição de representações e seu compartilhamento entre os membros de um grupo.

### **3 Pressupostos Metodológicos**

Quando me propus a pesquisar a variabilidade quanto ao léxico em pomerano na comunidade onde nasci e cresci, alguns questionamentos surgiram. Destaco aquele que mais influenciou o desenho metodológico do trabalho: como decidir de quem obter os dados? Crescer e conviver com vários moradores me trouxe, em um primeiro momento, a falsa sensação de que eu necessitaria de critérios mais específicos durante a seleção dos participantes, justamente na tentativa de evitar possíveis pré-julgamentos e enviesamentos dos resultados e, ao mesmo tempo, de conduzir uma observação sistemática.

Em um segundo momento, após qualificação do projeto de tese, optei por técnicas que me permitissem observar e analisar os dados sistematicamente e, ao mesmo tempo, aferir, do ponto de vista do próprio participante, como o uso do léxico se dá entre os pesquisados e, se necessário, acrescentar ou modificar técnicas de coleta de dados no decorrer da pesquisa. Nesse sentido, combino três aspectos metodológicos: o constructo etnográfico, a técnica laboviana de agregação de escores (com informantes divididos por gênero, fase etária e localização geográfica) e a constituição de redes sociais por participantes. Cada um é discutido ao longo deste capítulo.

Schilling-Estes (2007) esclarece que cada comunidade e cada interação é única. Cabe ao pesquisador decidir quais técnicas e métodos empregar para coleta e análise dos dados de acordo com os objetivos de pesquisa. A opção pela Etnografia e pela técnica laboviana se dá especialmente em virtude dos resultados apontados por Mackedanz (2016) na comunidade de Santa Augusta, São Lourenço do Sul (RS), e Borges (2004), em Pelotas (RS), a saber, respectivamente: a relação entre a variação linguística e os papéis sociais entre homens e mulheres, e a constituição da condição de bilíngue ao longo das gerações<sup>26</sup>.

Dois análises foram realizadas. A primeira diz respeito à técnica laboviana, por meio da qual é possível sugerir um panorama de como o uso do léxico em pomerano ocorre e se distribui na comunidade. A segunda, das redes sociais constituídas pelos participantes, permite um tratamento individual referente ao uso do léxico e, a partir disso, dá a perspectiva da extensão e da relação entre variação

---

<sup>26</sup> Conforme discutido no capítulo 1 “Introdução”.

individual, fatores extralinguísticos pré-estabelecidos (gênero, fase etária e localização geográfica) e aspectos que emergem no decorrer da análise.

Em linhas gerais, este trabalho possui o seguinte desenho metodológico: ao lado do aporte variacionista e das redes sociais, realizo uma análise qualitativa dos dados pautada pela etnografia. Os itens lexicais, por seu turno, são analisados linguisticamente em sua possível relação com o alemão *standard*. Ao longo do capítulo, procuro caracterizar e elucidar os constructos metodológicos ([1] variacionista, etnográfico e redes sociais [2]) adotados nesta pesquisa. A última seção (3.3) descreve como o trabalho de campo e a entrevista sociolinguística se constitui.

### **3.1 O aporte variacionista**

Em uma teoria linguística que reconhece a heterogeneidade sistemática na língua, a variação é o axioma principal. Ela é uma propriedade das línguas naturais e não um produto irregular derivado da mistura de línguas e/ou dialetos. Guy e Zilles (2007) explicam que o foco sobre a análise da variação linguística possui uma dualidade. Simultaneamente, o pesquisador está olhando, de um lado, para a organização das formas linguísticas e, de outro, para a sua significância social.

O aspecto variacionista adotado neste trabalho também é resultado da maneira como passei a olhar minha comunidade após me tornar estudiosa da área de Letras, mais especificamente, da Sociolinguística. Quando visito familiares e amigos em Arroio do Padre (RS), automaticamente adoto um foco dual e faço isso mesmo quando não estou coletando dados. Ir à igreja e às festas de comunidade (antes da pandemia) com meus pais quando os visito, comprar algum mantimento no minimercado local, levar meu carro para lavar no posto de gasolina e aguardar até que fique pronto, rever amigos em seus ambientes e domínios corriqueiros geram *insights* acerca do uso do pomerano, seja tanto com foco na forma linguística quanto no seu significado social.

Labov (2008[1972]) realizou entrevistas e observações preliminares tanto em Martha's Vineyard quanto em Nova York. Eu adotei como ponto de partida para a seleção do objeto de estudo o período de vivência pessoal em Arroio do Padre (RS) e os respectivos *insights*. Por mais que minha relação com a comunidade tenha

auxiliado as escolhas metodológicas e empíricas, ainda assim não dispensam a constituição de um *corpus* com dados de fala em pomerano, uma vez que a análise linguística deve se basear em *corpora* recolhidos na comunidade linguística.

Guy e Zilles (2007) apontam que, na pesquisa dialetal, os dados obtidos devem ser representativos da população investigada. Confiabilidade, replicabilidade e representatividade são definidas pelos autores como características que devem ser contempladas durante o trabalho em campo. Para isso, Schilling-Estes (2007) esquematiza duas formas de amostragem: amostra aleatória (*random sampling*) e amostra por julgamento (*judgment sampling*).

Para a constituição da primeira amostra, os participantes são escolhidos aleatoriamente, a partir de uma lista abrangente de membros da comunidade – por exemplo, o cadastro de eleitores. O objetivo é compor um subgrupo suficientemente grande da população, garantindo, desse modo, a representatividade e a generalização dos resultados. Em outras palavras, os padrões observados na amostra podem ser generalizados para a comunidade ou população como um todo.

A amostra por julgamento, segundo Schilling-Estes (2007), envolve decisões prévias por parte do pesquisador acerca de quais tipos de falantes irão integrar a amostragem. Após, os dados de um determinado número de participantes daquele tipo são coletados. Essas decisões podem ser pautadas pelo interesse do estudioso, incluindo a comparabilidade com estudos anteriores, pelo que parece ser relevante para os membros da comunidade, ou pela combinação de ambos. Schilling-Estes (2007) esclarece que padrões de correlação entre fatores linguísticos e sociais a partir da amostra por julgamento são creditados como defensáveis, quando há critérios demográficos e sociológicos especificáveis ou categorias reveladas no decorrer de um estudo etnográfico cuidadoso.

Freitag (2018, p. 668) problematiza a prática metodológica tradicionalmente aplicada na sociolinguística variacionista no Brasil, isto é, a amostragem probabilística (aleatória) ou, conforme a autora, a “amostragem dita aleatória estratificada”. Ainda que essa técnica tenha como objetivo que cada um dos falantes de uma comunidade/população tenha a possibilidade de constituir a amostra, o que ocorre geralmente é uma pré-definição da quantidade de falantes em cada categoria (células sociais), ou seja, uma amostra não aleatória do tipo cota. Segundo Freitag (2018, p. 671 e 672), na amostragem de cotas,

o pesquisador de campo vai em busca de falantes disponíveis a participar como voluntários do processo de entrevista sociolinguística (que demanda certo tempo), que sejam representativos da comunidade de fala (que não causem estranhamento, que não destoem do padrão da comunidade etc.).

Como dois dos pontos chave da problemática suscitada por Freitag (2018), enfoco a seleção dos participantes e a distinção entre amostra significativa e amostra representativa. A seleção dos informantes, por vezes, pode ser definida pela influência humana da escolha (seus sentimentos, suas afinidades, suas atitudes etc.), pela falta de cooperação em alguns subgrupos, pela pouca ou nenhuma habilidade em encontrar determinados segmentos da comunidade ou até pela cobertura inadequada da população. Por conta disso, Freitag (2018) salienta que, às vezes, menos falantes permitem que o pesquisador chegue a resultados mais consistentes do que por meio de uma única amostra mais numerosa. O principal objetivo do trabalho de campo é obter uma amostra de dados representativa para os propósitos de estudo.

No contexto brasileiro, dentre demais técnicas de amostragem<sup>27</sup>, emprega-se também o modelo de redes sociais, ou bola de neve, ou amigo do amigo, em uma população de difícil acesso ou com déficit de falantes. Como exemplo, tomo o estudo de Battisti (2014) em Antônio Prado (RS) acerca da palatalização das oclusivas alveolares. Por meio da abordagem de redes, os participantes foram selecionados para a amostra<sup>28</sup> estratificada considerando a plexidade<sup>29</sup> e a densidade das redes. Em minha pesquisa, também empreguei a técnica de amostragem bola de neve (BATTISTI, 2014; BORTONI-RICARDO, 2011) durante o trabalho de campo para a constituição de amostra estratificada em gênero, fase

---

<sup>27</sup> Segundo Freitag (2018), há nos estudos de variação linguística as seguintes técnicas de amostragem: amostragem aleatória, amostragem não aleatória (por conveniência, por julgamento e por cotas), amostra por cota fixa ou proporcional e amostras não estratificadas (comunidade de prática e rede social).

<sup>28</sup> Durante a pesquisa de Battisti (2014), foram levantados 26.600 contextos de palatalização de 48 entrevistas sociolinguísticas do Banco de Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (BDSer), do Centro de Ciências Humanas e Comunicação/Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul (RS). Os participantes foram estratificados em dois gêneros, quatro grupos etários (15 a 29, 30 a 49, 50 a 69, 70 ou mais anos de idade) e duas localidades (zona urbana e rural) de Antônio Prado (RS).

<sup>29</sup> Plexidade diz respeito ao tipo de laços estabelecidos entre os membros de uma comunidade, ou seja, se são laços unilineares ou uniplex (ex. empregador/empregado) ou multilineares ou multiplex (ex. parentes, colegas de trabalho, vizinhos etc.).

etária e localização geográfica.<sup>30</sup> Ao longo da seção 3.3, detalho como foi planejada a coleta de dados em Arroio do Padre (RS).

O trabalho de campo, como se pode perceber até o momento, desempenha importante papel em uma pesquisa sociolinguística e o procedimento clássico de coleta de dados são as entrevistas. Entre 1963-64, Labov (2006; 2008[1972]) desenvolveu um estudo acerca da variação do inglês em *Lower East Side* de Nova York e, após 70 entrevistas preliminares, chegou a cinco variáveis fonológicas que pareciam variar regularmente em estilos e contextos diferentes. No entanto, Labov (2006; 2008[1972]) se deparou com a seguinte problemática: como controlar o contexto e delimitar os estilos de fala para testar a hipótese da variação regular. Metodologicamente, Labov (2006; 2008[1972]) definiu a entrevista estruturada como a técnica através da qual seria possível comparar o desempenho de muitos falantes e estudar uma amostra representativa de um grupo maior, isto é, uma amostragem aleatória da comunidade de fala nova-iorquina. Porém, para Labov, entrevistas estruturadas são ao mesmo tempo formais, o que define “um contexto discursivo em que somente um estilo de fala normalmente ocorre, no caso a fala monitorada (*careful speech*)” (LABOV, 2008, p. 102). Na maioria das ocasiões, o informante tenderia a empregar menos atenção à própria fala e, por isso, um estilo menos monitorado, i.e., uma fala casual (*casual speech*) emergiria. Para lidar com esse paradoxo, Labov (2006) afirma que a entrevista é construída de modo a isolar os estilos contextuais, “com a fala casual numa extremidade do *continuum* e os pares mínimos na outra” (LABOV, 2008, p. 126). Cada parte da entrevista, possui um duplo propósito: quantificar, no contexto e estilo de cada seção, o valor da variável ou das variáveis estudadas; e coletar as informações requeridas por cada pergunta feita. Para Schilling-Estes (2007), trata-se de uma entrevista projetada para ocorrer de forma mais próxima possível de uma conversação casual e seu objetivo é obter uma grande quantidade de fala cotidiana.

Battisti (2021), com base em transcrições de entrevistas sociolinguísticas do acervo LínguaPOA (2015-2019), esclarece que, por mais que as entrevistas sociolinguísticas labovianas contemplem fala pública e, conseqüentemente, casual ou distinta da vernacular, ainda sim as motivações para a variação estilística não são abarcadas integralmente. A partir de seus resultados, Battisti (2021) aponta para

---

<sup>30</sup> Conforme discutido no capítulo 1 “Introdução” e no início do capítulo 3 “Pressupostos Metodológicos”.

a importância de o pesquisador adicionar e/ou ajustar critérios, relacionados a diferentes dimensões da interação (tópico, sequência, atividade e controle da fala, entre outros), de acordo com as características que emergem nas entrevistas.

Além disso, Milroy e Gordon (2003) destacam que a conversação livre, dependendo dos objetivos da pesquisa, pode não fornecer todas as informações relevantes. Como solução metodológica, recorre-se comumente a outros tipos de dados. Destaco neste meu trabalho o questionário escrito, cuja vantagem está em permitir coleta de dados de um extenso número de falantes em determinado tempo (MILROY; GORDON, 2003). Com variáveis lexicais e para obter informações demográficas (idade, gênero, ocupação e escolaridade), esse método é relativamente direto e simples. Porém, trata-se de uma técnica amostral não tão confiável, pois fornece uma descrição superficial das características do fenômeno analisado, especialmente quanto ao uso de variáveis fonológicas.

Outro importante constructo para a teoria da mudança linguística foi delimitado a partir do trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]). O conceito *variável linguística* surgiu por meio da reversão epistemológica de língua homogênea – de cunho estruturalista – para a de heterogeneidade do sistema linguístico. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968], p. 105), “a *variável linguística* é um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Bortoni-Ricardo (2011) explica que, para qualquer área de variação em dada língua, é necessário identificar as categorias ou fatores determinantes de cada realização possível da variável. Há dois tipos de forças coercitivas sobre a regra variável: linguísticas e sociais. As primeiras são o resultado da relação entre o item estudado e outros itens linguísticos que operam em níveis variados do sistema gramatical. As forças sociais estão relacionadas à estrutura social da comunidade e aos processos sociais que nela ocorrem.

Guy e Zilles (2007) esclarecem que, geralmente, os sociolinguistas relacionam quantitativamente a taxa de uso de um traço linguístico a características sociais, de modo que estas últimas causam, influenciam ou determinam a primeira. Dentre as técnicas de redução dos dados<sup>31</sup>, destaco neste trabalho a percentagem, a qual serve para resumir estatisticamente dados de variáveis discretas e fornecer

---

<sup>31</sup> Guy e Zilles (2007) descrevem três técnicas para redução dos dados mais amplamente utilizadas. São elas: medidas de tendências centrais como a média, mediana e a moda; a proporção ou a percentagem; e o índice.

um resumo de resultados alternativos. Ainda que uma pessoa use ou não determinado item lexical, a percentagem varia continuamente num intervalo de 0% a 100%. Optei pela percentagem, pois através dela é possível traçar um panorama dos resultados e dele extrair os aspectos e elementos que requerem um olhar qualitativo, de modo a uma técnica complementar a outra.

### **3.2 O constructo etnográfico e a constituição de redes sociais**

A Etnografia, assim como outros métodos de pesquisa qualitativa, possui como propósito a descrição e interpretação das atitudes de indivíduos em seu contexto original e nas suas relações naturais. Bortoni-Ricardo (2014) explica que, durante a condução das pesquisas, os etnógrafos participam na vida diária da comunidade estudada, observando o que ali acontece, fazendo perguntas e reunindo as informações que podem desvelar as características daquela cultura.

A tarefa do investigador é compreender a maneira de viver no *locus*, descrevendo a cultura a partir das próprias concepções dos sujeitos pesquisados (FINO, 2008). Por isso, o estudo etnográfico pode, por exemplo, descrever a cultura de um pequeno grupo tribal ou de uma turma numa escola. Os eventos são descritos da perspectiva dos vários sujeitos neles envolvidos, justamente buscando-se compreender e enfatizar os significados que esses eventos possuem para os seus integrantes.

Segundo Fino (2008), a etnografia é, enquanto método, caracterizada principalmente pela “observação participante”, ou seja, por uma investigação em determinado período, durante o qual o investigador e sujeitos mantêm interações sociais intensas. Essa designação, mais especificamente, refere-se ao trabalho de campo em seu conjunto, desde a chegada do pesquisador no campo de pesquisa até sua saída do *locus*. Os dados recolhidos durante a estada advêm principalmente do que o observador apreende, partilhando atividades e eventos com seus pesquisados, e do modo como os indivíduos revelam seu ponto de vista acerca do objeto de pesquisa. Devido a isso, o observador será alguém que *imerge* pessoalmente na vida do(s) local(ais), partilhando experiências.

A observação participante é um desenho metodológico mais sensível ao contexto social, uma vez que, em consonância com Milroy e Gordon (2003), o seu objetivo é compreender a dinâmica da comunidade a partir da perspectiva da própria

comunidade. O conhecimento local expande as possibilidades explicativas do pesquisador, na medida em que lhe permite ir além das categorias macrosociais como idade, gênero e classe socioeconômica. Desse modo, a observação participante pode atuar como um método de análise sociolinguística bastante frutífero, pois produz oferta de dados com *insights* cruciais sobre a dinâmica da comunidade e de uso da língua, bem como permite que os indivíduos pesquisados se sintam à vontade com o pesquisador, superando o paradoxo do observador.

Em trabalhos sociolinguísticos, a observação participante pode ser combinada a outros aportes metodológicos. Um deles é a análise de redes sociais. Em seu estudo em Brazlândia, cidade satélite de Brasília, o primeiro passo de Bortoni-Ricardo (2011) para a constituição da amostragem foi escolher casas aleatoriamente, pedir permissão para nelas entrar e falar com os donos. A partir daí, o marido de uma das participantes se voluntariou para conduzir a pesquisadora às casas de amigos. A rede de colaboradores foi então se constituindo, de modo que, como segundo passo, a autora iniciou um período de observação participante, durante o qual foram gravadas em áudio entrevistas não estruturadas, sessões de interação em grupos espontaneamente constituídos, encontros religiosos, dentre outros.

Bortoni-Ricardo (2011) constituiu três grupos de participantes: um grupo de ancoragem (migrantes do campo e oriundos da mesma região de Minas Gerais), o qual forneceu os dados linguísticos básicos para o estudo; um grupo de controle, composto por filhos, netos e sobrinhos dos membros do grupo de ancoragem; e um grupo de zona de primeira ordem, formado pelas pessoas indicadas pelos membros do grupo de ancoragem. A principal preocupação da sociolinguista e etnógrafa, ao entrar na comunidade, era se dissociar da imagem de uma professora universitária, classe média, residente de Brasília, e ser aceita pelos pesquisados como uma amiga. A combinação entre a observação participante e a formação de redes sociais por colaboradores informantes foram escolhas metodológicas que permitiram, ao longo da pesquisa de campo, a dissociação esperada por ela.

### 3.3 O trabalho de campo e a entrevista sociolinguística

A abordagem sincrônica constitui-se como uma das pedras angulares dos estudos de variação linguística. Em seu trabalho sobre Martha's Vineyard, Labov (2008[1972]) desenvolveu um conjunto de inovações metodológicas que permitiu aos linguistas analisar como as alterações linguísticas estavam ocorrendo. Segundo Bailey (2003), a inovação mais importante talvez tenha sido a construção em tempo aparente, a qual dá forma ao presente trabalho. Especialmente à luz de Milroy e Milroy (1992), Milroy e Gordon (2003) e Bortoni-Ricardo (2011), a fase em campo, ou seja, no *locus*, caracteriza-se pela formação e análise de redes sociais de participantes.

Inicialmente, a pesquisa foi desenhada de modo que houvesse dois momentos: coleta de dados piloto e segunda coleta para constituição efetiva do *corpus*. No entanto, adaptações foram necessárias devido à pandemia COVID-19. As modificações implementadas são detalhadas no capítulo 4 “Coleta de Dados”. A seguir, apresento as características e escolhas metodológicas concernentes ao trabalho de campo em Arroio do Padre (RS).

Labov (2006), ocupando-se da descrição da entrevista linguística aplicada em *Lower East Side*, estruturou seu questionário em oito seções e cada uma delas servia a um duplo propósito: 1) mensurar os valores das variáveis fonológicas no contexto fornecido pela seção para um estilo de discurso (casual ou cuidado); e 2) coletar as informações que dizem respeito ao assunto ostensivo das perguntas. De modo geral, o primeiro foi preponderante, seguido de “algumas exceções<sup>32</sup>” sobre o histórico linguístico do informante. Enquanto havia seções cujas perguntas foram seguidas como um script pelo entrevistador, existiam seções em que determinado grupo de perguntas destinava-se a um grupo de informantes. Por exemplo, a parte III, “A sabedoria das crianças” (no original, *Children's lore*), possuía um grupo de perguntas destinadas aos homens, outro direcionado às mulheres e perguntas para ambos.

O questionário (vide apêndice A) que elaborei para o meu trabalho de campo também está dividido em seções, em consonância com Amaral (2003) e Labov (2006). Cada parte, orienta-se em um eixo temático com quatro objetivos: a)

---

<sup>32</sup> Tradução livre minha do original *a few exceptions* (LABOV, 2006, p. 87).

mensurar dados de fala no nível lexical quanto ao uso dos nomes em pomerano; b) obter as informações específicas propriamente ditas para as questões; c) coletar dados relacionados à vivência dos entrevistados com e por meio da língua de imigração; e d) obter dados que possivelmente indexam valores e características socioculturais da comunidade. Algumas perguntas foram extraídas de Labov (2006), mais especificamente, as perguntas 12, 14, 18, 18a e 19<sup>33</sup> da seção I “Histórico Linguístico” de Labov (2006, p. 423-424).

Além disso, meu questionário também se baseia fortemente no trabalho de Amaral (2003), o qual desenvolveu e utilizou um questionário sociolinguístico na estruturação do Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social – Varx, levada a termo em Pelotas (RS). Especialmente o grupo de perguntas 25 a 35 (vide apêndice A) propõe verificar quais são as atitudes de meus informantes com relação aos seus conterrâneos de Arroio do Padre e aos moradores de localidades/cidades vizinhas. As perguntas em Amaral (2003) foram direcionadas para informantes residentes em áreas urbanas e, por isso, foi necessário adaptar e/ou acrescentar no meu caso perguntas voltadas ao contexto rural predominante em Arroio do Padre.

Bortoni-Ricardo (2014), ao discorrer sobre os estudos de redes sociais na Sociolinguística, explica que duas tradições nos estudos de rede são reconhecidas, a Sociometria ou técnica da nomeação, empregada geralmente em trabalhos de Psicologia Social como em Bott (1976), e a Antropologia Cultural. A pesquisadora introduz o paradigma de rede na perspectiva antropológica e enfatiza principalmente a relação entre as características das redes sociais e a pressão normativa que redes de densidade mais alta, também chamadas de *multiplex* ou de tessitura miúda, exercem sobre seus membros. Didaticamente, Bortoni-Ricardo (2014) trouxe exemplos de questões sociométricas, as quais foram empregadas também em meu questionário e a elas novas foram acrescentadas. É o caso das perguntas 21 a 24 (dados sociométricos indiretos) e as últimas quatro perguntas<sup>34</sup> (dados sociométricos diretos).

---

<sup>33</sup> (12) Qual foi a primeira língua que você aprendeu a falar? Onde e com quem? (14) Qual língua é mais natural para você atualmente? O que a diferencia das outras para você? (18) Você é casado ou possui namorada(o)? (18a) (Se sim) Qual foi a primeira língua que sua companheira/seu companheiro aprendeu? e (19) Você possui filhos ou pretende ter?

<sup>34</sup> Cf. Apêndice A: Você conhece \_\_\_\_\_ (citar nomes das pessoas já entrevistadas, de ambas as áreas)? Há quanto tempo vocês se conhecem? Onde vocês se encontram geralmente? E quais atividades vocês fazem juntos?

As demais perguntas que compõem o questionário sociolinguístico aplicado nesta pesquisa, mais especificamente os grupos 01 a 11, 15 a 17 e conversa livre (cf. apêndice A), foram extraídos e/ou adaptados de Mackedanz (2016). São perguntas em geral abertas e de cunho narrativo sobre acontecimentos da infância, momentos marcantes em Arroio do Padre, hábito de leitura, quais atividades o pesquisado desenvolve na comunidade (ou fora dela) e com quem, bem como sobre a ligação entre o pesquisado e o trabalho agrícola e doméstico. As questões 01 a 11 variam de acordo com o entrevistado, isto é, se o pesquisado é ou não agricultor ou agricultora e ainda, no caso da fase etária mais jovem, se o informante é estudante ou não.

Com base também em Mackedanz (2016) e Fishmann (1972), desenvolvi um questionário complementar em português (vide apêndice B). Devido às modificações exigidas pela influência da pandemia COVID-19, esse segundo questionário não foi empregado. Nele, as questões eram de múltipla escolha e versavam sobre quais línguas são faladas em quais contextos (domínios linguísticos), religião, grau de escolaridade e atividades profissionais/agrícolas. Além disso, havia perguntas sociométricas, no intuito de analisar a integração comunicativa e mensurar os contatos interpessoais, uma vez que laços familiares, de amizade e de trabalho foram considerados como indicadores válidos de canais ativos de comunicação.

Como sou bilíngue passiva em pomerano, ou seja, somente compreendo a língua de imigração e não consigo manter uma conversa fluida nela, uma moradora de Arroio do Padre (RS) atuou como interlocutora direta nas interações em pomerano durante as entrevistas sociolinguísticas. Dessa forma, os participantes podem se sentir mais à vontade diante do gravador de áudio. Ademais, Labov (2006) salienta que é tarefa do entrevistador minimizar ao longo da entrevista a resistência do entrevistado. Logo, uma interlocutora com capacidade comunicativa fluente/fluida em pomerano, língua alvo da pesquisa, e conhecida pelos moradores, tornou-se pré-requisito importante para o trabalho de campo. A partir dessa configuração e por meio de meu domínio menos amplo do pomerano, eu consegui atuar também como uma interlocutora secundária ao longo da conversa com cada entrevistado e, em português, apresentar no início do encontro os objetivos da pesquisa por meio do termo de consentimento livre e esclarecido (conforme apêndice C).

Para os dois primeiros participantes entrevistados, um de cada localização geográfica, defini como critério que eles fossem conhecidos em suas comunidades, no caso em Arroio do Padre II (A1) e em Cerrito (A2). Segundo Amaral (2003), a intensidade com que as relações interpessoais se produzem está relacionada à valorização que alguns indivíduos acabam adquirindo nos grupos aos quais pertencem. Nesse sentido, considero estratégica a escolha dos dois primeiros pesquisados, pois ela acorda com a técnica para a formação de redes sociais (ou “amigo de amigo” ou “bola de neve”), uma vez que dessa forma é possível iniciar o contato com demais membros da comunidade, obter novos participantes e constituir o *corpus* com informantes de acordo com o interesse empírico.

Cada encontro com um informante gerou também um conjunto de dados qualitativos, registrados logo após a entrevista em diário de campo. Nele são expostas as minhas primeiras impressões sobre a conversação, tanto em relação a aspectos lexicais/linguísticos quanto socioculturais e/ou específicos de cada contexto familiar, agrícola, profissional e social em que o indivíduo está inserido.

Como parte final do trabalho de campo, cada entrevista foi transcrita e os parâmetros adotados para a transcrição da fala em pomerano baseiam-se na ortografia desenvolvida por Tressmann (2006). Trata-se de uma ortografia fonológica (*phonological spelling*) que difere da que uma pessoa com uma educação ortográfica românica transcreveria intuitivamente (POSTMA, 2019). Com isso, eu objetivo analisar os possíveis estrangeirismos da perspectiva da língua local, ou seja, em relação a vocábulos emprestados de outra língua – neste caso, da língua portuguesa. Para o comparativo com o alemão *standard*, utilizo *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache Deutsch-Deutsch* (GÖTZ, 2019).

#### **4 Coleta de Dados**

Entre 19 janeiro e 23 de fevereiro de 2020, iniciei a coleta de dados piloto em Arroio do Padre (RS). Conforme exposto ao longo da seção 3.1, a amostragem foi constituída por meio do modelo de redes sociais (também chamada de ‘bola de neve’ ou ‘amigo do amigo’). Os primeiros entrevistados foram Antônio (A1, F3) e Andréia (A2, F2). Ambos são pessoas ativas nas comunidades religiosas as quais pertencem e conhecidos na localidade. Cada um indicou três pessoas indiretamente<sup>35</sup> e mais três diretamente<sup>36</sup>, não necessariamente as mesmas, das quais eu selecionei aquelas que mais se adequavam aos interesses da pesquisa. À medida em que cada entrevista era realizada, novos indicados apareciam, dos quais eu selecionava aqueles que se adequavam aos interesses da pesquisa. Os informantes já entrevistados forneciam espontaneamente o número de telefone de quem indicavam e eu então fazia o primeiro contato por telefone ou mensagens instantâneas.

No total, foram realizadas sete entrevistas sociolinguísticas, das quais três ocorreram na A1 e quatro na A2. Todas as fases etárias foram contempladas na A2, porém, na A1 não foram indicados participantes entre 15 e 25 anos (F1). Todos os encontros com os entrevistados ocorreram em seus respectivos domicílios, em dia e horários que melhor se adequavam ao trabalho agrícola da família ou aos compromissos pessoais de cada um.

O decreto estadual nº 55.128, de 19 de março de 2020<sup>37</sup>, definiu estado de calamidade pública em todo o território do RS para fins de prevenção e de enfrentamento à pandemia causada pelo COVID-19. As medidas emergenciais instauradas a partir desse dia e por meio dos decretos subsequentes, dentre elas a proibição de aglomerações e a exigência de distanciamentos interpessoal mínimo de dois metros, influenciaram o trabalho de campo. Em respeito às recomendações sanitárias de prevenção e enfrentamento da pandemia, a coleta de dados piloto foi imediatamente interrompida. Inicialmente, acreditava-se que a situação seria temporária, pois o decreto acima mencionado previa medidas preventivas por 15 dias.

---

<sup>35</sup> Cf. apêndice A, perguntas 21 a 24.

<sup>36</sup> Cf. apêndice A, quatro questões finais.

<sup>37</sup> Decreto na íntegra está disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202003/19125910-decreto-55-128-20.pdf> Acesso em: 11 jul. 2022.

À medida que a transmissão e os casos de infecção por COVID-19 aumentavam e/ou se mantinham em 2020<sup>38</sup> e na primeira metade de 2021 e o governo gaúcho reiterava o estado de calamidade pública e o sistema de distanciamento controlado<sup>39</sup>, foram necessárias novas decisões em relação à coleta de dados e, por consequência, à constituição do *corpus*.

Entre janeiro e abril de 2020, eu planejava realizar a coleta de dados piloto, para a qual eu estimava 12 informantes (um indivíduo por célula), seis em cada área geográfica. E em 2021 o trabalho em campo teria continuidade por meio da coleta efetiva dos dados para análise e constituição do *corpus*, chegando à quantidade de 24 entrevistas (dois informantes por célula). Ao total, seriam realizadas 36 entrevistas sociolinguísticas, 18 em cada área (Cerrito e Arroio do Padre II).

Por não haver mais tempo hábil para finalizar a coleta piloto e realizar a segunda coleta de dados, optei por encerrar a coleta piloto em sete entrevistas sociolinguísticas e torná-la a base de dados para a análise. Com isso, o *corpus* possui a configuração abaixo. Em verde, estão sinalizadas as células para as quais há um informante correspondente.

Tabela 01: *Corpus* da pesquisa

Área	Fase etária	Gênero	Informantes
Arroio do Padre II (A1)	F1 – 15 a 25 anos	Masculino	0
		Feminino	0
	F2 – 26 a 49 anos	Masculino	Mauro
		Feminino	0
	F3 – 50 a 70 anos	Masculino	Antônio
		Feminino	Carla
	Quantidade de informantes (A1)		

<sup>38</sup> Reportagens e análises com mais detalhes estão disponíveis em: a) <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/30/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-30-de-abril.ghtml> (2020); b) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/noticia/2020/12/o-ano-mascarado-ckj2t6zlo000o017wwfzca4sf.html> (2020); e c) <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-passa-de-455-mil-mortes-por-covid-apos-registro-de-2245-obitos-em-24-h/> (2021). Acesso em: 11 jul. 2022.

<sup>39</sup> O decreto nº 55.856, de 27 de abril de 2021, definia a bandeira vermelha para a macrorregião sul, onde Arroio do Padre (RS) situa-se. Na prática, outras providências são acrescidas a decretos anteriores, especialmente no que diz respeito às medidas de prevenção e enfrentamento da pandemia de COVID-19. Para maiores informações, vide <https://coronavirus.rs.gov.br/decretos-estaduais#panel-51> Acesso em: 11 jul. 2022.

<b>Cerrito (A2)</b>	F1 – 15 a 25 anos	Masculino	Bárbara	
		Feminino	Gabriel	
	F2 – 26 a 49 anos	Masculino	0	
		Feminino	Andréia	
	F3 – 50 a 70 anos	Masculino	0	
		Feminino	Estela	
	Quantidade de informantes (A2)		4	
	<b>TOTAL DE INFORMANTES DO CORPUS</b>		<b>7</b>	

Fonte: Elaborado pela autora

Utilizar as sete entrevistas como a base de dados principal foi uma decisão pautada em Freitag (2018), a qual esclarece que uma amostra composta por menos falantes também permite resultados consistentes (conforme discutido no item 3.1).

Ao longo do capítulo que segue, descrevo como ocorreu a coleta de dados, de que modo fui recebida pelos informantes e como a amostra por redes sociais foi constituída. A descrição também possui elementos de minha vida pessoal, trazidos para este trabalho por desempenharem papel relevante durante o contato com os entrevistados. Enquanto Labov (2008[1972]; 2006) e Bortoni-Ricardo (2011) eram desconhecidos quando iniciaram seu trabalho de campo e por isso dispuseram de determinadas técnicas para ingressar na comunidade, eu fui reconhecida como sendo de Arroio do Padre e por isso combinei técnicas de amostragem e o conhecimento prévio, do qual eu disponho.

O primeiro contato com cada falante foi, na verdade, um reencontro. Os informantes colaboradores das fases etárias F2 e F3 conviveram comigo quando eu era criança e adolescente e os entrevistados pertencentes à F1 me conheciam de vista, pois eram crianças ou adolescentes quando eu me mudei de Arroio do Padre aos 21 anos. Além disso, eu cresci na A1 (Arroio do Padre II) e frequentei a comunidade religiosa, onde meus pais sempre foram ativos. Durante o ensino fundamental e médio, também tive colegas que moravam na A2 (Cerrito) e eu ia frequentemente às respectivas festas da comunidade.

Em português e na maioria das vezes por telefone, eu estabelecia o primeiro contato com cada participante. Antes de falarmos acerca da pesquisa, os

participantes costumavam perguntar sobre como está a minha vida e a de meus pais e, só após, eu explicava sobre meu trabalho de doutorado com base no termo de consentimento livre e esclarecido (cf. apêndice C) e realizava o convite para serem entrevistados. Muitos ficavam surpresos com a proposta de uma entrevista em pomerano, pois sabiam que eu era bilíngue passiva na língua de imigração. Nesse momento, eu esclarecia quem iria realizar as perguntas e que se tratava mais de uma conversa informal, pois meu interesse estava em estudar o pomerano enquanto língua. A conversa por telefone ou mensagens instantâneas se encerrava com uma data, horário e local do encontro. Pessoalmente e em português, o termo de consentimento livre e esclarecido (cf. apêndice C) era entregue a cada informante, o qual o lia, tirava suas eventuais dúvidas e, se concordava, assinava. Todos os pesquisados concordaram e assinaram o termo.

Ao longo da coleta de dados, percebi que o fato de as entrevistas serem em pomerano trouxe o aspecto de novidade para as interações. Para eles, participar de uma pesquisa sobre a língua de imigração e falando em pomerano foi algo novo. Por mais que eu, a interlocutora e os informantes já nos conhecêssemos, ser entrevistado em pomerano garantiu o aspecto surpresa, isto é, o conteúdo vinculado em pomerano suplantou a novidade.

A primeira entrevista ocorreu em Cerrito (A2) com Andréia (F). A entrevistadora e eu fomos recebidas com carinho e alegria, pois o encontro foi caracterizado muito mais como uma visita entre velhas conhecidas do que como uma entrevista para a pesquisa. Eu frequentava a casa de Andréia quando criança e brincava com seus dois filhos. A mãe de Andréia, falecida desde 2003, era amiga próxima da entrevistadora e junto de sua filha compartilhava o mesmo hobby por trabalhos artesanais, como bordados, tricô e crochê. O encontro ocorreu em um domingo à tarde na residência de Andreia e todos conversaram em conjunto, Andreia, seu esposo, seu pai, a entrevistadora e eu. Os tópicos da conversação foram a colheita, as atividades junto à comunidade, especialmente o canto coral, e o trabalho na loja de aviamentos aberta por Andréia em setembro de 2019 no centro urbano de Pelotas (RS). Depois disso, tomamos café juntos e eu auxiliei na preparação da refeição. Por fim, Andréia, a entrevistadora e eu fomos até a sala, local mais silencioso da casa, e realizamos a entrevista sociolinguística.

Para a segunda entrevista, a qual ocorreu na A1, não consegui contatar a secretária da paróquia, conforme planejado. Por se tratar de uma mulher por volta dos 70 anos de idade, ela estava ainda fragilizada por um procedimento médico. Fiz então por telefone o primeiro contato com Antônio (F3). Eu o escolhi, pois ele é figura conhecida e conhecedora da região. Ele atuou na década de 1990 como subprefeito de Arroio do Padre, na época 10º distrito de Pelotas (RS), candidatou-se a prefeito nas últimas eleições municipais e, assim como sua esposa, possui vínculo estreito com as atividades da comunidade religiosa de Arroio do Padre II (A1). Antônio e sua esposa me receberam carinhosamente e ambos participaram da entrevista. Comemos juntos melancia, a qual eles colheram na horta de sua casa. A esposa de Antônio também é amiga da entrevistadora e companheira de canto no Coral Paroquial de Arroio do Padre. Durante a entrevista, Antônio procurou responder sempre da melhor forma, com risadas e histórias engraçadas; inclusive, ele me deu um DVD com piadas suas em pomerano gravadas há cerca de oito anos, que eram transmitidas na rádio comunitária local, Rádio Germânica.

A terceira entrevistada, Bárbara (F1), reside na A2 (Cerrito) na mesma casa e propriedade rural de seus pais, juntamente com seu irmão mais novo, a avó, o avô e o esposo. É comum os filhos ou um deles, geralmente o mais velho, como no caso de Bárbara, permanecerem com os pais. É uma forma de prosseguir com o trabalho rural da propriedade ao longo das gerações. A entrevistadora e eu fomos recebidas com curiosidade pelas mulheres. Os homens estavam na lavoura e o irmão mais jovem, na escola. A mãe e a avó da participante conheciam a entrevistadora e imediatamente começaram a conversar sobre como estavam as propriedades. Bárbara se mostrou tímida e nervosa e a presença do gravador trouxe inicialmente um ar formal para o encontro, mesmo Bárbara estando em sua casa, com seus familiares. Ao longo da conversa, entretanto, a participante foi se sentindo mais à vontade, assim como a mãe e a avó, as quais também participaram espontaneamente da conversação, em muitos casos complementando a fala da filha/neta. Ao final, quando o gravador estava desligado, Bárbara conversava comigo mais em português.

Também proveniente do Cerrito (A2), Estela (F3) nos recebeu carinhosamente. Na chegada e no decorrer da visita, a língua mais falada por Estela foi o pomerano, mas algumas vezes ela empregava o português. Na propriedade, viviam Estela, seu esposo, seu sogro, o filho mais jovem, na época recentemente

casado, e sua nora. O esposo também estava em casa, mas permaneceu pouco tempo conosco, pois tinha afazeres na lavoura. Estela se mostrou mais reservada e, por isso, conversei em primeiro momento sobre assuntos relacionados a fatos ocorridos na vizinhança e no município, sem a presença do gravador.

Estela cuidava de seu sogro, aqui denominado Guilherme, o qual tinha 89 anos na época e ficou muito feliz com nossa vinda, pois a entrevistadora era sua sobrinha e eles não visitavam um ao outro há alguns anos. Guilherme atuou na comunidade religiosa de Cerrito (A2) como pastor e professor, ao mesmo tempo em que era agricultor. Ele imediatamente começou a conversar comigo em pomerano e especialmente com a entrevistadora. Ambos se emocionaram com o reencontro e Guilherme rememorou vários fatos de sua infância, do trabalho na igreja e da chegada dos primeiros imigrantes. Guilherme demonstrava dificuldade em compreender o português, pois Estela traduzia para ele em pomerano quando eu comentava algo em português.

Optei por não gravar a fala em pomerano de Guilherme, pois percebi que a visita ganhou aspecto pessoal, especialmente para a entrevistadora. Resolvi manter uma conversa com Estela e, ao mesmo tempo, me distanciar do papel de entrevistadora. A visita durou uma tarde e encerrou com um gostoso café colonial, preparado por Estela. Meses mais tarde, Guilherme veio a falecer, vítima de COVID-19.

A entrevista número cinco ocorreu com Mauro (F2), morador da A1. A entrevistadora e eu fomos muito bem recebidas e a moradia logo nos chamou a atenção, pois ao seu lado havia uma árvore frondosa e antiga. Tratava-se de uma casa antiga, rodeada com galpões de madeira, destinados para o armazenamento de milho, de alimento para o gado e de tabaco, e igualmente servia de curral, albergando a leiteira. Fomos recebidas pelo próprio Mauro e, em seguida, pela sua esposa e sua mãe. Iniciamos a conversa falando sobre o trabalho na lavoura e as perspectivas para a colheita. Também rememorei o fato de uma das sobrinhas de Mauro ser minha amiga de infância e de que nós havíamos nos reencontrado recentemente. Realizamos a entrevista na sala, juntamente com a esposa e a mãe. O filho do colaborador permaneceu em seu quarto, brincando. A presença do gravador não intimidou o entrevistado, o qual procurava interagir da melhor forma.

Gabriel (F1), sexto entrevistado e residente em Cerrito (A2), é vizinho de Bárbara. Fomos recebidas na manhã de um domingo por toda a família: Gabriel e

sua namorada (cuja irmã mais velha foi minha colega no ensino médio), os pais e a avó paterna. A roda de conversa iniciou com um chimarrão e falávamos sobre a colheita de tabaco e soja, bem como sobre minha trajetória após ter saído do município. Assim como Bárbara, Gabriel também se mostrou tímido e a presença do gravador gerou inicialmente maior grau de formalidade. As contribuições espontâneas da avó tinham geralmente caráter complementar à fala do neto e, à medida que a conversação passou a se assemelhar a uma entrevista em grupo, o grau de formalidade se dissipou.

A última entrevista ocorreu na A1 com Carla (F3), vizinha de Antônio e irmã mais velha de Mauro. Fomos recepcionadas somente por ela, pois seu marido, caminhoneiro, estava em viagem. Bebendo um chimarrão, rememoramos o período em que ela e eu, cada uma em seu segmento, estávamos envolvidas com a organização e divulgação da Festa Regional do Caqui e da Maçã (2010 e 2011), tradicional evento de Arroio do Padre, que ocorre anualmente em abril. Nesse momento, Carla me mostrou um álbum com recortes de reportagens sobre a festa desde a sua primeira edição. A participante atuou como vereadora do município por duas eleições consecutivas e, na época da visita, trabalhava em uma das secretarias municipais. Durante a entrevista, Carla foi bastante solícita conosco.

Como se pôde perceber, muitas entrevistas tornaram-se conversas não somente com o(a) participante convidado(a), como também com os demais membros familiares que ali conviviam, especialmente em famílias, cuja matriarca ou cujo patriarca residiam na mesma moradia. Das sete moradias visitadas, cinco (Mauro, Bárbara, Gabriel, Andréia e Estela) pertencem à mesma família por, no mínimo, três gerações. Ao se transpor para o dia a dia do trabalho agrícola, é possível inferir que a manutenção da propriedade rural parece estar diretamente ligada à organização familiar observada durante a coleta de dados. As terras são cultivadas de uma geração a outra da mesma família, garantindo a subsistência.

Na comunidade de Arroio do Padre II (A1), ainda que cada participante não se mantenha exatamente na mesma propriedade e moradia, eles tendem a se manter próximos aos irmãos ou em uma propriedade próxima, como é o caso de dois participantes, Antônio e Carla. Ambos residem próximos das moradias onde nasceram e cresceram, cada um com sua própria casa e não necessariamente com terras cultiváveis, como é o caso de Carla. Possivelmente, isso se deve ao fato de

ambos terem atuado profissionalmente fora (como políticos) e não exclusivamente como agricultores.

## 5 Resultados

Neste capítulo, realizo dois movimentos complementares, um de cunho qualitativo e outro, quantitativo. Primeiramente, elucido dados sociodemográficos e socioculturais com o objetivo de indexar características à comunidade linguística de Arroio do Padre (RS). Por meio do segundo movimento, debruço-me sobre os dados de fala em pomerano dos sete participantes, abordando a relação entre os usos do léxico em pomerano e os fatores extralinguísticos gênero, idade e localização geográfica.

Para a abordagem quantitativa, são consideradas 631 realizações de itens lexicais. Quando um item lexical se repetia na mesma entrevista, ele não era contabilizado novamente. Essa decisão se deve ao fato de que um dos objetivos específicos do estudo consiste em analisar que tipo de léxico quanto aos nomes emerge na fala em pomerano. Nesse sentido, não considerei coerente com a pesquisa contabilizar o quanto cada item está presente no discurso de cada informante. Logo, interessa-me quantificar no vocabulário pomerano quais itens lexicais aparecem, a que grupos lexicais eles podem ser associados e como se relacionam aos fatores extralinguísticos.

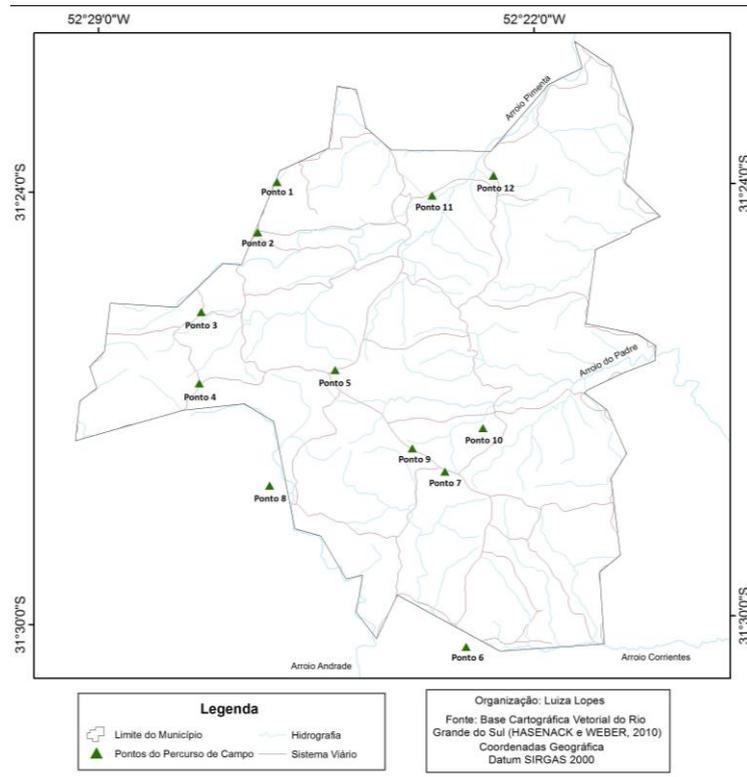
Os dados qualitativos embasam a análise de rede social, a qual ocorre concomitantemente à análise laboviana (proporção de ocorrências) quanto ao uso dos nomes em pomerano. Isso significa que os sete membros da rede social estudada são também os sete indivíduos entrevistados. Assim como em Battisti (2014), a rede social dos informantes em Arroio do Padre (RS) foi constituída por meio da realização das próprias entrevistas sociolinguísticas, a partir do momento em que cada informante indicava outro com as características sociais de interesse para a pesquisa (cf. descrito no capítulo 4).

Dentro do estudo de redes sociais, Bortoni-Ricardo (2014) evidencia duas formas metodológicas para coletar e posteriormente analisar quais são os tipos de relações interpessoais entre os membros de uma comunidade. As questões 21 a 24 (apêndice A) objetivavam a coleta de dados sociométricos indiretos, enquanto as últimas perguntas, após a conversa livre (apêndice A), destinavam-se à coleta de dados sociométricos diretos. Eu optei por ambas, pois A1 e A2 se distanciam cerca 6 km e as chances de os informantes se conhecerem foram consideradas grandes, o

que é confirmado pelos dados qualitativos presentes nos excertos transcritos ao longo do capítulo.

Também são levados em consideração na análise os tipos de laços existentes entre os participantes, i.e., se são de família, trabalho, vizinhança, amizade, e que língua é empregada nas interações. Os laços de família e de amizade parecem ser os relacionamentos mais importantes em Arroio do Padre (RS), resultado semelhante ao encontrado por Battisti (2014) em Antônio Prado (RS). Além disso, todos os participantes mantinham contato na época das entrevistas; todos se conheciam e reconheciam as redes dos demais, resultados também encontrados por Damé (2020) quanto a 15 informantes residentes na zona rural de São Lourenço do Sul (RS). Interessante acrescentar ainda que alguns informantes possuem parentesco de primeiro grau (irmão/irmã) e por afinidade (cunhado/a).

O município de Arroio do Padre é composto por um conjunto de doze pequenas comunidades religiosas majoritariamente evangélicas, entendidas pelos seus membros como pontos de referência e de encontro. A figura a seguir destaca as comunidades religiosas pertencentes ao município, seja pela sua localização ou pelo fato de a maioria de seus membros residirem em Arroio do Padre.

Figura 03<sup>40</sup>: Comunidades religiosas em Arroio do Padre (RS)

Fonte: Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer de Arroio do Padre (2023)

Em cada comunidade, há uma igreja e um salão de festas comunitário; em muitas delas, junto à igreja, há também uma escola de educação infantil ou ensino fundamental I (entre 1º e 5º anos). Quando as festas são realizadas, pessoas de outras comunidades, localidades e municípios vizinhos as prestigiam. O excerto a seguir aponta tal realidade:

#### Quadro 01 – Excerto 01

*Mijn keirl mag geirn in a fiest mâka. Wij sün ümer dail in a kirchafest un dâ sün ümer dai bandas un hai mag geirn dansen. Den mag hai geirn, wen hai mit sijn amigos toup sün. Ik mag geirn t'huus blijwa. (...) Åver ik mag ouk companhia. Den mâk ik ouk mit. (F2, A2, Andréia)*

Meu marido gosta de ir para a festa. Nós sempre estamos numa festa de igreja e lá sempre estão as bandas e ele gosta de dançar. Ele gosta quando está com seus amigos. Eu gosto de ficar em casa.; (...) Mas eu também gosto de companhia. Então eu também participo. (F2, A2, Andréia)

<sup>40</sup> Vale destacar que Arroio do Padre possui uma área de 124,32 Km<sup>2</sup>, enquanto a capital gaúcha Porto Alegre, a cargo de ilustração, conta com 496,8 Km<sup>2</sup>.

As festas são eventos importantes tanto para visitantes quanto para os membros das comunidades religiosas. No excerto a seguir, Mauro explica que gosta de ir às festas aos finais de semana (questão 31, apêndice A) e costuma auxiliar na organização (questão 1a, conversa livre, apêndice A), quando se trata do evento na comunidade à qual ele e sua família são filiados:

#### Quadro 02 – Excerto 02

*In dat gemaindfest måk ik ouk geirn, henmåka. Dai sün ouk campings hijr ümer. Un öwens ouk in dat boschaboom taum bosche speela. (...) Bijna gemaind so help ik so, wen festa so sün. Wij häwa meir grupos so. (F2, A1, Mauro)*

Eu também gosto de ir à festa de comunidade. Também sempre há os campings por aqui. E às vezes também gosto de ir à cancha de bocha para jogar bocha. (...) Junto da comunidade eu ajudo quando há as festas. Nós temos mais grupos. (F2, A1, Mauro)

As relações interpessoais parecem estar atreladas às relações comunitárias estabelecidas dentro de cada comunidade religiosa. Atividades como canto coral, grupo de jovens, culto infantil, cultos em geral, festas, almoços, entre outros são organizados pelos membros da comunidade. As “vendas”, i.e., estabelecimentos comerciais que possuem produtos alimentícios, domésticos, bebidas, artigos de higiene e de uso pessoal, são pontos de encontro comuns, especialmente aos finais de semana e à noite, para rever amigos, jogar carta, assistir a uma partida de futebol na televisão, comer e beber algo etc.

No excerto 03, é possível perceber como se dá a relação de Andréia com os membros na comunidade de Cerrito (A2), à qual ela é filiada. A pergunta realizada pertence ao tópico “conversa livre”: 1a) Quais atividades você realiza na comunidade? Quando e onde vocês se encontram?

#### Quadro 03 – Excerto 03

*Ik dau kour inuiva, ik dau violão speela mit de jovens. Culto infantil häw ik nuu ni meir so. (...) In a kircha dau ik ouk speela, wat ik ai grupo wat mit in a kircha teclado, violão, guitarra.*

(F2, A2, Andréia)

Eu ensaio o coral, eu toco violão com os jovens. Eu não tenho mais o culto infantil. Na igreja/cultos, eu também toco com o grupo, eu toco teclado, violão, guitarra.

(F2, A2, Andréia)

A fala de Bárbara, por seu turno, elucida não só a sua relação com a comunidade religiosa de Cerrito, como também a da família. O trecho a seguir também diz respeito à pergunta 1a do tópico “conversa livre”.

#### Quadro 04 – Excerto 04

*Aist deit ik ümer parzipijra in a Juventude. Åwer dat wåir ouk meir so uld for mij. Ik daua ni feel hånmåka. Nuu parzipijra ik ni meir. Un fiest so den helpt mama. Ik helpa den meist.*

(F1, A2, Bárbara)

Antigamente eu sempre participava da juventude/grupo de jovens. Mas aí ficou assim meio velho pra mim. Eu não fui mais com tanta frequência. Agora eu não participo mais. E na festa assim daí a mãe ajuda. Eu ajudo geralmente.

(F1, A2, Bárbara)

Antônio também possui uma relação constante com a comunidade, conforme sua fala referente à pergunta 1a (Quais atividades você realiza na comunidade? Quando e onde vocês se encontram?). Além disso, ele se encontra na “venda” com as três pessoas com as quais mais contato estabelece fora de sua casa, conforme excerto 05 a seguir:

#### Quadro 05 – Excerto 05

*In a gemaind bün ik vom conselho wääst. Conselho fiscal hit dat. Un airsta wen ik so vice-presidente wår ik [inint.<sup>41</sup>]. Un den åwens håw ik spail mit dera banda. Wij håwa dait. De ula lüür, de helpa (...) wen es mirag is so. (...) Posaunachor håw ik dun. Un den wij wila in de kirch ümer speela. Åwer nu is dat ouk ni meir so, meir uutloupa alas. (...) Dai ula sün ni meir und dai junga wila ni meir måka.*

<sup>41</sup> A abreviação “inint.” é empregada na transcrição quando o vocábulo não está compreensível.

*Meist mit [irmão<sup>42</sup>], un den [amigo de infância] un wee noch? Dat sün dai meista. Oh, jâ! [dono da venda] bijm lancheria dâ. Wij sün hân mâka taum flashbair<sup>43</sup> so.*

(F3, A1, Antônio)

Na comunidade eu fui do conselho. Conselho fiscal se chama. E primeiramente quando eu assim eu fui vice-presidente [inint.]. E às vezes eu tocava com a banda. Nós tínhamos uma. As pessoas velhas, elas ajudam (...) quando é o almoço da comunidade. (...) Eu tinha o coral de trombones, mas agora também não é mais assim, meio que tudo acabou. (...) Os mais velhos não estão mais e os mais jovens não querem mais fazer.

Mais frequente com [irmão], e então [amigo de infância] e quem mais? Esses são os que mais falo. Ah, sim! [Dono da venda] na lancheria/venda lá. Nós vamos lá para uma cerveja assim.

(F3, A1, Antônio)

O informante Gabriel (F1, A2) e as entrevistadas Carla (F3, A1) e Estela (F3, A2), assim como os demais, mantêm relações interpessoais próximas com membros da família e da comunidade religiosa a qual são filiados, conforme excertos abaixo. Os três trechos no quadro são respostas à pergunta 1a da conversa livre (Apêndice A): quais atividades você realiza na comunidade?

#### Quadro 06 – Excerto 06

a) *Ik so gonisch<sup>44</sup>. Mijn papa und mama, sai sin sócios.* (F1, A2, Gabriel)

b) *So aners nich. Ower wen festa sin orer<sup>45</sup> so. Wen ous grupo so arbeira un ik den tijd hääwa, dau ik ümer helpa.* (F3, A1, Carla)

c) *Ik dau in chor mit singa un wen arbeit is taum fest orer so, dan helpa ik ouk.* (F3, A2, Estela)

a) Eu assim nada. Meu pai e minha mãe, eles são sócios/membros. (F1, A2, Gabriel)

b) Assim outra coisa não. Mas quando são as festas ou assim. Quando nosso grupo trabalha e eu

<sup>42</sup> Para preservar a identidade, optei por ocultar o nome mencionado por Antônio e mencionar o grau de parentesco/proximidade.

<sup>43</sup> Em Tressmann (2006), “*bijr*” corresponde ao vocábulo “cerveja”. No entanto, Antônio não apresentou pronúncia semelhante e, por isso, optei por representar o item lexical de outra forma, ou seja, a se aproximar mais da variante de Arroio do Padre (RS).

<sup>44</sup> Para a palavra “*gonisch*” (nada/nenhum) não foi encontrado termo correspondente em Tressmann (2006).

<sup>45</sup> Em Tressmann (2006), o termo corresponde para “ou” é “*urer*”. Porém, Carla não apresenta pronúncia correspondente. Por uma questão de fidelidade aos dados obtidos em Arroio do Padre, opto pela notação “*orer*”.

então tenho tempo, eu sempre ajudo. (F3, A1, Carla)

c) Eu canto junto no coral e quando é trabalho para a festa ou assim, então eu também ajudo. (F3, A2, Estela)

Os dados sociodemográficos sugerem que as relações interpessoais assumem a forma de uma rede social de tessitura miúda e os laços comunitários estabelecidos dentro da comunidade religiosa a qual cada indivíduo está filiado possuem importante papel nesse sentido. Inclusive, as festas parecem ser o momento/local em que os informantes colaboradores convivem em certo grau, conforme excerto 06<sup>46</sup>, quando Antônio (F3, A1) é questionado se conhece Andréia (F2, A2):

#### Quadro 07 – Excerto 07

a) *Jâ! (...) Dai kena ik, jâ. Dat is mijn amiga.*

b) *Ik main, 15 (fuwtseen) jâr.*

c) *Meist um Cerrit, um fiest so. Ora öwens wen wij so gemain sün, in a fiest so, mit [marido de Andréia] den so.*

d) *Wij daurer so begrüüssa und wijrerfortela.* (F3, A1, Antônio)

a) Sim! (...) Ela eu conheço, sim. Essa é minha amiga.

b) Eu acho, 15 anos.

c) Geralmente no Cerrito, na festa. Ou às vezes quando estamos juntos, numa festa assim, com [marido de Andréia].

d) Nós nos cumprimentamos e continuamos a conversar. (F3, A1, Antônio)

Os dados parecem corroborar o que Milroy e Gordon (2003) afirmam sobre o papel de redes de tessitura miúda em comunidades como Arroio do Padre: laços fortes tendem a apoiar normas linguísticas locais. O emprego do pomerano no domínio familiar, sinalizado por Mackedanz (2016) e Vahl (2017), também é

<sup>46</sup> A última parte do questionário para a entrevista sociolinguística é composta pelos dados sociométricos diretos, em consonância com Bortoni-Ricardo (2011), coletados por meio das seguintes questões: a) Você conhece \_\_\_\_\_ (citar nomes das pessoas já entrevistadas de ambas as áreas)? b) Há quanto tempo vocês se conhecem? c) Onde vocês se encontram geralmente? d) E quais atividades vocês fazem juntos?

mencionado por **todos** os informantes, os quais explicam que aprenderam a língua de imigração com seus pais<sup>47</sup>, no domínio do lar, e hoje a empregam com familiares.

Quadro 08 – Excerto 08

a) *Pomerano. Blous pomerano.*

ENTREVISTADORA: *Un worüm dait blous pomerano?*

*Olha, du! Deis lüür sin ümer ala blous pomerano. (...) deis sin fell dat forstâa kain brasiliânisch. Dai ürler wat dâr sin, dai forstâa nij. Dai hääwa dificultade, wen dai hânâmaka in dera stad. Dai mut sich einer mitnehmer, wat for eer dâr reera dait. (...) Da kast du henfuira huus for huus. Hijr ist kain brasiliânisch fortela. (...) Hijr Colônia Cerrito, Santa Silvana blous Pomerano.*

b) *Mit papa un mama. Un mit mijn avós. (F2, A2, Andréia)*

c) *O pomerano, t'huus. Åwer alerweegens blous português. É mais fácil. (F1, A2, Bárbara)*

a) *Wij daura so mër doirenaner, plattdütsch un hisijg. (F3, A1, Antônio)*

a) *Pomerano. Somente pomerano.*

ENTREVISTADORA: *E por que se fala somente pomerano?*

*Então! As pessoas são todas só pomeranas. (...) Há muitas que não compreendem o brasileiro. Os mais velhos não entendem. Eles têm dificuldade, quando vão para a cidade. Eles precisam levar alguém junto que possa falar por eles. (...) Tu podes ir casa por casa. Aqui não é falado brasileiro (...) Aqui Colônia Cerrito, Santa Silvana só pomerano.*

b) *Com pai e mãe. E com meus avós. (F2, A2, Andréia)*

c) *O pomerano, em casa. Mas em todos os outros lugares só português. É mais fácil. (F1, A2, Bárbara)*

a) *Nós falamos assim meio misturado, pomerano e língua local/português. (F3, A1, Antônio)*

Apresento a seguir um excerto de Carla (F3, A1), cuja ocupação e de seu esposo não é a agricultura. Em seu trabalho na prefeitura de Arroio do Padre, ela possui colegas que não falam o pomerano e é no domínio da família onde Carla emprega com a mãe e irmãos a língua de imigração. Além disso, seu esposo escreve em alemão *standard*. Logo, ela convive em seu lar com três línguas, como ela mesma explica no trecho a seguir, o qual se refere às perguntas 9 e 10

<sup>47</sup> Perguntas realizadas: a) Qual língua é mais falada em casa? E na lavoura/no trabalho? Por quê? b) Qual foi a primeira língua que você aprendeu a falar? Onde e com quem? c) Qual língua é mais natural para você atualmente? O que a diferencia das outras para você?

(Apêndice A): quantas pessoas moram na casa e qual(is) língua(s) (mais) emprega(m).

Quadro 09 – Excerto 09

Blous ik un mijn keirl. (...) Is meio **durchanener**<sup>48</sup> so. Mijn keirl dait houchdüütsch sreewa. Hai mach laiwer dat. Ower wij dauer ouk brasiliänisch un ik daua mijn språk, **weil**<sup>49</sup> mijn mama laiwst mökt un wen ik dâr henkooma, sai fortelt blous so un mijn bruirer ouk. Draï språka so. (F3, A1, Carla)

Somente eu e meu marido. ( ) É meio **misturado** assim. Meu marido escreve em alemão padrão. Ele geralmente usa mais isso. Mas nós falamos também brasileiro e eu falo a minha língua, **porque** minha mãe fala mais facilmente (o pomerano) e quando eu vou lá (visitá-la), ela fala só assim (em pomerano) e meus irmãos também. Três línguas assim. (F3, A1, Carla)

Interessante observar que Carla usa a expressão “minha língua” para se referir ao pomerano, diferenciando bem do alemão padrão, empregado por seu esposo, e marcando que se trata da língua da família. Em sua fala, fica também evidente que o pomerano possui status de língua entre ela e familiares, uma tônica também percebida em outras entrevistas do *corpus*. O português, por seu turno, é chamado em pomerano de “brasiliänisch”, um empréstimo lexical referente à palavra “brasileiro” e que na língua de imigração ganhou novo significado, isto é, o idioma “brasileiro”, logo, português.

Quando são analisados os dados sociométricos indiretos, em que cada entrevistado relatava espontaneamente as três pessoas com as quais eles mais interagem em seu cotidiano (apêndice A, questões 21 a 24), destaca-se o uso da língua de imigração nas interações interpessoais, conforme sistematizado nas tabelas que seguem, uma para cada informante.

Bárbara interage em pomerano e os locais de encontro, conforme tabela 02 a seguir, denotam maior grau de convivência e proximidade.

<sup>48</sup> Em Tressmann (2006), não foi encontrado a palavra usada por Carla. Há o termo “*doirananer*” para “misturado, de qualquer jeito”. A forma empregada pela informante se assemelha mais ao alemão standard “*durcheinander*”.

<sup>49</sup> Em Tressmann (2006), o termo “porque” (explicativo) possui “*weegen*” como correspondente. No entanto, acredito que Carla tenha usado o termo vindo do alemão standard “*weil*”, logo, uma transferência, uma vez que seu marido usa provavelmente a variante padrão.

Tabela 02: Laços de Bárbara (F1, A2)

Pseudônimos	Tipo de laço	Moradia	Local de encontro	Língua(s) usada(s)
Liliane	melhor amiga desde a infância	Costa do Arroio Grande, Pelotas (nasceu na A2)	festas de comunidade e em casa (visitam uma à outra)	pomerano
Vanessa	sogra	Colônia Aliança, Pelotas (4º distrito)		
Ana	tia e vizinha	Arroio do Padre, A2		

Fonte: Elaborado pela autora

Os laços de Gabriel, especialmente o local de encontro entre o informante e as pessoas indicadas, mostram que o cultivo da propriedade rural ocorre pela família e seus membros, provavelmente uma característica herdada do processo migratório. Segundo Maltzahn (2010), a constituição de uma família numerosa (entre 10 e 12 filhos) tinha papel econômico e por isso provavelmente o cuidado da propriedade rural passe de geração a geração. Uma forma de garantir o sustento a longo prazo, uma vez que no período em que os primeiros imigrantes se instalaram na região a terra e o trabalho agrícola eram a principal fonte de renda.

Tabela 03: Laços de Gabriel (F1, A2)

Pseudônimos	Tipo de laço	Moradia	Local de encontro	Língua(s) usada(s)
Maria	avó	Arroio do Padre	casa da avó	pomerano
Marta	tio		casa dos tios e lavoura	
Mario	tia		casa dos tios e lavoura	

Fonte: Elaborado pela autora

Quando as entrevistas foram realizadas em 2020, os informantes mais jovens moravam na mesma propriedade rural dos pais e avós. As três gerações juntas obtinham seu sustento da agricultura. Além disso, Bárbara era casada, logo ela e o marido moravam com mais duas gerações da família dela. Conforme anotações em diário de campo, no dia da entrevista com Bárbara (turno da manhã) estavam

somente as mulheres em casa; os homens chegaram da lavoura perto do meio dia para o almoço, o qual foi preparado pela mãe de Bárbara durante minha visita.

Interessante também mencionar que durante ambas as entrevistas com Gabriel e Bárbara as avós participaram ativamente, seja repetindo em pomerano o que foi dito pelo/a informante em português ou complementando a resposta do/a neto/a. Sempre em pomerano. Por esse motivo, são as entrevistas dos mais jovens que possuem a menor quantidade de itens lexicais empregados por eles. De um total de 631 vocábulos analisados, Gabriel e Bárbara somam 120 substantivos em pomerano, enquanto somente a entrevista de Andreia (F2) apresentou 137 itens, conforme veremos mais adiante na análise quantitativa.

Andréia (F2), por seu turno, chama a atenção, pois parece alternar em maior grau entre pomerano e português, uma vez que duas das três amigas com quem mais fala não residem em Arroio do Padre e o local de encontro situa-se no centro urbano mais próximo, i.e., em Pelotas (RS), onde a informante possui sua loja de aviamentos. Além disso, uma das amigas não fala pomerano, conforme tabela 04. Aqui, as interações de Andréia sugerem que o português prepondera fora do contexto rural e familiar.

Tabela 04: Laços de Andréia (F2, A2)

Pseudônimos	Tipo de laço	Moradia	Local de encontro	Língua(s) usada(s)
Katia	amiga	Pelotas	Pelotas, loja de aviamentos	português
Geovana	amiga e cunhada		Pelotas, loja de aviamentos	português e pomerano
Tábata	amiga	Arroio do Padre	ônibus	

Fonte: Elaborado pela autora

Por outro lado, também da fase etária entre 26 e 49 anos (F2), temos Mauro. Seus principais e únicos laços mencionados na entrevista foram os familiares. Mauro advém de uma família numerosa e mora na propriedade onde nasceu, juntamente de sua esposa, filho e a mãe. Por ser a propriedade da família, é hábito familiar os filhos visitarem a mãe. Inclusive, a entrevistada Carla (F3, A1) é sua irmã e mora a poucos quilômetros de distância.

Tabela 05: Laços de Mauro (F2, A1)

Indicados	Tipo de laço	Moradia	Local de encontro	Língua(s) usada(s)
mais de três pessoas	irmãos e irmãs	Arroio do Padre (maioria) e São Lourenço do Sul (uma irmã)	casa do entrevistado (eles vêm de visita)	pomerano

Fonte: Elaborado pela autora

A diferença quanto à frequência de uso do português dentro da fase etária F2 não me parece ser uma questão de gênero. Trata-se de uma característica sociocultural e um aspecto econômico. Na família de Mauro, a mãe é um elo importante entre os irmãos e a língua mais falada por ela é o pomerano; língua de imigração como a língua da família. Para Andreia, falar português fazia parte de seu cotidiano na época da entrevista (janeiro 2020), pois ela lidava com clientes que falavam tanto português quanto pomerano; e seus laços presentes na tabela 04 confirmam a presença frequente do português em sua rotina.

Na fase etária mais velha, temos primeiramente Antônio, o qual emprega com seus amigos ambas as línguas, conforme o tópico da conversação, o que possivelmente sinaliza a ocorrência de *code-mixing* ou *code-switching*. O informante explica, no excerto 09, sobre o emprego das línguas em sua conversa com os três melhores amigos, e a tabela 06 sintetiza as informações de cada pessoa mencionada pelo participante.

#### Quadro 10 – Excerto 10

*Ik un [dono da venda] wij daua meir âwens uut spâss bitska dütsch un den bitska hisijg so. Feela daila forsteit de ouk ni in dütsch. (...) Dai forstâa ouk so halw un halw so. Dat kümp ut an, wat fon ... wat wij den (inint.) daua, wat wij den anreera daua so. (F3, A1, Antônio)*

Eu e [dono da venda] nós usamos às vezes por diversão um pouco de pomerano e um pouco de fala local/português. Muitas coisas ele não também compreende em pomerano. (...) Eles (irmão e amigo de infância) compreendem também meio a meio assim. Depende do que nós (inint), do que nós estamos conversando assim. (F3, A1, Antônio)

Tabela 06: Laços de Antônio (F3, A1)

Pseudônimos	Tipo de laço	Moradia	Local de encontro	Língua(s) usada(s)
Claudio	amigo, vizinho e irmão	Arroio do Padre, A1	venda	pomerano e português, conforme tópico da conversa
Fabiano	amigo de muitos anos			
Irineu	amigo desde a infância			

Fonte: Elaborado pela autora

Com relação à entrevistada Carla, também da F3, pode-se afirmar que seus laços (tabela 07) confirmam o que ela explicou na entrevista acerca de seus usos linguísticos no cotidiano, conforme excerto 09 (quadro 09). Assim como os laços de Mauro, seu irmão, Carla emprega o pomerano em família. O uso do português ocorre em seu local de trabalho. A prefeitura de Arroio do Padre é o local de gestão municipal e a respectiva burocracia é em português. Além disso, conforme dados do diário de campo, há funcionários que não falam pomerano. A tabela abaixo explicita como se dão os laços de Carla. O fato de a vizinha e colega de trabalho ser provavelmente bilíngue passiva em pomerano indica que Carla emprega majoritariamente o português com ela, mas com eventos na língua de imigração. Logo, há possíveis eventos de *code-mixing* ou *code-switching*.

Tabela 07: Laços de Carla (F3, A1)

Pseudônimos	Tipo de laço	Moradia	Local de encontro	Língua(s) usada(s)
mãe	mãe	Arroio do Padre, A1	casa de Mauro	Pomerano
Mauro (F2, A1)	irmão			
Bianca	vizinha e colega de trabalho		prefeitura, o local de trabalho	português, mas ela entende pomerano

Fonte: Elaborado pela autora

Estela, terceira entrevistada da F3, citou quatro pessoas com quem mais interage fora de casa. E a língua usada é o pomerano. Assim como os demais entrevistados, os laços familiares e de amizade são aqueles mais fortes no cotidiano de Estela. Por conseguinte, o uso do pomerano caracteriza essa realidade linguística, a qual se mostrou como sendo a tônica dos dados coletados. A tabela 08 a seguir ilustra como se dão os laços de Estela.

Tabela 08: Laços de Estela (F3, A2)

Pseudônimos	Tipo de laço	Moradia	Local de encontro	Língua(s) usada(s)
Helena	irmã	Picada Chaves	casa da irmã	pomerano
Lourdes	mãe		casa da mãe	
Jéssica	amiga	Cerrito, A2	ensaio do coral, na igreja	
Andreia (F2, A2)	cunhada		ensaio do Coral, na igreja	

Fonte: Elaborado pela autora

Quando o tópico “dados sociométricos indiretos” foi abordado nas entrevistas, chamou-me a atenção o fato de mulheres indicarem mulheres, enquanto homens indicavam outros homens. Quando os indivíduos indicados de modo indireto não atendiam aos interesses da pesquisa – ou por não morarem em Arroio do Padre (RS) ou por pertencerem à mesma fase etária do participante indicador –, tomei a decisão de solicitar, ao final de cada entrevista, a indicação de outras pessoas com as quais cada um também interagiria, mesmo que em uma escala menos frequente, mas que residissem em Arroio do Padre. E novamente as mulheres indicaram mulheres e os homens indicaram outros homens. Tal fato foi uma tônica ao longo das sete entrevistas. Além disso, a venda, um ambiente fora do lar/lavoura, parece ser ponto de encontro comum entre moradores do gênero masculino. As mulheres, por seu turno, interagem com suas indicadas no lar e/ou nas festas.

Mackedanz (2016) observou que homem e mulher possuem papéis sociais próprios dentro da família e da comunidade. Às mulheres competem as tarefas de cuidado do lar e dos filhos, como preparar a comida, lavar roupas, cuidar da casa e auxiliar nas atividades agrícolas. Aos homens competem as atividades mais ligadas ao trabalho com a terra e com os implementos agrícolas, confirmando o que Maltzahn (2010) e Salamoni, Acevedo e Estrela (1995) apontaram sobre os valores da família pomerana.

Maltzahn (2011) realizou estudo etnográfico sobre a transmissão de valores e saberes na dinâmica das relações entre avós, filhos e netos em famílias pomeranas da cidade de Pelotas (RS). A análise apontou para a importância de rituais de batismo, confirmação, casamento e funeral como formas que demarcam os ciclos de vida dos pomeranos, bem como que se relacionam com a constituição da identidade

familiar pomerana. Tais rituais perpassam ao mesmo tempo a vida comunitária e religiosa e elucidam o seu possível papel de relevância entre os moradores.

Nesse sentido, os dados de Arroio do Padre (RS) trazem alguns indícios para a sustentação da ideia de que os papéis sociais dentro da comunidade religiosa podem se relacionar e influenciar as relações interpessoais. O agir comunitário dentro de cada comunidade religiosa parece ser o meio através do qual tais relações são constituídas, uma vez que todos os informantes atuam ao menos em uma atividade na comunidade, seja auxiliando nas festas, participando do canto coral, do grupo de jovens ou demais atividades.

Os dados qualitativos, especialmente quanto aos laços de Andréia (tabela 04) e Antônio (tabela 06), sinalizam como o português também parece fazer parte cotidianamente dos domínios linguísticos. Durante a transcrição das entrevistas, dois fenômenos característicos do bilinguismo emergiram: *code-mixing* e *code-switching*. Por isso, foi necessário quantificar sua ocorrência na fala em pomerano e verificar sua relação com os fatores extralinguísticos. Para dar conta dos resultados encontrados, foi necessário criar dois grupos novos, distintos daqueles sete sugeridos por Pupp Spinassé (2016; 2017) e apresentados na seção 2.3. No total, o léxico em pomerano é aqui analisado a partir de seis grupos lexicais, previstos pela literatura já mencionada, e dos fenômenos de *code-mixing* e *code-switching*.

É importante ressaltar que a pesquisa não objetiva analisar os fenômenos de *code-switching* e *code-mixing*, e sim a variação linguística do léxico em pomerano. No entanto, os dados também apontaram a alternância e a mistura de código como eventos relevantes para compreender em que medida o uso do léxico em pomerano é influenciado pelo contato com o português.

O grupo lexical 4, ou seja, palavras de origem alemã, cujo gênero na língua de imigração (masculino, feminino ou neutro) não corresponde ao do alemão *standard*, não foi considerado na quantificação dos dados. O questionário sociolinguístico para as entrevistas não previa a análise do gênero dos substantivos. Para isso, seria necessário ter um instrumento de coleta e análise específico, uma lista de palavras, por exemplo, voltar para Arroio do Padre e coletar novos dados. Por conta da pandemia, não foi possível retornar ao *locus* da pesquisa. E ao longo das transcrições dos dados não se conseguiu verificar qual o gênero de cada item lexical empregado pelos informantes.

Durante a quantificação dos dados, observou-se que, por exemplo, um item lexical ocorreu em mais de uma entrevista. Essas repetições não foram descartadas, pois interessam à pesquisa enquanto realizações de cada informante. Extrair os substantivos que apareceram em mais de uma entrevista significaria retirar a realização de dados lexicais. Dos 631 substantivos contabilizados, 242 ocorreram em mais de uma entrevista, o que equivale à 38,2% do total de realizações. Logo, o *corpus* é composto por 389 substantivos diferentes e a tabela 09 detalha como eles se distribuem.

Tabela 09: Quadro geral da distribuição dos itens lexicais (sem repetições)

<b>Grupos lexicais</b>	<b>Itens lexicais por grupo</b>	<b>Porcentagem</b>
Grupo 1	131	34%
Grupo 2	19	5%
Grupo 3	20	5,2%
Grupo 5	12	3%
Grupo 6	7	1,8%
Grupo 7	15	4%
<i>code-mixing</i>	147	37%
<i>code-switching</i>	38	10%
<b>Total</b>	<b>389</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaborado pela autora

Quando não levamos em conta as realizações, temos inicialmente a ideia de que a fala em pomerano dos sete entrevistados possui mais substantivos em português resultantes de *code-mixing* do que palavras de base germânica, uma vez que, por um lado, há 131 palavras diferentes no grupo 1 e, por outro lado, 147 vocábulos diferentes em português no discurso em pomerano. É nesse momento que precisamos levar em consideração quais são as realizações efetivas, dentre elas os itens lexicais que apareceram em mais de uma entrevista. E a tabela 10 mostra quantas palavras foram realizadas por mais de um entrevistado ao longo do *corpus* e qual o total de realizações em cada grupo lexical.

Tabela 10: Distribuição das repetições no *corpus*

Grupos lexicais	Total de itens lexicais	Palavras repetidas	Realizações
Grupo 1	131	57	281
Grupo 2	19	10	41
Grupo 3	20	2	22
Grupo 5	12	7	37
Grupo 6	7	1	10
Grupo 7	15	8	30
<i>code-mixing</i>	147	16	172
<i>code-switching</i>	38	0	38
<b>Total</b>	<b>389</b>	<b>101</b>	<b>631</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O grupo 1, palavras de origem germânica, cuja forma e significado ainda coincidem com suas correspondentes no alemão *standard* ou no *Niederdeutsch*, e o fenômeno de *code-mixing* possuem em ambas as tabelas 09 e 10 a maior frequência. Porém, na tabela 10 há uma diferença maior quanto às realizações: 281 no grupo 1 e 172 para o *code-mixing*. Por um lado, isso evidencia que o vocabulário pomerano possui uma base germânica que não pode ser negada, isto é, 44,6% dos itens lexicais. Por outro lado, há a influência do português no léxico, isto é, a língua base empregada é o pomerano, ao mesmo tempo em que há itens lexicais em português. Na figura a seguir, uma cópia do excerto 01, destaco as palavras em português, as quais não são estrangeirismos e nem empréstimos lexicais. Trata-se do fenômeno de *code-mixing*, cujo uso de cada item lexical foi determinado por escolhas individuais, isto é não estão incorporados ao vocabulário pomerano.

Figura 04: Exemplo de *code-mixing*

*Mijn keirl mag geirn in a fiest màka. Wij sün ümer dail in a kirchafest un dâ sün ümer dâi bandas un hai mag geirn dansen. Den mag hai geirn, wen hai mit sijn amigos joup sün. Ik mag geirn t'huus blijwa. (...) Åver ik mag ouk companhia. Den màka ik ouk mit. (F2, A2, Andréia)*

Fonte: Elaborado pela autora

As palavras mais repetidas, ou seja, que apareceram em todas as sete entrevistas ou em cinco ou seis delas, estão listadas na tabela 11 e divididas por grupo lexical. Alguns grupos não possuem nomes usados em mais do que quatro

entrevistas e por isso não aparecem na tabela abaixo. E o fenômeno de *code-switching* também não consta a seguir, pois trata-se de eventos em que o falante troca de idioma em uma sentença completa, isto é, uma frase está em pomerano e a seguinte em português. As células destacadas em amarelo na tabela 11 dizem respeito a especificidades recorrentes na fala em pomerano.

Tabela 11: Itens lexicais mais repetidos no *corpus*

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 5	Grupo 7	code-mixing
lüür	brasiliânisch	Ross	série (ano escolar)	Anos
melk		fum		
t'huus		unubus		
schaul		Cerit		
kirch				
mama				
papa				
audó				
düütsch				
fest				
famijlch				
braurer				
kiner				
stad				
mirag				
dag				

Fonte: Elaborado pela autora

Olhar para as palavras repetidas permite perceber que a mistura de idiomas (*code-mixing*) por meio da inserção de item lexical na fala em pomerano ocorre nas entrevistas como um fenômeno individual, a partir das escolhas de cada entrevistado de acordo com o que cada um deseja expressar. O que também justifica as diferenças entre as tabelas 09 e 10 quanto à comparação entre grupo 1 e *code-mixing*. Já para os itens lexicais do grupo 1 não é possível estabelecer tal correlação, uma vez que se trata da base lexical germânica, provavelmente já presente na época da imigração e que é empregada até hoje, mais de 150 anos após a chegada dos primeiros pomeranos na Serra dos Tapes. Logo, as palavras do grupo 1 são de domínio comum.

A palavra “série” apareceu em seis das sete entrevistas, logo sua difusão no *corpus* sinaliza que estamos diante de um estrangeirismo do tipo 2, ou seja, é uma palavra originária do contato linguístico com o português, possui pronúncia tal qual o PB e provavelmente foi adotada pelos falantes devido ao fato de eles não conhecerem vocábulo correspondente na língua de imigração. “Série” (ano escolar) designa um elemento que foi por muito tempo característico do sistema escolar brasileiro. O item lexical “anos” apareceu sempre depois de números, no caso, a idade dos informantes. Em cinco das sete entrevistas, os entrevistados optaram por falar em português o número de sua idade, continuando a frase em pomerano. Mauro e Gabriel, por exemplo, explicam logo no início de suas entrevistas que sentem dificuldade em falar os números em pomerano.

As palavras *ross* (lavoura/roça), *fum* (fumo/tabaco), *unubus* (ônibus) e *Cerit* (Cerrito) são empréstimos lexicais que surgiram do contato linguístico com o português e que foram foneticamente adaptadas ao pomerano. Além disso, todas elas podem ser consideradas variações regionais. O dicionário pomerano de Tressmann (2006), constituído com base no pomerano falado no Espírito Santo, não possui tais itens lexicais. As quatro palavras mais empregadas do grupo 5 são características do pomerano falado no Rio Grande do Sul, mais especificamente, em Arroio do Padre.

Assim como *ross*, *fum*, *unubus* e *Cerit*, há mais palavras que não constam ou diferem de Tressmann (2006), chegando a 16,2% do *corpus*. Das 631 realizações, 102 são características da fala pomerana arroioпадrense e se diferenciam seja foneticamente ou lexicalmente. A tabela 12 detalha como as 102 realizações estão distribuídas entre os seis grupos lexicais analisados.

Tabela 12: Variação regional

Grupos lexicais	RS		
	Itens lexicais	Repetições	Realizações
Grupo 1	22	31	53
Grupo 2	0	0	0
Grupo 3	11	0	11
Grupo 5	10	23	33
Grupo 6	1	0	1
Grupo 7	2	2	4
<b>TOTAL</b>	<b>46</b>	<b>56</b>	<b>102</b>

Fonte: Elaborado pela autora

As palavras de origem germânica, cuja forma e significado ainda coincidem com a correspondente alemã (grupo 1), são mais frequentes. O fato de 22 vocábulos terem sido usados 53 vezes denota o quanto esses itens estão difundidos no vocabulário pomerano. O mesmo pode ser dito com relação aos empréstimos lexicais do português adaptados foneticamente à língua de imigração (grupo 5); 10 palavras foram usadas 33 vezes no *corpus*. E quando olhamos como as palavras ocorrem na fala em pomerano de cada entrevistado, observamos que todos empregaram pelo menos três delas, conforme tabela 13 a seguir.

Tabela 13: Distribuição da variação regional nas entrevistas

Grupos lexicais	REALIZAÇÕES							
	Bárbara	Gabriel	Andréia	Mauro	Antônio	Carla	Estela	TOTAL
Grupo 1	6	6	9	3	16	6	7	53
Grupo 2	0	0	0	0	0	0	0	0
Grupo 3	0	0	0	3	7	0	1	11
Grupo 5	5	6	7	6	3	3	3	33
Grupo 6	1	0	0	0	0	0	0	1
Grupo 7	0	0	0	2	1	1	0	4
<b>Total por informante</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>16</b>	<b>14</b>	<b>27</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>102</b>

Fonte: Elaborado pela autora

O grupo 3, composto por novos itens lexicais criados pelos falantes, a partir de vocábulos de origem germânica, por meio de analogia, não havendo correspondência com a variedade originária, também merece destaque, pois aponta o quanto o pomerano é dinâmico, assim como outras línguas. Antônio (F3) e Mauro (F2), ambos da área 1, e Estela (F3, A2) contavam sobre sua infância<sup>50</sup> quando empregaram tais palavras, ou seja, elas foram usadas na fala descontraída e por isso provavelmente são itens lexicais difundidos no vocabulário pomerano.

A ortografia para o pomerano proposta em Tressmann (2006) possui importante papel para esta pesquisa, pois permitiu a transcrição dos dados e foi usada como base lexical. No entanto, Beilke (2022) aponta que o grande problema da ortografia do dicionário monodirecional pomerano-português de Tressmann (2006) parece residir no fato de que não foram consultadas teorias ortográficas dos

<sup>50</sup> Conversa livre, questão 2a: Durante sua infância, quais eram suas brincadeiras preferidas?

anteriores aos escritos dele. Além disso, para Beilke (2022), não estão claros quais métodos são empregados por Tressmann (2006). O que também possui reflexos nos dados quanto à variação regional aqui em discussão e como transcrevê-los, conforme ilustro nas próximas tabelas.

No primeiro semestre de 2022, eu fiz uma comparação inicial com o dicionário pomerano – *Das pommersche Wörterbuch* –, desenvolvido pelo *Institut für Deutsche Philologie*<sup>51</sup> (Instituto de Filologia Alemã) na Universidade de Greifswald, norte da Alemanha. Com isso, uma nova hipótese surgiu: o pomerano falado em Arroio do Padre (RS) possui semelhanças lexicais com o *Niederdeutsch* falado no estado alemão de *Meklenburg Vorpommern*, território que pertencia à antiga Pomerânia.

Em abril de 2022, em contato com o coordenador dos estudos que envolvem o *Das pommersche Wörterbuch* (Hermann-Winter; Vollmer, 2008), PD<sup>52</sup> Dr. Matthias Vollmer, foi-me cedida a versão digital de um trecho do dicionário, entre as palavras *Treckborn* (poço) e *utfrâgen* (sondar, inquerir algo sobre alguém). E em novembro de 2022 fiz estadia de pesquisa na Universidade de Greifswald, justamente para testar a nova hipótese.

Por meio da tabela 14 a seguir, é possível compreender como se dão as diferenças entre os dados de Arroio do Padre e em Tressmann (2006) no Espírito Santo, seja em termos fonéticos ou lexicais. Ao mesmo tempo, a partir de meus estudos bibliográficos na Universidade de Greifswald, no estado de *Mecklenburg-Vorpommern*, Alemanha, eu comparei de forma experimental na tabela 14 a forma das palavras do grupo 1 em alemão *standard*, em *Niederdeutsch* presente no contexto linguístico de *Mecklenburg-Vorpommern* (HERMANN-WINTER; VOLLMER, 2008) e em três dicionários regionais (LAABS, 1988; JOST, 1993; LAUDE, 1995) correspondentes ao *Hinterpommern*, uma região da extinta Pomerânia e que hoje se situa na Polônia. Para a grafia das palavras observadas em Arroio do Padre, optei por me basear na ortografia de Tressmann (2006), assim como o fiz na transcrição dos dados. Porém, a comparação entre os itens lexicais do RS com variantes do

<sup>51</sup> O Instituto de Filologia Alemã está atualmente dividido nas seguintes áreas: Língua e Literatura Alemã Antigas, Linguística Germânica, Literatura Alemã Moderna, Didática da Língua e Literatura Alemã e Alemão como Língua Estrangeira. As pesquisas quanto ao léxico do pomerano e o desenvolvimento do dicionário estão no âmbito da Linguística Germânica. Mais informações disponíveis em: <<https://germanistik.uni-greifswald.de/en/>>. Acesso em: 30.07.2023.

<sup>52</sup> A sigla PD significa em alemão *Privatdozent*. Trata-se de um título universitário próprio das universidades de língua alemã na Europa. Serve para designar professores que receberam uma habilitação — reconhecimento formal de uma aptidão e autorização para exercê-la — mas que não receberam a cátedra de ensino ou de pesquisa.

*Niederdeutsch* sugere a necessidade de refletirmos sobre qual é a língua de origem do pomerano falado no Brasil.

Tabela 14: Comparação da variação regional, grupo 1

português	alemão <i>standard</i>	Tressmann (2006)	Arroio do Padre (RS)	Hermann- Winter e Vollmer (2008)	Niederdeutsch		
					Laude, 1995	Laabs, 1988	Jost, 1993
batatas	Kartoffeln	bataada	<b>tuwwla</b>	Tüffel	Tuwwle	Pantüffle	-----
cavalo	Pferd	walach	<b>peerd</b>	Pierd	Peerd	Pērd	-----
almoço	Mittag	mirdag	<b>mirach</b>	Meddag	Mirrach	Middaꝛ (var. Mirraꝛ)	Middach
trabalho	Arbeit	arbeid	<b>arbeet</b>	Arbeit	Arbeet	Arbēt	-----
pão	Brot	broud	<b>brout</b>	Brot	Broot	-----	Bröt
cerveja	Bier	bijr	<b>bair</b>	Bier	Bair	Beir	Beier
dinheiro	Geld	gild	<b>jeeld</b>	Geld	Jeeld	Jild	-----
pé	Fuss	faut	<b>fuss</b>	Faut	-----	Föüt	-----
carro	Auto	wåga	<b>audu</b>	Auto	-----	-----	-----
alemão <i>standard</i>	Hochdeutsch	hougdüütsch	<b>hogdüütsch</b>	Hochdüütsch	-----	-----	-----
pomerano (sinônimo)	Plattdeutsch	düütsch	<b>düütsch</b>	Düütsch (var. antiga)	-----	-----	-----
coral	Chor	kour / koral	<b>kor</b>	Chor / Chur	-----	-----	-----
noiva / namorada	Braut / Freundin	bruud	<b>brut</b>	Brut	-----	-----	-----
namorado	Bräutigam / Freund	bruudmann	<b>brutmann</b>	Brutmann (var. antiga)	-----	-----	-----
quilômetro	Kilometer	kiloimeter	<b>kilometer</b>	Kilometer	-----	-----	-----
dezembro	Dezember	deicember	<b>dezember</b>	Dezember	-----	-----	-----
futebol	Fussball	bolasmijter	<b>fussball</b>	Fautball	-----	-----	-----
jovens	Jungen	jungen	<b>jonger</b>	Jungs	-----	-----	-----
manhã	Morgen	morgen	<b>moins</b>	Morje	-----	-----	-----
coral de trombones	Pousanenchor	trombonekour	<b>posaunerchor</b>	Bassun	-----	-----	-----

cabra	Ziege	seeg	<b>Zäg</b>	Zäg	-----	-----	-----
figo	Feige	fijg	<b>faig</b>	Fieg	-----	-----	-----
jogo de carta típico na região	Schafskopf	não há <sup>53</sup>	<b>schâpskopp</b>	Schâpskopp	-----	-----	-----
vizinhos	Nachbarn	nâwers	<b>nachbora</b>	Nâbes	-----	-----	-----

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados acima apontam que é possível traçar hoje por meio do léxico o caminho inverso, do Brasil para uma provável região dialetal de origem. Altenhofen e Morello (2018) explicam que os imigrantes do séc. XIX traziam em sua bagagem cultural o repertório linguístico da sua localidade e região de origem, isto é, o dialeto falado antes da imigração e conhecimentos (ainda que possivelmente parciais) do alemão *standard*. Pupp Spinassé (2008) esclarece que, ao chegarem no Brasil, os imigrantes alemães constituíram, da perspectiva linguística, as chamadas “ilhas linguísticas”, pois criaram no sul do país várias pequenas comunidades que durante muito tempo viveram isoladas. E a tabela 14 ilustra, ainda que de forma experimental, que é possível estabelecer atualmente paralelos entre formas usadas pelos falantes de pomerano no Brasil e variantes de localidades que pertenceram ao território originário, a Pomerânia, confirmando a hipótese de que o vocabulário pomerano usado em Arroio do Padre (RS) possui semelhanças lexicais com o *Niederdeutsch* presente no estado alemão de *Meklenburg Vorpommern*, território da antiga Pomerânia.

Schaumloeffel (2014) também explica que as línguas de imigração alemã passaram a existir de forma relativamente isolada em relação às variedades faladas na região de origem na Alemanha. Por outro lado, a língua de imigração passou a conviver com as variantes do português brasileiro e, em algumas circunstâncias, também em contato com outras línguas europeias faladas no Brasil. Temos com isso uma situação e um ambiente de contato necessários e naturalmente propícios para empréstimos linguísticos. E os dados de minha pesquisa também trazem indícios nesse sentido. Através da tabela 15, eu sistematizo de forma comparativa os itens lexicais característicos de Arroio do Padre. A mesma comparação feita no grupo 1

<sup>53</sup> Há o termo *schâpkop* para designar ‘cabeça da ovelha’ ou como adjetivo pejorativo para ‘idiota’. Tressmann (2006) não menciona o item lexical como nome de um tipo de jogo de cartas.

não é possível com as palavras do grupo 3, pois são novos itens lexicais que provavelmente surgiram após a chegada ao Brasil, por meio do processo de desenvolvimento independente da língua de origem. A grafia dos itens lexicais do grupo 3 também estão de acordo as regras ortográficas propostas em Tressmann (2006), apesar de não haver palavras correspondentes.

Tabela 15: Comparação da variação regional, grupo 3

Português	alemão <i>standard</i>	Tressmann (2006)	Arroio do Padre (RS)	Niederdeutsch Hermann-Winter e Vollmer (2008)
brinquedo com quatro rodas e que lembra um skateboard	não encontrado	não há	<b>vierrad</b>	não há
campo de futebol			<b>fussballkamp</b>	
surra com vara de marmelo			<b>marmeloschacht</b>	
vara de marmelo			<b>mMarmelostok</b>	
máquina para plantar milho			<b>mijlhamaschijn</b>	
Preás			<b>sandhåsa</b>	
mochila escolar	Schultasche	schaultasch	<b>schaulsack</b>	
laranjas de umbigo	Navelorangen	não há	<b>bijcheranja</b>	
cancha de bocha	Boccia-Bahn		<b>boschaboon</b>	
jogo de bocha	Boccia		<b>boschaspeelen</b>	
espata da palmeira <sup>54</sup>	não encontrado		<b>palmijtschelw</b>	

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>54</sup> Quando a informante Estela (F3, A2) contava sobre sua infância, ela descreveu como usava com amigos a espata seca da palmeira para brincar. Mais de uma criança se sentava na espécie de casca seca e eram puxadas por outra. Muito parecido com o que ocorria com o “vierrad”, o qual diferentemente era empurrado.

Interessante observar que quase todos os vocábulos do grupo 3 não coincidem com as formas lexicografadas em Tressmann (2006) e em Hermann-Winter e Vollmer (2008). Logo, são elementos criados a partir do repertório linguístico dos falantes e por eles empregados para dar conta da realidade no Brasil. Além disso, todas as palavras acima são compostas por justaposição, uma característica também do *Niederdeutsch* e do alemão *standard*, ainda que tenhamos algumas formas híbridas, ou seja, uma parte da palavra possui influência do português e a outra é germânica, conforme os seguintes esquemas:

- a) *vier* (quatro) + *rad* (roda)
- b) *fussball* (futebol) + *kamp* (campo)
- c) *marmelo* (referente ao marmeleiro) + *schacht* (surra) / *stock* (vara)
- d) *mijlha* (milho) + *maschijn* (máquina)
- e) *sand* (areia) + *hâs* (coelho)
- f) *schaul* (escola) + *sack* (saco)
- g) *palmijt* (palmeira) + *schelw* (casca)

Em seu estudo com quatorze *corpora* escritos e um *corpus* oral em localidades do Rio Grande do Sul e Minas Gerais, Beilke (2016) apontou que o pomerano apresenta influências portuguesas, alemãs e dialetais (de outras variedades germânicas). Quando olhamos para os substantivos considerados variação regional com relação ao grupo lexical 5, também temos indícios nesse sentido, especialmente da influência da língua portuguesa, uma vez que os dados apontam serem itens lexicais que resultam do contato linguístico. Na tabela 16, encontramos os vocábulos do grupo 5 para os quais os correspondentes em Tressmann (2006) diferem.

Tabela 16: Comparação da variação regional, grupo 5

português	alemão <i>standard</i>	Tressmann (2006)	Arroio do Padre (RS)	Niederdeutsch Hermann-Winter e Vollmer (2008)
roça / lavoura	Feld / Acker	land / plantland	<b>ross</b>	Feld
fumo / tabaco	Tabak	tåbak	<b>Fum</b>	Toback
Combi	Kombi, Kombiwagen	kombiwåga	<b>kombi</b>	não há
Milho	Mais	mijlcha	<b>mijlha</b>	
Ônibus	Bus	uupa	<b>unubus</b>	Bus
Loja	Laden	geschåfthuus	<b>louja</b>	Låden
camionete	Lieferwagen	pickup	<b>kamionet</b>	
Soja	Soja	soja	<b>souja</b>	
Cerrito, A2	não há	não há	<b>Cerit</b>	não há
festa do município	não há	não há	<b>municípiofest</b>	

Fonte: Elaborado pela autora

As palavras destacadas em amarelo possuem particularidades quanto à forma. A primeira, *mijlha*, foi assim notada pois os quatro informantes a empregaram com o som correspondente ao encontro consonantal “lh” [ʎ] do português e as convenções ortográficas em Tressmann (2006) não abarcam esse som como constituinte do pomerano. No entanto, a difusão nos meus dados indica que estamos provavelmente diante de um som transferido do português para a língua de imigração. Já o item “municípiofest” foi empregado por um informante e designa a festa de aniversário da emancipação política de Arroio do Padre, um evento no qual todas as comunidades religiosas atuam e que ocorre desde 2002. Temos uma palavra formada por justaposição entre um empréstimo linguístico do português (e que manteve pronúncia tal e qual, i.e. “município”) e uma palavra do pomerano (“fest”, festa).

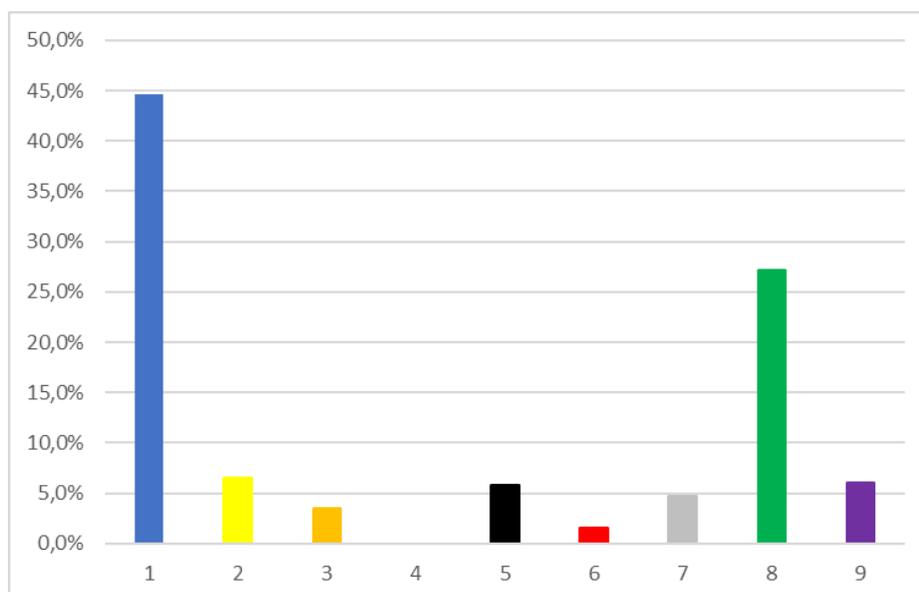
Situações como essas levantam discussões acerca do sistema de escrita, uma vez que as palavras até o momento descritas pertencem ao vocabulário pomerano. Pela representatividade acadêmica que as convenções ortográficas propostas por Tressmann (2006) possuem, julguei coerente adotá-las para a

transcrição dos dados. Porém, as variações regionais detalhadas em meu trabalho levantam a questão do quanto essa escrita consegue abarcar formas e fenômenos linguísticos recorrentes na fala em pomerano, especialmente quando estabelecemos relações entre formas usadas no Brasil e outras presentes no território originário.

A partir dos resultados aqui expostos, sugiro que o pomerano falado no Brasil precisa ser visto também da perspectiva variacionista e que não podemos dissociá-lo de variantes dialetais também encontradas e lexicografadas no século XIX e XX no território de origem. A isso deve ser somado o fato de que nos estudos dialetais e lexicais acerca do *Niederdeutsch* as formas presentes em Laude (1995), Laabs (1988) e Jost (1993) (conforme tabela 14) pertencem ao *continuum* do *Plattdeutsch* (pomerano), conforme Hermann-Winter e Vollmer (2008) e Vollmer (2021). Do mesmo modo podemos pensar em um *continuum* do pomerano no Brasil e os resultados que eu apresentei até o momento são indícios nesse sentido.

Como toda e qualquer língua, não podemos dissociar o pomerano de seus falantes e de fatores sociais, culturais, históricos, políticos e econômicos. A partir dessa premissa, discuto a partir de agora como se dá a distribuição das realizações dos itens lexicais no *corpus* como um todo e correlaciono com os fatores extralinguísticos levados em consideração no estudo (gênero, idade e localização geográfica). O gráfico 1 mostra a média percentual de cada grupo (1 ao 6), do *code-mixing* (coluna 8) e *code-switching* (coluna 9) em relação ao total de realizações.

Gráfico 01: Percentual de realizações para cada grupo



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme tendência já apontada na tabela 10, aqui também podemos observar que a maioria dos substantivos empregados nas entrevistas pertencem ao grupo 1, ou seja, são itens lexicais que ainda coincidem em forma e significado ao correspondente alemão. E com menos de 30%, temos o emprego de nomes em português na fala em pomerano por meio do fenômeno de *code-mixing*. Dois lados de uma mesma moeda. De um lado, o gráfico sinaliza o fato de que o pomerano falado em Arroio do Padre traz elementos que remetem ao repertório linguístico de origem. Do outro, temos o contato com o português. Ambos mostram quão dinâmica a língua é desde a chegada dos imigrantes ao Brasil.

Além disso, os grupos 2, 5, 7 e o *code-switching* apresentam percentual em torno de 5% cada. Juntos, eles representam 23% do vocabulário analisado. São as palavras que coincidem em forma, mas não em significado com o correspondente alemão (grupo 2), itens lexicais emprestados do português e adaptados foneticamente ao pomerano (grupo 5), empréstimos linguísticos do tipo 2 com forma e pronúncia tal qual o português adotados por os falantes não conhecerem vocábulo correspondente na língua de origem (grupo 7) e frases completas em português (*code-switching*).

A tabela 17 detalha quais são os percentuais médios de cada grupo e como todas as realizações estão distribuídas na fala de cada entrevistado.

Tabela 17: Distribuição da realização dos itens lexicais em cada entrevista

Grupos lexicais	Itens lexicais							Total de realizações por grupo	% de realizações por grupo
	Bárbara	Gabriel	Andréia	Mauro	Antônio	Carla	Estela		
Grupo 1	28	19	54	34	58	39	49	281	44,6%
Grupo 2	6	4	6	5	4	8	8	41	6,5%
Grupo 3	1	1	1	4	8	1	6	22	3,5%
Grupo 5	6	7	7	6	5	3	3	37	5,8%
Grupo 6	2	3	0	2	2	1	0	10	1,6%
Grupo 7	2	2	7	5	8	3	3	30	4,7%
8. <i>code-mixing</i>	12	10	48	27	32	29	14	172	27,2%
9. <i>code-switching</i>	17	0	14	5	1	0	1	38	6,1%
<b>Total de realizações por informante</b>	<b>74</b>	<b>46</b>	<b>137</b>	<b>88</b>	<b>118</b>	<b>84</b>	<b>84</b>	<b>631</b>	<b>100%</b>

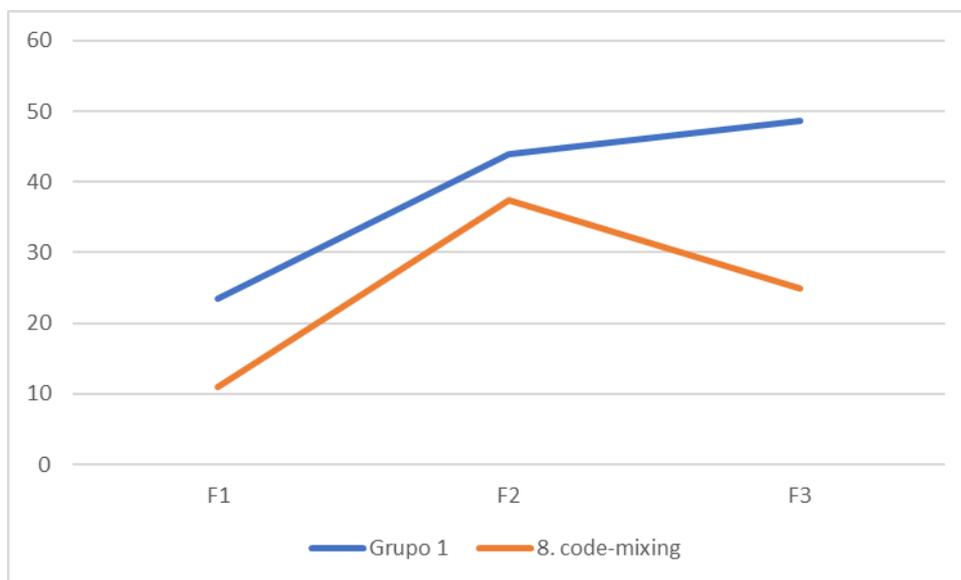
Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico 01 e a tabela 17 sinalizam para o fato de que a língua portuguesa parece ter um emprego amplamente difundido dentro da comunidade, ao mesmo

tempo em que o pomerano é empregado nas conversações cotidianas. Em tempo aparente, o grupo lexical com maior percentual (Grupo 1), com 44,6% das realizações totais, corrobora a hipótese inicial de que a base lexical do pomerano corresponde/coincide com a base lexical do alemão *standard* e do *Niederdeutsch*, assemelhando-se em vários itens lexicais produtivos ao idioma falado hoje na Alemanha e ao *Plattdeutsch* presente no estado alemão de *Mecklenburg Vorpommern*. Alguns exemplos são: a) *stad* (AS<sup>55</sup>: *Stadt*, ND<sup>56</sup>: *Stadt*, PB<sup>57</sup>: “cidade”); b) *kiner* (AS: *Kinder*, ND: *Kinner*, PB: “crianças/filhos”); c) *papa, mama* (AS: *Papa, Mama*; ND: *Papa, Mama*; PB: “pai, mãe”); entre outros.

Ao analisar o fator idade, foi necessário calcular a média de realizações por fase etária, uma vez que não há o mesmo número de informantes em cada célula. São dois entrevistados na F1 (Bárbara e Gabriel), dois na F2 (Andréia e Mauro) e três na F3 (Antônio, Carla e Estela). Quando isolamos o Grupo 1 e o Grupo 8 (*code-mixing*), temos o seguinte gráfico:

Gráfico 02: Influência da fase etária



Fonte: Elaborado pela autora

Em todas as fases etárias, há mais realizações no grupo 1 do que palavras advindas do fenômeno de *code-mixing*. Por outro lado, é na fase etária mais velha que a diferença aumenta, enquanto a F2 apresenta menos diferença. Os dados

<sup>55</sup> Alemão Standard, falado hoje na Alemanha.

<sup>56</sup> Niederdeutsch.

<sup>57</sup> Português Brasileiro.

indicam que os informantes entre 50 e 70 anos parecem ter um léxico mais próximo da língua de origem e do alemão *standard* falado na Alemanha. Já a F2 aparece com mais realizações de *code-mixing*, provavelmente impulsionada pelas realizações individuais de Andreia. Quando voltamos para a tabela 17, vemos que Mauro (F2) possui 34 realizações no grupo 1 e 27 para o *code-mixing*. Andréia (F2), por sua vez, aparece com 54 itens lexicais no grupo 1 e 48 no *code-mixing*. Além disso, Andréia apresenta o segundo maior número de ocorrências de *code-switching* (14 eventos), ao lado de Bárbara, com 17 realizações de *code-switching*.

Provavelmente, a fala de Andreia seja influenciada pelos seguintes fatores: Andréia trabalha em uma pequena loja de aviamentos no centro urbano de Pelotas (RS), ou seja, sua rede social vai além dos contatos comunitários em Arroio do Padre, diferentemente de Mauro cujas redes sociais estão fortemente atreladas aos laços familiares e locais; e duas das três pessoas com as quais Andréia mais interagia diariamente na época da entrevista residiam na cidade de Pelotas (RS) – sendo que uma delas não fala pomerano.

A hipótese de que os mais jovens tenderiam a apresentar mais empréstimos lexicais e estrangeirismos resultantes do contato linguístico com o português foi parcialmente confirmada, uma vez que, conforme a tabela 17, o número de realizações para os grupos 5, 6 e 7 juntos equivale a 12,1% do *corpus*. Além disso, foi a fala em pomerano dos mais jovens que apresentou menos itens lexicais em português, conforme o gráfico 2. Concomitantemente, a influência da língua portuguesa na fala em pomerano não se deu por meio de empréstimos e estrangeirismos portugueses integrados à língua de imigração, mas sim por meio do fenômeno de *code-mixing*. A própria diferença de realizações médias entre F1 e F2 quanto ao Grupo 8: *code-switching* também pode ser considerado um indício de como redes sociais *uniplex* como a de Andréia tendem a direcionar para o emprego de mais elementos advindos do português, especialmente no vocabulário.

Já os resultados com relação à F3 confirmam a hipótese de que os itens lexicais em pomerano possuem semelhanças fonológicas com o alemão *standard* falado atualmente na Alemanha, uma vez que, segundo Postma (2019), a base lexical do pomerano possui superstrato alemão. Além disso, há semelhanças fonológicas entre o pomerano falado em Arroio do Padre e o *Niederdeutsch* presente na provável região de origem dos imigrantes. Logo, os dados apontam que o pomerano e o alemão *standard* vêm da mesma matriz em comum. A tabela 18

detalha as realizações médias entre as fases etárias, corroborando as conclusões até o momento expostas.

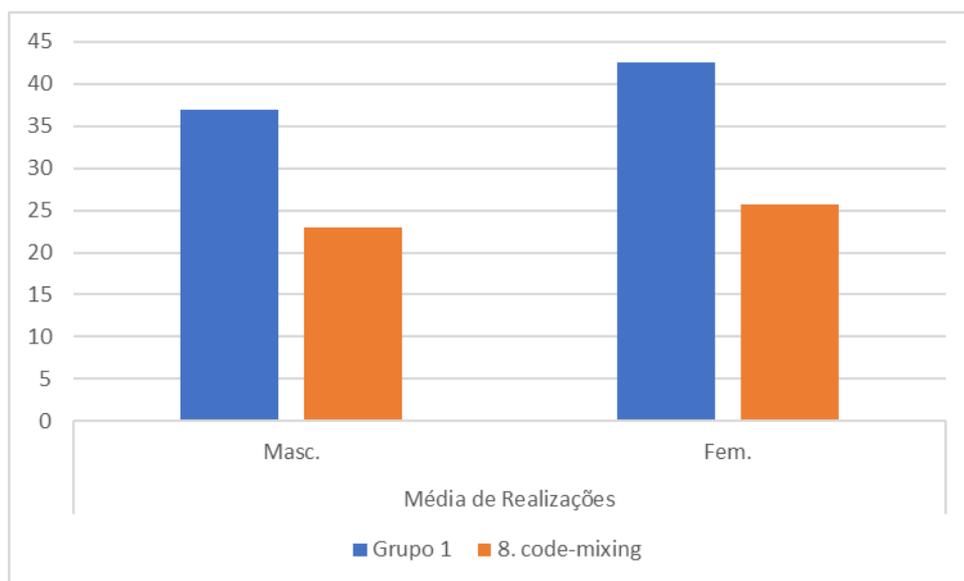
Tabela 18: Média de realizações por fase etária

Grupos lexicais	Média de Realizações		
	F1	F2	F3
Grupo 1	23,5	44	48,7
Grupo 2	5	5,5	6,7
Grupo 3	1	2,5	5
Grupo 5	6,5	6,5	3,7
Grupo 6	2,5	1	1
Grupo 7	2	6	4,7
8. <i>code-mixing</i>	11	37,5	25
9. <i>code-switching</i>	8,5	9,5	0,7

Fonte: Elaborado pela autora

Quando olhamos para a influência do fator gênero, percebemos que homens e mulheres apresentaram comportamento semelhante. O gráfico 3 ilustra como as realizações para o grupo 1 e para o *code-mixing* se distribuem entre os gêneros. Novamente, foi necessário calcular a média de realizações, pois o *corpus* é formado por três homens e quatro mulheres.

Gráfico 03: Influência do gênero



Fonte: Elaborado pela autora

Da mesma forma que o grupo 1 é preponderante quando analisamos a idade, o mesmo ocorre quanto ao gênero, com pouca diferença entre homens e mulheres. Optei por não analisar gênero e idade juntos, pois a quantidade de informantes não permite. Diferentemente de Mackedanz (2016) e da hipótese de estudo, a fala feminina não apresentou maior quantidade de empréstimos lexicais e estrangeirismos advindos do contato linguístico entre português e pomerano. A fala das mulheres possui pequena diferença em relação à ocorrência de *code-mixing*, o que não é considerado significativo para confirmar a hipótese inicial. Ainda que as mulheres mais jovens (Andreia e Bárbara) possuam mais eventos de *code-switching* (ver tabela 17), seria necessário um corpus maior e com o mesmo número de informantes por célula.

O que proponho é compreendermos os dados de meu estudo como bons indícios para futuras pesquisas quanto ao léxico pomerano no Brasil, especialmente quanto à influência da língua portuguesa no vocabulário pomerano e como isso pode estar correlacionado a fatores sociais, dentre eles o gênero. O fato de dados de *code-switching* serem realizados majoritariamente por mulheres deve ser entendido como sintomático de como se dá o contato linguístico entre pomerano e português. Porém, isso requer estudo mais específico.

A tabela 19 mostra qual a média de realizações de cada grupo lexical de acordo com o gênero dos informantes, quatro mulheres e três homens.

Tabela 19: Média de realizações por gênero

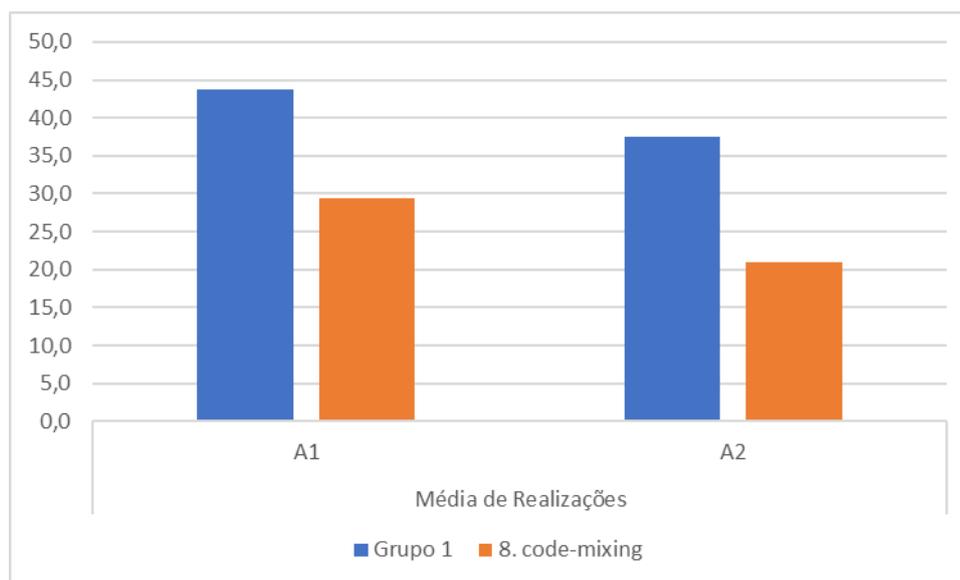
Grupos lexicais	Média de Realizações	
	Masc.	Fem.
Grupo 1	37	42,5
Grupo 2	4,3	7
Grupo 3	4,3	2,3
Grupo 5	6	4,8
Grupo 6	2,3	0,8
Grupo 7	5	3,8
8. <i>code-mixing</i>	23	25,8
9. <i>code-switching</i>	2	8

Fonte: Elaborado pela autora

Para o terceiro fator extralinguístico, localização geográfica, observamos comportamento linguístico diferente entre os informantes da A1 (central, com

características urbanas e onde ficam os comércios e a prefeitura) e da A2 (rural e mais distante do centro urbano de Pelotas). O gráfico 4 nos mostra como o léxico quanto ao grupo 1 e *code-mixing* é empregado em cada comunidade. Novamente, foi calculada a média de realizações para cada grupo lexical, pois o *corpus* apresenta três informantes da A1 e quatro da A2.

Gráfico 04: Influência da localização geográfica



Fonte: Elaborado pela autora

São os informantes da A2 (Bárbara, Gabriel, Andréia e Estela) que apresentam menos realizações do fenômeno de *code-mixing*, provavelmente por ser uma área mais isolada, basicamente rural e com menos acesso ao centro urbano mais próximo. Já os informantes da A1 (Antônio, Mauro e Carla), pertencentes à F2 e F3, possuem média de realizações maior para itens lexicais que coincidem com o alemão *standard* e com o *Niederdeutsch*. Parece-me que os resultados do gráfico 4 complementam o gráfico 1 acerca da influência da idade, uma vez que metade dos informantes da A2 são da fase etária mais jovem, ao passo que na A1 temos dois informantes entre 50 e 70 anos. É possível então inferir que o fato de os mais jovens residirem em uma comunidade mais afastada explique o menor número de ocorrências de *code-mixing* na fala em pomerano. Por outro lado, são os moradores mais velhos em meio a uma comunidade mais urbanizada que tendem a apresentar maior quantidade de realizações para o grupo 1.

A tabela 20 a seguir detalha como a média de realizações está distribuída por área nos demais grupos lexicais.

Tabela 20: Média de realizações por localização geográfica

Grupos lexicais	Média de Realizações	
	A1	A2
Grupo 1	43,7	37,5
Grupo 2	5,7	6
Grupo 3	4,3	2,25
Grupo 5	4,7	5,75
Grupo 6	1,7	1,25
Grupo 7	5,3	3,5
8. <i>code-mixing</i>	29,3	21
9. <i>code-switching</i>	2	8

Fonte: Elaborado pela autora

Desse modo, podemos inferir que possivelmente estamos diante de um fator identitário relacionado à idade. Os mais velhos tendem a apresentar vocabulário com mais itens lexicais produtivos que coincidem com o alemão *standard* e com o *Niederdeutsch*. Uma forma de manter o pomerano em um contexto em que a presença do português parece ser maior, pois a A1 é o centro político, comercial e administrativo de Arroio do Padre. Isso se confirma quando também percebemos que há maior ocorrência de *code-mixing* na A1.

Assim, diante dos resultados aqui expostos, percebemos o espaço que a língua portuguesa vem ganhando em Arroio do Padre. Ao mesmo tempo, ainda conseguimos comparar o léxico do pomerano ao *Niederdeutsch* e ao alemão *standard* devido às semelhanças fonológicas, o que me permite dizer que não podemos dissociar o pomerano falado no Brasil, neste caso no RS, da língua alemã e de suas variedades, especialmente aquela presente no território de origem.

## 6 Conclusão

Os resultados desta pesquisa devem ser vistos como sintomáticos da diversidade cultural e linguística brasileira, além de ser um diagnóstico da variabilidade do vocabulário pomerano falado no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul. A descrição e análise dos dados realizadas ao longo do capítulo anterior nos ajudam a caracterizar o léxico pomerano enquanto língua de imigração, trazendo subsídios também para pesquisas futuras. Hoje é possível observar como o vocabulário pomerano é empregado pelos seus falantes e como tal uso nos permite perceber que o pomerano não pode ser dissociado da base germânica e ao mesmo tempo possui influências da língua portuguesa.

A hipótese 1 de que os itens lexicais em pomerano teriam semelhanças fonológicas com o alemão *standard* foi confirmada. De acordo com Postma (2019), o pomerano integra o *continuum* da língua alemã quanto ao aspecto cultural (percebido no léxico) e a aspectos gramaticais. O grupo lexical 1 (palavras de origem germânica que coincidem em forma e significado com a correspondente germânica) é o grupo com mais realizações no *corpus* de Arroio do Padre (RS). E isso nos permite afirmar que há semelhanças fonológicas entre o pomerano falado no Brasil com o alemão *standard* e com o *Niederdeutsch* presente no território de origem. A comparação com dicionários dialetais pomeranos de regiões que pertenceram à antiga Pomerânia confirma que podemos fazer o caminho inverso, do Brasil para possíveis regiões dialetais de origem dos imigrantes. Além disso, em termos de estrutura linguística o *Niederdeutsch* pertence às línguas germânicas do Mar do Norte, o que também pode ser estendido para o pomerano devido aos resultados aqui encontrados. Logo, o pomerano enquanto língua de imigração brasileira coincide com a base germânica e por isso não podemos dissociar o pomerano, o alemão *standard* e o baixo-alemão.

A segunda hipótese de que os mais jovens apresentariam mais empréstimos lexicais e estrangeirismos vindos do contato com o português foi parcialmente confirmada. Diferentemente do que eu previa, a influência do português na fala em pomerano ocorreu através do fenômeno de *code-mixing*, segundo maior grupo lexical em realizações. E não foram os mais jovens que apresentaram mais realizações do fenômeno. O *code-mixing* apareceu em todas as fases etárias, especialmente com maior média de realização na F2, provavelmente influenciado

pelas redes *uniplex* de Andreia (A1, F2), a qual mantinha contato diário com pessoas que não falavam o pomerano. Isso aponta para a importância das relações comunitárias e familiares como forma de manutenção do pomerano, ao mesmo tempo em que é inegável a influência que o português exerce na fala em pomerano.

Com a hipótese 3, eu esperava que a fala feminina apresentaria maior quantidade de empréstimos lexicais e estrangeirismos advindos do contato linguístico entre português e pomerano. No entanto, a fala em pomerano de homens e mulheres não apresentou diferenças significativas; conforme tabela 19, as médias de realizações para os grupos lexicais mais frequentes no *corpus* (grupo 1 e *code-mixing*) ficaram próximas. Isso sugere que outros fatores podem incidir sobre o léxico pomerano. Seria necessário um *corpus* mais robusto e com mais informantes por célula, uma limitação deste estudo por conta da pandemia, a qual não permitiu maior coleta de dados.

A hipótese 4, por sua vez, foi confirmada. Conforme esperado, os laços interpessoais entre os informantes constituem redes sociais densas e múltiplas, em que todos se conhecem e convivem. Especialmente nas festas locais e nas atividades ligadas às comunidades religiosas é que os informantes mantêm seus laços. E o domínio da família pode ser considerado fator que contribui para a manutenção do pomerano; é em família que a língua de imigração é empregada e se torna, por isso, elemento de coesão entre seus pares. Logo, falar em pomerano entre amigos e familiares é elemento que carrega valor identitário em Arroio do Padre, resultado também encontrado por Mackedanz (2016).

Importante também destacar a relação entre fase etária e localização geográfica. Os informantes mais jovens residem na A2, mais afastada do centro urbano e mais rural e são eles que apresentam menor número de ocorrências para o fenômeno de *code-mixing* quanto aos substantivos na fala em pomerano. Já a maioria dos informantes mais velhos (F2 e F3) moram na A1, mais urbanizada, e apresentam média maior de realizações do grupo lexical 1. No entanto, conforme a tabela 20, os valores médios não se diferenciam significativamente. Seria necessário obter mais dados de mais informantes. Essa é uma tônica que pode ser estendida a todas as variáveis extralinguísticas analisadas neste estudo. Por conta das limitações impostas pela pandemia, não foi possível realizar mais entrevistas e obter mais informantes por célula, como prevê o aporte variacionista. Sendo assim, inferências sobre o valor social do uso do léxico pomerano carecem de mais dados e

entrevistas sociolinguísticas, algo que pesquisas futuras podem nos ajudar a compreender melhor.

Embora se tenha aqui uma amostra da fala pomerana em Arroio do Padre (RS), ela ainda assim é válida para definir como uma língua de imigração é empregada, especialmente em gerações distantes da chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil. Conforme o gráfico 2, as fases etárias mais velhas (F2 e F3) têm maior percentual de itens lexicais semelhantes às variedades germânica *standard* e *Niederdeutsch*, enquanto os mais jovens (F1) apresentam menos realizações nesse sentido. Para o fenômeno de *code-mixing*, (conforme gráfico 2) os mais velhos (F3) apresentam queda significativa na quantidade de ocorrências para a mistura de códigos. E é na F2 que ocorre o maior número de realizações para o *code-mixing*, provavelmente pela influência individual da rede *uniplex* de Andreia. Tal fato sugere que quanto mais a língua portuguesa é empregada como língua de comunicação cotidiana (como é o caso de Andreia, F2), maior será a sua influência na fala em pomerano. Concomitantemente, os dados quanto ao grupo lexical 1 na F3 (gráfico 2) sugerem que a manutenção do pomerano pode estar também atrelada à fala dos mais velhos. Seriam os mais velhos que tendem a manter o pomerano.

Nesse sentido, em consonância com Pupp Spinassé (2016; 2017), o pomerano dispõe de regras internas e características específicas, as quais conduziram a língua ao seu atual estágio. Por esse motivo, foi necessário levar em consideração a análise de ocorrências para o *code-switching* e o *code-mixing* e criar grupos lexicais para além dos sete iniciais. O pomerano, assim como outras línguas de imigração germânicas (aqui destaco o *Hunsrückisch*), também é influenciado pelo contato linguístico com o português e não pode ser dissociado da base germânica. Os dados quanto à variabilidade do léxico pomerano aqui expostos sinalizam tais conclusões. Contudo, por suas características originais de baixo-alemão, é notório que o pomerano ainda traz traços que o ligam a outras variedades germânicas, como o *Niederdeutsch*, conforme observado nos itens lexicais comparados aos dicionários dialetais pomeranos (tabela 14).

Assim, a principal contribuição deste estudo reside na caracterização do léxico pomerano, por meio da qual é possível ter mais aspectos linguísticos e socioculturais registrados. Dessa forma, esse registro do pomerano como língua de imigração germânica nos permite investigar e explorar a língua e, ao mesmo tempo, mostrar seu parentesco com o baixo-alemão (*Niederdeutsch*). Ainda que tenhamos a

influência inegável do português por meio da mistura de código, muitas semelhanças com o baixo-alemão se mantêm, especialmente pelo fato de o grupo 1 ser o grupo com maior quantidade de realizações no *corpus* analisado. A partir da caracterização realizada neste estudo, futuros trabalhos terão subsídios para o possível desenvolvimento de ações para a manutenção e promoção da língua nas comunidades onde ele é falado. Além de promover a consciência linguística e o multilinguismo, uma vez que falar pomerano permite uma aproximação com o alemão *standard* e com o baixo-alemão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, Astrid; EHLERS, Christiane; GOLTZ, Reinhard; KLEENE, Andrea; PLEWNIA, Albrecht. *Status und Gebrauch des Niederdeutschen. Erste Ergebnisse einer repräsentativen Erhebung*. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache e Institut für niederdeutsche Sprache, 2016.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Ed. Cortez, 7. ed., cap. 1, p. 21-48, 2007.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão-português). In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n.49, p.141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson.; RASO, Tommaso; MELLO, Heliana. Os contatos linguísticos e o Brasil. Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MORELLO, Rosângela. (Orgs.) *Hunsrückisch. Inventário de uma língua do Brasil*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.
- AMARAL, Luís Isaias Centeno do.; BORGES, P. R. S. *Sociolinguística Educacional: confluência e defluência*. Pelotas: Editora da UFPel, Caderno de Letras, v. 24, n. 12, p. 89-99, 2006.
- AMARAL, Luís Isaias Centeno do. Marcadores linguísticos de gênero e sua relação com a adesão escolar de meninos impúberes. In: *Identidade Social e Contato Linguístico no Português Brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 37-71, 2015.
- AMARAL, Luís Isaias Centeno do. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2003.
- AUER, Peter. From code-switching via language mixing to fused lects: toward a dynamic typology of bilingual speech. In: *Interaction and Linguistic Structures*. Freiburg: p. 1-28, 1998.
- BANDEIRA, Marta Helena Tessmann. *Diferenças entre crianças monolíngues e multilíngues no desempenho de tarefas de funções executivas e na transferência de padrões de VOT (Voice Onset Time) entre as plosivas surdas do pomerano, do português e do inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2010.
- BATTISTI, Elisa; SANTOS, Bruna Silva dos; GUTTERRES, Rodrigo Lerner; TEIXEIRA, Thomaz Torres; CUNHA, Victória Goulart. Alternância de estilo em entrevistas sociolinguísticas: uma aplicação dos critérios da Árvore de Decisão

laboviana. *Revista do GEL*, v. 18, n. 3, p. 311-334, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/> Acesso em: 08 set. 2022

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação Linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p.79-98.

BAYLEY, Robert. Quantitative Paradigm. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Hoboken: Blackwell Publishing, 2003, p. 91-109.

BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil. *Sociolinguistic Variation. Theories, Methods and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BEILKE, Neubiana Silva Veloso. *Pommersche Korpora: uma proposta metodológica para compilação de corpora dialetais*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Uberlândia, 2016.

BEILKE, Neubiana Silva Veloso. *Descrição de alguns substantivos e verbos do léxico pomerano segundo a base de dados Pommersche Korpora*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Uberlândia, 2022.

BILHARVA DA SILVA, Felipe. *O contato português-pomerano na produção dos grupos [Cr] e [rC]: o caso das vogais suarabáticas*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019.

BILHARVA DA SILVA, Felipe. *Produção oral e escrita dos róticos em Arroio do Padre (RS): avaliando a relação português/pomerano com base na Fonologia Gestual*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2015.

BLANK, Marcell Tessmer. *Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)*. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pelotas, 2013.

BONOW, Nathália. *Lugar, identidade e memória: narrativas acerca do ontem (década de 1990) e do hoje (2021) dos processos emancipacionistas de Arroio do Padre/RS e Triunfo do Sul – Pelotas/RS*. 2021. 150 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Pelotas, 2021.

BORGES, Paulo Ricardo Silveira. Análise histórico-social-linguística de quatro famílias da comunidade pomerana da região de Pelotas/RS. *Caderno de Letras (UFPEl)*, Pelotas, v. 1, n.10, p. 191-211, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maria. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Tradução: Mário Guerreiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1976.

BOURDIEU, Pierre. *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

CAMACHO, Roberto Gomes. *Da linguística formal à linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CARBONI, Florence; PORTO, Débora Luciene; BARILI, Camila; MELEU, Suélen Martins. O plurilinguismo na história do Brasil: considerações exploratórias. *In: Organon – Plurilinguismo na educação e na sociedade*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: v. 32, n. 62, 2017, p. 149-167.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO*, 4, Pelotas, 2010. *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2010. p. 872-962. Disponível em: <http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

COUTO, Hildo Honório do. Conceituando contato de línguas. *In: COUTO, H. H. Linguística, ecologia e ecolinguística - Contato de línguas*. São Paulo: Contexto, p. 49-60, 2009.

COARACY, Vivaldo. *A colônia de São Lourenço do Sul e seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Oficinas Gráficas Saraiva, 1957.

DABÈNE, Louise & MOORE, Danièle. Bilingual speech of migrant people. *In: MILROY, Lesley & MUYSKEN, Pieter. One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 17-44, 1995.

DAMÉ, Vergília Spiering. *O contato entre português e pomerano em São Lourenço do Sul/RS; redes sociais e a produção de VOT*. 2020. 392 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2020.

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. *A identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

ECKERT, Penelope. Age as a Sociolinguistic Variable. In: COULMAS, Florian. *The Handbook of Sociolinguistics*. Malden, EUA: Blackwell Publishing, p. 151-167, 1998.

FERGUSON, Charles Albert. Diglossia. *Word. Journal of linguistics* 15, v. 1, p. 325-340, 1959.

FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, C.; VERÍSSIMO, N. (Org.). *Educação e Cultura*. Funchal: Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira, 2008. p. 43-53. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf> . Acesso em 23 julho 2022.

FISHMAN, Joshua. The Relationship between Micro- and Macro-Sociolinguistics in the Study of Who Speaks What Language to Whom and When. In: PRIDE, J.B. & HOLMES, J. (eds). *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Pinguim Books, p. 15-32, 1972.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Amostras sociolinguísticas: probalísticas ou por conveniência? *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018.

GOMES, Gustavo Crizel; GOMES, João Carlos; BARBIERI, Rosa Lia; SOUSA, Letícia Penno de. Environmental and Ecosystem Services, Tree Diversity and Knowledge of Family Farmers. *Floresta e Ambiente*, v. 26, p. 1-12, 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Location-of-Serra-dos-Tapes-on-the-map-of-Rio-Grande-do-Sul-Brazil\\_fig1\\_329870392](https://www.researchgate.net/figure/Location-of-Serra-dos-Tapes-on-the-map-of-Rio-Grande-do-Sul-Brazil_fig1_329870392) . Acesso em: 08 set. 2022.

GROSJEAN, François. A psycholinguistic approach to code-switching: the recognition of guest words by bilinguals. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. *One speaker, two languages*. Nova York: Cambridge University Press, p. 259-275, 1995.

GROSJEAN, François. *Life with two languages. An introduction to Bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GÖTZ, Dieter. *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache Deutsch-Deutsch*. Berlin: Langenscheidt, 2019.

GUMPERZ, John J.; BLOM, Jan-Petter. O significado social na estrutura linguística: alternância de códigos na Noruega. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. [Org.]. *Sociolinguística Interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2013 [1972]. p. 45-84.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HACKENHAAR, Daniele. *Vida e trajetória do povo pomerano: a imigração pomerana para o Brasil*. 2018. 70f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Florianópolis, 2018.

HAMERS, Josiane F.; BLANC, Michel H. A. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004 [1989].

HEREDIA, Christine de. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. [orgs.]. *Multilinguismo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

HERMMAN-WINTER, Renate; VOLLMER, Matthias. *Das Pommersche Wörterbuch*. Berlin: Band 1, A-K, 2008.

HINTEREDER, Peter. *Tatsachen über Deutschland*. Frankfurt am Main: Societäts Verlag, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Arroio do Padre. [S.l.]: [2022]. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/341JA>. Acesso em: 29 jan. 2022.

JOST, Franz: *Hinterpommersches Wörterbuch der Mundart von Groß Garde (Kreis Stolp)*. Auf Grund der von Franz Jost (1887-1958) gesammelten Materialien bearbeitet und zu einem Wörterbuch gestaltet von Hans-Friedrich Rosenfeld. Köln [u. a.]: Böhlau, 1993.

JOHNSTONE, Barbara. Place, globalization and linguistic variation. In: FOUGHT, C. (Org.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 65-83.

KROCH, Anthony S. Toward a theory of a social dialect variation. In: *Language in Society*. Cambridge, n. 7, p. 17-36, 1976.

LAABS, Kurt: *Belbucker Wörterbuch. Der Wortschatz der ehemaligen Abtei Belbuck und einiger Randgebiete*. Murnau: Selbstverlag, 1988.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge: Cambridge Press, 2006.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAUDE, Robert: *Hinterpommersches Wörterbuch des Persantengebietes*. Hg. von Dieter Stellmacher. Köln [u. a.]: Böhlau, 1995.

LIMBERGER, Bernardo Kolling. Leitura de palavras em língua minoritária: a construção do léxico ortográfico em hunsriqueano. *Delta*, São Paulo, v 37.2, p. 1-26, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/48072> Acesso em: 19 set. 2022.

MACKEDANZ, Daiane. *O papel da identidade para a manutenção do Pomerano na Serra dos Tapes, RS*. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2016.

MACKEDANZ, Daiane; PUPP SPINASSÉ, Karen. Influência da fase etária no uso do léxico em pomerano. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 245–267, 2022.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/122815>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MACKEY, William F. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, J. A. *Readings in the Sociology of Language*. Paris: Mouton the Hague, 1972, p. 555-584.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. *Psicologia Clínica*. [online], vol.30, n.2, p. 265-286, 2018. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-56652018000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-56652018000200005&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 08 set. 2022.

MALTZAHN, Gislaine Maria. Memórias Míticas: uma proposta de análise sobre as narrativas orais dos descendentes pomeranos da Serra dos Tapes/RS. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 4, Pelotas, 2010. *Anais [...]*. Pelotas: UFPel, 2010, p. 905-915. Disponível em: <http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf> . Acesso em: 10 ago. 2019.

MALTZAHN, Paulo César. *A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (Década de 1980 até os dias atuais)*. 2011. 335 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Prefácio. In: SILVA, S. S. (Org.). *Línguas em Contato: cenários de Bilinguismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Pontes, p. 9-13, 2011.

MEY, Jacob L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e Identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, p. 69-88, 1998.

MILROY, Lesley; MILROY, James. Social network and social class: toward an integrated sociolinguistic model. In: MILROY, L.; MILROY, J. *Language in Society*. Newcastle upon Tyne, United Kingdom: Cambridge University Press, p. 1-26, 1992. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/4168309?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/4168309?seq=1#page_scan_tab_contents) Acesso em: 08 set. 2022.

MILROY, Lesley. Language ideologies and linguistic change. In: FOUGHT, C. (Ed.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 161-177.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

MORELLO, Rosângela (org.). *Leis e línguas no Brasil. O processo de cooficialização e suas potencialidades*. Florianópolis: Nova Letra Gráfica e Editora, 2015.

MORELLO, Rosângela; SILVEIRA, Mariela. *Inventário da Língua Pomerana. Língua Brasileira de Imigração*. Florianópolis: IPOL e Garapuvu, 2022.

MOZZILLO, Isabella. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (Org.) *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001, p. 287-324.

MUJICA, Marina Marchi. *Atitude, orientação e identidade linguística dos pomeranos residentes na comunidade de Santa Augusta- São Lourenço do Sul-RS- Brasil*. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2013.

PENNA, Maura. Relatos de imigrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e Identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, p. 89-112, 1998.

PEREIRA, Bárbara Cristina Silva. Branqueamento, mestiçagem e “democracia racial”: desdobramentos de um racismo à brasileira. In: IX JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, São Luís: *Anais [...]*, p. 24-36, 2019.

PINHO, Isis da Costa. Diversidade e Identidade: as micro-decisões na manutenção/perda de uma língua materna minoritária. In: *Revista Contingentia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 3, nº 1, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/4159> . Acesso em: 08 set. 2022.

POPE, Jennifer; MEYERHOFF, Miriam; LADO, Robert. Forty years of language change on Martha’s Vineyard. *Journal Linguistic Society of America*, v. 83, n. 3, p. 615-627, 2007.

POSTMA, Gertjan. *A Contrastive Grammar of Brazilian Pomeranian*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2019.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Os conceitos de Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*. v. 1, p.1-10, 2006.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Os imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil: a língua como fator identitário e inclusivo. In: *Revista Conexão Letras*. Porto Alegre: PPG-Letras, UFRGS, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/20697> . Acesso em: 08 set. 2022.

PUPP SPINASSÉ, Karen. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. *Revista Espaço Plural*. Marechal Cândido Rondon, v. 9, n. 19, p. 117-126, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1934> . Acesso em: 10 set. 2023.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung. In: LENZ, A. N. *German Abroad. Perspektiven der*

*Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Wien: Vienna University Press, 2016, p. 81-102.

PUPP SPINASSÉ, Karen. A contribuição do português para a constituição lexical do Hunsrückisch em situação de contato linguístico. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro, v. 3 n. 13, 2017, p. 94 – 109. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2017.v13n3a16385>. Acesso 11 jun. 2022.

PUPP SPINASSÉ, Karen; SAVEDRA, Mônica. Estudos de contato no GT de Sociolinguística. *Revista da Anpoll*. Florianópolis, v. 52, n. esp., p. 103-117, 2021.

RADÜNZ, Willian. *Variação e mudança lexical da língua brasileira de imigração alemã Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol: análise pluridimensional da variável <fósforo/Streichholz>*. 2016. 58 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas, Porto Alegre, 2016.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RÖLKE, Helmar Reinhard. *Descobrendo Raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1996.

SALAMONI, Giancarla; ACEVEDO, Hilda Costa; ESTRELA, Lígia Costa (Org.). *Os Pomeranos: valores culturais da família de origem pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 1995.

SANDERS, Willy. *Sachsensprache, Hansensprache, Plattdeutsch. Sprachgeschichtliche Grundzüge des Niederdeutschen*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1982.

SCHAUMLOEFFEL, Marco Aurelio. Por que dizer “sich aposentieren” no Hunrückisch brasileiro está correto? *In: Revista Projekt*. Ivoti, RS, n. 52, p. 3-5, 2014. Disponível em: <https://abrapa.org.br/abrapa-admin/publicacoes/pdfpublicacao-40.pdf> Acesso em: 10 set. 2023.

SCHILLING-ESTES, Natalie. Sociolinguistic Fieldwork. *In: BAYLEY, R.; LUCAS, C. Sociolinguistic Variation. Theories, Methods, and Applications*. Cambridge: Cambridge Press, 2007, p. 165-189.

THUM, Carmo. *Educação, história e memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes*. Tese (Doutorado em Educação) – Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2009.

TRESSMANN, Ismael. As categorias lexicais dos nomes e dos adjetivos em Pomerano. *In: MELO, S. M; SOUZA, M. T. (Org.). Pomeranos no Brasil: olhares, vozes e histórias de um povo*. Rio de Janeiro: Letras e Versos Edição, 2015. p. 13-33.

TRESSMANN, Ismael. *Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português*. Vitória: Gráfica e Encadernadora Sodré, 2006.

VAHL, Mônica Strelow. *Motivações para a alternância de código português-pomerano entre alunos do Ensino Médio do Arroio do Padre – RS*. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2017.

VANDRESEN, Paulino. Contato linguístico e bilinguismo em Arroio do Padre-RS. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 7, 2006, Pelotas, RS. MATZENAUER, C.L. B. et al. (Orgs.). *Anais*. Pelotas: EDUCAT, p. 1-6, 2006.

VOLLMER, Matthias. Das pommersche Wörterbuch. In: LENZ, Alexandra N.; STÖCKLE, Philipp. *Germanistische Dialektlexikographie zu Beginn des 21. Jahrhunderts*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 303-318, 2021.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. Espírito Santo (Universidade Federal do Espírito Santo): Revista *Dimensões*, vol. 16, p. 236-250, 2006.

WEIDUSCHADT, Patrícia. Pomeranos, luteranismo e a educação na região meridional do RS. In: MELO, S. M; SOUZA, M. T. (orgs.). *Pomeranos no Brasil: olhares, vozes e histórias de um povo*. Rio de Janeiro: Letras e Versos Edição, 2015, p. 55-71.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WILLE, Leopoldo. *Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul: trajetória-mitos-cultura*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

ZIEGLER, Arne. *Deutsche Sprache in Brasilien. Untersuchungen zum Sprachwandel und zum Sprachgebrauch der deutschstämmigen Brasilianer in Rio Grande do Sul*. Essen: Ed. Die Blaue Eule, 1996.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Entrevista nº \_\_\_\_\_

 Área 1 Área 2

1. Nome:
2. Idade: _____ <input type="checkbox"/> F1 <input type="checkbox"/> F2 <input type="checkbox"/> F3
3. Qual sua profissão?
<i>(Se agricultor ou agricultora)</i>
4. Há quanto tempo você já trabalha na lavoura? E com quem?
5. O que vocês plantam na propriedade? Onde vendem os produtos? Há criação de animais?
6. Com quem aprendeu a cuidar da lavoura e da propriedade? E o que você mais gosta de cultivar/plantar? Por quê?
7. Quem da família vai pra lavoura? E quem costuma ficar em casa? Fazer o almoço?
8. Além da agricultura, você tem outra ocupação? Qual? Onde você a realiza? E por quê?
9. Onde estudou o ensino fundamental? O ensino-médio? E realizou curso superior? (Onde e qual?)
<hr/>
<i>(Se <b>não</b> agricultor ou agricultora)</i>
4. Há quanto tempo você trabalha nesse local?
5. Onde trabalhou antes?
<i>(Se na lavoura)</i>
5a. O que vocês plantavam na propriedade? Onde vendiam os produtos? Havia criação de animais?
5b. Quem da família ia pra lavoura? E quem costumava ficar em casa? Fazer o almoço?
5c. Quanto tempo você trabalhou na lavoura? Com quem? E o que te levou a sair da agricultura?
6. Além da atual, você possui outra ocupação? Qual? Onde você a realiza? E por quê?
7. Como é a divisão das tarefas em casa/na propriedade? Quem geralmente faz o quê?
8. Onde estudou o ensino fundamental? O ensino-médio? E realizou curso superior? (Onde e qual?)

(Se estudante)

4. Onde estudou o ensino fundamental? O ensino-médio? Realizou, realiza ou pretende fazer um curso superior? (Onde e qual?)

5. Qual é a profissão de teus pais?

6. Você ajuda nas tarefas da casa/propriedade? Quais atividades você faz? Por que você auxilia? Você gosta?

7. Teus pais acham que tu deverias continuar os estudos? Por quê?

8. E tu concordas em continuar (ou não) os estudos? Por quê?

9. Quantas pessoas moram em sua casa?

10. E qual(is) língua(s) você(s) fala(m) em casa? E na lavoura (*caso a base de sustento da família seja a agrícola*)?

11. (*Se falam mais de uma*) Qual língua é mais falada em casa (pomerano ou português)? E na lavoura/no trabalho? Por quê?

12. Qual foi a primeira língua que você aprendeu a falar? Onde e com quem?

13. Em qual língua você prefere falar? Por quê?

14. Qual língua é mais natural para você atualmente? O que a diferencia das outras para você?

15. Tu gosta de ler?  Sim  Não

16. O que tu costuma ler?  Jornal  Revista  Bíblia  Livros

17. Com que frequência você costuma ler?

18. Você é casado ou possui namorada(o)?  Sim  Não

18a. (*Se sim*) Qual foi a primeira língua que sua companheira/seu companheiro aprendeu?

18b. (*Se casado ou namorando*) Em qual língua vocês mais falam? Por quê?

19. Você possui filhos ou pretende ter?  Sim  Não

19a. (*Se sim*) Quantos? E qual a idade deles?

20. Qual língua você ensinou para seus filhos ou pretende ensinar? Por quê?

#### **DADOS SOCIOMÉTRICOS INDIRETOS**

21. Quais são as três pessoas com quem você mais conversa fora de sua casa? E em qual língua, geralmente?

22. Qual a idade delas? Onde elas nasceram? Onde moram atualmente?

23. Onde você se encontra com essas pessoas?

24. Que atividades vocês realizam juntos? E desde quando se conhecem?

25. Você sempre morou em Arroio do Padre? (*Se não*) De onde vens?

26. (*Se advém de outra cidade*) Há quanto tempo você mora em Arroio do Padre? \_\_\_\_\_

<p>27. E você gosta de morar aqui, no _____ (Área 1)/ _____ (Área 2)? Por quê?</p>
<p>28. Para qual(is) cidade(s) da redondeza você vai com mais frequência? (Canguçu, SLS, Pelotas)</p> <p>29. Você faz compras em Arroio do Padre? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não (Se <b>não</b>: em que cidade(s) compras?)</p> <p>Como? (<input type="checkbox"/> carro <input type="checkbox"/> moto <input type="checkbox"/> ônibus)</p> <p>30. Você tem acesso à internet (em casa)?</p> <p>31. O que mais gosta de fazer aos finais de semana?</p> <p>32. Quais locais costuma frequentar? Com quem?</p> <p><input type="checkbox"/> igreja/culto <input type="checkbox"/> baile/festa de comunidade</p> <p><input type="checkbox"/> jogos de futebol/campeonatos coloniais <input type="checkbox"/> outros</p>
<p>33. Na tua opinião, como é a maioria das pessoas que moram em Arroio do Padre?</p> <p><input type="checkbox"/> avaliação positiva (+) <input type="checkbox"/> avaliação negativa (-)</p> <p>34. Principal característica dos moradores daqui: (qualidade ou defeito)</p> <p>35. Como é a fala dos pomeranos em relação às pessoas da cidade?</p> <p><input type="checkbox"/> avaliação positiva (+) <input type="checkbox"/> avaliação negativa (-)</p>
<p><b>CONVERSA LIVRE</b></p> <p>1a) Quais atividades você realiza na comunidade? (Coral, OASE, bocha, etc) Quando e onde vocês se encontram?</p> <p>1b) Em qual língua vocês mais gostam de falar quando estão juntos? Por quê?</p> <p>2a) Durante sua infância, quais eram suas brincadeiras preferidas? Descreva-as.</p> <p>2b) Em qual(is) língua(s) costumavam falar quando brincavam?</p> <p>3a) Durante sua infância, como era o desenvolvimento do Arroio do Padre? (trabalho na lavoura, economia, escola)</p> <p>3b) Como você acha que a emancipação de Arroio do Padre influenciou a vida das pessoas? E o uso do pomerano?</p>
<p><b>DADOS SOCIOMÉTRICOS DIRETOS</b></p> <p>- Você conhece _____ (citar nomes das pessoas já entrevistadas, de ambas as áreas)?</p> <p>- Há quanto tempo vocês se conhecem?</p> <p>- Onde vocês se encontram geralmente?</p> <p>- E quais atividades vocês fazem juntos?</p>

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COMPLEMENTAR

Ficha nº \_\_\_\_\_

 Área 1 Área 2

<b>Preencha esta ficha com as informações solicitadas:</b>					
1. Nome completo: _____					
2. Idade: _____			3. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino		
4. Data de nascimento: ____/____/____					
5. Endereço: _____ _____					
6. Quantas pessoas moram na mesma propriedade/residência? _____					
<b>Marque com um X a(s) opção(s) adequada(s) nas perguntas abaixo:</b>					
7. Qual sua escolaridade?					
EFi	EFc	EMi	EMc	ES	Analfabeto
8. Qual a religião de sua família?				9. Qual língua é mais falada em casa?	
Católica	IECLB	IELB	Livre	Outra: Qual?	Outra: Qual?
10. Onde você aprendeu a falar em <b>pomerano</b> ?				11. Você fala em <b>pomerano</b> diariamente?	
( ) Em casa				( ) Sim	
( ) Na escola				( ) Não	
12. Em que ambientes você fala em <b>pomerano</b> ?					
( ) Na igreja/culto					
( ) Nos jogos de futebol					
( ) Nas festas da comunidade					
( ) Em casa					
( ) No trabalho					
( ) Na escola/faculdade					
( ) Na lavoura					
( ) Nas vendas, com amigo(a)s					
( ) No coral					
( ) Na OASE					
( ) Outro(s). Qual(is)? _____					
13. Onde você aprendeu a falar em <b>português</b> ?				14. Você fala em <b>português</b> diariamente?	
( ) Em casa				( ) Sim	
( ) Na escola				( ) Não	
12. Em que ambientes você fala em <b>português</b> ?					
( ) Na igreja/culto					
( ) Nos jogos de futebol					
( ) Nas festas da comunidade					
( ) Em casa					
( ) No trabalho					
( ) Na escola/faculdade					
( ) Na lavoura					
( ) Nas vendas, com amigo(a)s					
( ) No coral					
( ) Na OASE					
( ) Outro(s). Qual(is)? _____					

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
 Instituto de Letras  
 Programa de Pós-Graduação em Letras  
 Doutorado



O SIGNIFICADO SOCIAL DO USO DO POMERANO NA SERRA DOS TAPES, RS

Prof. Dra. Karen Pupp Spinassé

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa *O significado social do uso do pomerano na Serra dos Tapes, RS*. Eu, Daiane Mackedanz, professora de alemão da escola Colégio Bonja e doutoranda em Sociolinguística na UFRGS, estou realizando um estudo sobre a relação entre o léxico, mais precisamente, os nomes em pomerano e fatores e valores socioculturais característicos de uma comunidade de descendentes pomerano, sob a orientação da Professora Dra. Karen Pupp Spinassé. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é analisar como e em que medida o léxico quanto aos nomes em pomerano se relaciona a valores socioculturais e linguísticos no município de Arroio do Padre, RS.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s) caso você aceite o convite: você participará de entrevista em pomerano gravada em áudio e realizada pela professora pesquisadora e, posteriormente, responderá em português a um questionário sobre os contextos de uso do português e do pomerano.

Para participar deste estudo, você assinará um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Você recebeu duas vias deste documento, uma delas deverá ser entregue para a professora pesquisadora e a outra ficará em seu poder.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações poderei modificar a decisão de participar se assim o desejar. Sendo assim, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Arroio do Padre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020 .

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do(a) participante

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do(a) pesquisador(a)

Em caso de dúvida ou necessidade de esclarecimentos sobre o estudo, ou se acreditar que algum prejuízo pode ser causado por sua participação no estudo, por favor, entre em contato:

**Profa. Dra. Karen Pupp Spinassé**

Prédio Administrativo do Instituto de Letras – Sala 108 – Campus do Vale

Av. Bento Gonçalves, 9500 – 91501-000 – Porto Alegre, RS

Telefone: (51) 3308-6699

E-mail: [spinasse@ufrgs.br](mailto:spinasse@ufrgs.br)

Em caso de dúvida ou necessidade de esclarecimentos relacionada a seus direitos e participação nesta pesquisa, por favor, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS):

**Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS**

Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre – RS.

Cep 90035-003

Telefone: (51) 3308-5698

E-mail: [cep-psico@ufrgs.br](mailto:cep-psico@ufrgs.br)